

**CARLOS TÚLIO DA SILVA MEDEIROS**

**A LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE SOB OS OLHOS DE  
SÍLVIO JÚLIO DE ALBUQUERQUE LIMA**

**PORTO ALEGRE  
2007**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA  
ESPECIALIDADE: LITERATURA COMPARADA  
LINHA DE PESQUISA: TEORIAS LITERÁRIAS E  
INTERDISCIPLINARIDADE**

**A LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE SOB OS OLHOS DE  
SÍLVIO JÚLIO DE ALBUQUERQUE LIMA**

**CARLOS TÚLIO DA SILVA MEDEIROS**

**ORIENTADORA: PROFA. DRA. SARA VIOLA RODRIGUES**

Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE  
2007**

Para Léa Masina, Lígia Chiappini,  
Bernardo e Eliete

## **AGRADECIMENTOS**

Os meus mais sinceros agradecimentos a todos aqueles amigos que, com palavras simples, iluminaram os caminhos escuros nas horas das diversidades.

Um agradecimento especial à Profa. Dra. Lígia Chiappini Moraes Leite, da Freie Universität Berlin e Universidade de São Paulo, que esteve ao meu lado como co-orientadora, conselheira e amiga.

## RESUMO

Sob os olhos do pernambucano Sílvio Júlio, esta dissertação mostra o caminho por ele traçado quando o tema era o pampa ou a própria comarca pampeana, através das obras Pampa (1919), Estudos Gauchescos de Literatura e Folclore (1953), Literatura, Folclore e Linguística da área gauchesca no Brasil (1962) e Folclore e Dialectologia do Brasil e Hispanoamérica (1974).

Nosso trabalho (re)conta a história do homem pampeano sul-rio-grandense, através do olhar estrangeiro de Sílvio Júlio, seja essa história a partir da contribuição platina, seja ela a partir da contribuição lusófona, já que estas influenciam até hoje os costumes, os hábitos, a cultura gaúcha como um todo. As análises realizadas sobre as obras permitiram uma reflexão a respeito do processo de formação social e histórica do gaúcho e do próprio estado do Rio Grande do Sul, uma vez que, remetendo-se ao ambiente de fronteira, Sílvio Júlio pôde enxergar em sua totalidade as benesses e mazelas que o homem interiorano sofreu, principalmente nas primeiras décadas do século XX. Poderemos observar ainda sob esse olhar o efeito devastador que alguns intelectuais xenófobos gaúchos produziram ao longo dos anos a respeito da história e do étimo sul-rio-grandense.

A produção intelectual silviojuliana apresenta uma crítica embasada plena e unicamente a partir do argumento, subsidiada, em todos os casos, por exemplos, causando muitas vezes em seu leitor a necessidade de reavaliação de conceitos e preceitos formados a partir do olhar contemporâneo. Assim, com este trabalho, pretendemos mostrar que o comparatista Sílvio Júlio de Albuquerque Lima necessita ser resgatado, ou ao menos ser lembrado pelos meios acadêmicos, uma vez que a sua obra, no mínimo, contribui para ampliar a discussão sobre a história e literatura sul-rio-grandense e a sua permanente relação com a cultura do Prata.

## ABSTRACT

This thesis shows the basis of the information the pernambucano Sílvio Júlio chose to deal with the language of the Pampa or the *Comarca Pampeana*, found in the literary works Pampa (1919), Estudos Gauchescos de Literatura e Folclore (1953), Literatura, Folclore e Lingüística da área gauchesca no Brasil (1962) e Folclore e Dialectologia do Brasil e Hispanoamérica (1974).

This work (re)tells the history of the *pampeano* man from Rio Grande do Sul, through the eyes of Sílvio Júlio taking into consideration both the Platianian and the Lusitanian contributions because they have influenced until today the customs, the habits, the gaucho's culture as a whole. The analyses made in the literary works allowed a reflection regarding the social and historical formation process of the gaucho as well the state of the Rio Grande do Sul, and going back to the frontier environment Sílvio Júlio saw, in its totality, the benefits and tribulations that the people of the frontier endured, especially in the first decades of 20<sup>TH</sup>. Through this thesis, but considering yet what Silvio Julio saw, it be able to observe the devastating effect that some xenophobes and intellectuals gauchos produced over the years in respect to the etymology and history of Rio Grande do Sul.

Silvio Julio's intellectual production allows criticism based exclusively upon the fact that his example give cause for reevaluation of the concepts and rules in the mind of a contemporary reader. Thus, this thesis intends to show that the comparatist Sílvio Júlio de Albuquerque Lima needs to be rescued, or at least be remembered by the academic circles because it contributes to extend the discussion about the history and the literature of Rio Grande do Sul as well as its permanent relationship with the culture of Prata Region.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1 AS VOZES ATUANTES NA FRONTEIRA PLATINA DO RS – PERCEPÇÕES INICIAIS: FRONTEIRA, LIMITE E IDENTIDADE – DEFINIÇÕES.....</b>	<b>12</b>
<b>2 PRÓLOGO SOBRE UM CERTO DR. SÍLVIO JÚLIO.....</b>	<b>22</b>
<b>3 O CONTEXTO HISTÓRICO NACIONAL / SUL-RIO-GRANDENSE X LITERÁRIO.....</b>	<b>28</b>
<b>4 A VISÃO PARTICULAR DO VIAJANTE SÍLVIO JÚLIO A RESPEITO DA IDENTIDADE DO GAÚCHO NA COMARCA PAMPEANA.....</b>	<b>34</b>
<b>5 PAMPA.....</b>	<b>40</b>
<b>6 ESTUDOS GAUCHESCOS DE LITERATURA E FOLCLORE X LITERATURA, FOLCLORE E LINGÜÍSTICA DA ÁREA GAUCHESCA NO BRASIL.....</b>	<b>56</b>
6.1 Equívocos sobre a história, lingüística e etnografia do Rio Grande do Sul.....	57
6.2 Nótulas lingüísticas à obra de Simões Lopes Neto por Aurélio Buarque de Holanda	62
6.3 Augusto Meyer.....	65
6.4 Os contos de Alcides Maya.....	66
6.5 Simões Lopes Neto.....	70
6.6 Vocabulário adicionado por Sílvio Júlio ao final dessa obra.....	75
<b>7 FOLCLORE E DIALECTOLOGIA DO BRASIL E HISPANOAMÉRICA.....</b>	<b>79</b>
7.1 Orientação para a pesquisa dialectológica em áreas gauchescas do Brasil.....	79
7.2 Alguns arcaísmos portugueses e hispano-pletinismos no linguajar gauchesco do Brasil.....	85
7.3 Origem da palavra “chimarrita”, nome de uma dança que foi usada entre gaúchos.....	88
7.4 Como se chamou “Tirana” a uma antiga dança espanhola que os gaúchos usaram.....	96
7.5 Por que no sul do Brasil se diz ‘barbaquá’ e não ‘barbacoa’.....	99
7.6 Não é literatura o folclore peruano de origem quéchua.....	102
7.7 Juan Rodríguez Freile e Ricardo Palma.....	104
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>117</b>

## INTRODUÇÃO

A proposta de estudar Sílvio Júlio de Albuquerque Lima tem como objetivo o seu resgate enquanto crítico literário, filólogo, dialectólogo, folclórico brasileiro, entre tantas outras ocupações por ele assumidas ao longo da carreira. Devido a sua contribuição nos mais variados campos do saber, não só à Literatura Brasileira, com destaque especial à Literatura Sul-Rio-Grandense, como também à Latino-Americana, fica evidente a sua importância e a necessidade de tê-lo como um de nossos cânones acadêmicos.

Analisar as obras do crítico Sílvio Júlio de Albuquerque Lima é, antes de tudo, aceitar um desafio, se considerarmos que ele é sempre convincente, uma vez que se utiliza de uma ferramenta poderosa: a sua argumentação solidamente embasada pelo conhecimento e a experiência. Sílvio Júlio escreve com propriedade, e é essa argumentação que nos conduz a uma área de fronteira, a um sentimento de ambivalência entre as suas palavras e as dos demais pesquisadores, principalmente os de sua época, que se deixavam levar, muitas vezes, pela paixão ufanista. Vendo dessa maneira, entendemos que falar de Sílvio Júlio é falar essencialmente de Literatura Comparada, é sentir que estamos diante de um marco delimitador no que diz respeito aos nossos preconceitos de fato, pois, após a leitura de suas obras, precisamos assumir uma posição. Estudá-lo é falar da relação de alteridade, é falar do outro que está ali à frente, ao nosso lado, ao redor. É, ainda, falar de Fronteira, termo recorrente durante todos os momentos em que lemos Sílvio Júlio, é lembrar de nomes que escreveram sobre regionalismo e a realidade do meio pampeano como Alcides Maya, Javier de Vianna, Acevedo Diaz, José Hernández e João Simões Lopes Neto, autores do passado através de suas obras ficcionais, mas também de críticos atuais como Ángel Rama, Antônio Candido, Lúcia Chiappini, entre outros. Então, se é este o nome que nos acompanha nesse trajeto silviojuliano, precisamos entender que falar de Fronteira é discutir temas maiores como

a questão do Multiculturalismo, de Intercâmbio, de História, de Cultura Regional e Nacional, do homem em si. É falar sobre aquilo que mais nos aflige, ou seja, sobre quem somos.

Logo, falamos de Identidade e a construção da nossa está intimamente relacionada com a possibilidade de integração. A Literatura Comparada permite ao pesquisador ousar, considerando que o mesmo vai ultrapassar fronteiras, condição *sine qua non* para com ela trabalhar. Sendo assim, faz-se necessário entender que “Literatura Comparada é o estudo da literatura além dos limites de um determinado país, e o estudo das relações entre a literatura, de um lado, e outras áreas do conhecimento como as artes (p. ex., pintura, escultura, arquitetura, música), filosofia, história, ciências sociais (p. ex., política, economia, sociologia), religião, etc., de outro. Em síntese, é a comparação de uma literatura com outra ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana” (REMAK, 1961), o que, no decorrer de sua carreira, permitiu a Sílvio Júlio de Albuquerque Lima construir sua obra, num sentido antecipatório.

No dia-a-dia, vivemos e discutimos essa realidade. Somos comparatistas natos, pois tal exercício, nós o fazemos amiúde e num ambiente de fronteira como ocorre com o estado do Rio Grande do Sul, objeto de trabalho de Sílvio Júlio, isso é mais do que natural, considerando que este contato é tão comum quanto sair à rua, trocar de roupa, etc. Nossos melhores exemplos estão aí com as cidades-irmãs: Chuí-Chuy, Jaguarão-Rio Branco, Santana do Livramento-Rivera, Uruguaiana-Pasos de Los Libres.

O intercâmbio existente entre os habitantes fronteiriços não pode e não passa despercebido pela Literatura Comparada, uma vez que a necessidade de conhecer, compreender e valorizar as práticas culturais, de reconhecer suas fronteiras como possibilidades de trocas e não como limitação é um trabalho permanente e incansável de todos os envolvidos nesse campo. Mesmo estudando, pesquisando e vivendo num espaço influenciado pela globalização, quem vem ou quem vai rumo à fronteira, percebe a forte presença das manifestações culturais originalmente carregadas de características próprias, e Sílvio Júlio pôde perceber muito claramente e registrar essa realidade na tríplice fronteira sulista já nos idos de 1915.

É no espaço da Literatura Comparada que encontramos refúgio para entender Sílvio Júlio e, muito mais que isso, para realizar o estudo mais profundo do tema Fronteira e de suas raízes, especialmente aquela presente no ambiente que Ángel Rama chamou de Comarca Pampeana.

Quando publica em 1982 a obra La novela latinoamericana: Panoramas 1920-1980, ele nos apresenta o termo *comarca pampeana*, um dos mais conhecidos e utilizados pelos

intelectuais da literatura latino-americana quando se referem ao pampa. Pode-se afirmar que *Comarca* foi um dos conceitos mais importantes em sua obra, porque, como numa criação de um novo mapa latino-americano, Rama afirmava que as fronteiras latino-americanas, como as demais ao redor do mundo, também foram delineadas e determinadas a partir de acordos feitos em solo europeu pelos países colonizadores, consubstanciados pelo capitalismo de países como o Reino Unido e Estados Unidos da América, em expansão.

Tais acordos, praticamente, nunca consideravam elementos como as sensibilidades de regiões culturais definidas, nem as linhas geograficamente definidas. Para essas áreas de fronteira, Rama atentava para a existência de regiões dotadas de certa homogeneidade cultural característica, a qual ele denominava *comarcas*, cujas dimensões extrapolavam os limites dos países constituídos.

Dessa forma, Rama conclui que haveria na América do Sul três comarcas: A Pampeana, abrangendo a Argentina, Uruguai e o extremo sul do Brasil; a Andina, que ia desde o norte da Argentina até a Colômbia e Venezuela, e, por último, a Comarca Amazônica, que cobrindo a região caribenha, reuniria, ainda, as ilhas e as costas adjacentes.

Ángel Rama costumava afirmar, considerando as delineações do espaço pampeano, que os gaúchos, por exemplo, tem mais a ver com o Uruguai e Argentina do que com o Mato Grosso do Sul ou São Paulo. Nosso contexto histórico-literário se forma nesse ambiente como também nossos verdadeiros heróis, que se confundem com ou se encontram mascarados como bandeirantes, pistoleiros, garimpeiros, fazendeiros, contrabandistas, dirigentes políticos, mártires, homens simples ou não, pois é no espaço de fronteira, por definição terras sem dono, que eles alcançam a glória, conquistando terras distantes para uma sociedade dita civilizada.

Com toda essa riqueza de cultura, a região pampeana configura-se num magnífico campo de pesquisa, já que as tensões e especificidades próprias do ambiente fronteiro são notadas em nossa Comarca até hoje, oportunizando ampla discussão sobre “a constituição e, também, a desconstrução das identidades culturais, enquanto contraponto plural à homogeneidade da Nação como comunidade imaginada” (BHABHA, 1998, apud CHIAPPINI, 2004).

Foi nesse campo, minado de riquezas culturais, que o professor catedrático da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o pernambucano Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, descobriu seu baú recheado de moedas de ouro. Ao escrever no Rio Grande do Sul e sobre ele, de maneira consciente, ou não, é certo que a partir de suas reflexões encontramos um rico conteúdo a respeito do processo de nascimento do estado sul-rio-grandense, sobre a formação étnica, cultural, folclórica, de seus vocábulos, como também quanto ao seu étimo. Em terras

gaúchas, ou longe delas, Sílvio Júlio foi um visionário às avessas, pois ao mesmo tempo em que fez uso, nos primeiros anos década do século XX, de conceitos hoje necessariamente conhecidos e aplicados, como os da *interdisciplinaridade* e da *intertextualidade*, para falar e explicar aos habitantes, principalmente os da fronteira, a respeito de suas origens, sobre a beleza dessas terras e a demagogia política, procurando, também, motivá-los ao ato de reação contra tudo e àqueles que os massacravam.

Na elaboração de nosso texto, estabelecemos como *corpus* para trabalhar as obras silviojulianas que tratavam ou falavam exclusivamente da literatura e história pampeana, em especial àquela voltada para o estado do Rio Grande do Sul, já que esse autor tratou de muitos temas ao longo de sua carreira: de análise poética, de prosa, de cultura latino-americana, em especial as dos países como o Brasil, Peru, Venezuela e Colômbia, biografias, etc.

Nosso trabalho estará estruturado da seguinte forma: Inicialmente, apresentaremos algumas ponderações a respeito do tema Identidade, das influências platinas em solo sul-rio-grandense e do significado de fronteira para os habitantes da comarca pampeana, uma vez que esses tópicos permearam essa região desde os primeiros momentos em que, por aqui, os europeus navegaram.

A seguir, apresentaremos um prólogo sobre nosso pesquisado, Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, no qual faremos um apanhado sobre a sua vida e as razões que o trouxeram para o Rio Grande do Sul, mais precisamente para a fronteira sul-rio-grandense. O terceiro momento de nossa dissertação tratará do contexto histórico-literário em caráter nacional, contudo enfatizando o local, tendo como referencial teórico de maior relevância a obra de Carlos Alexandre Baumgarten, estudioso da Crítica Literária sul-rio-grandense, principalmente aquela demarcada entre o Romantismo e o Modernismo.

A visão particular de Sílvio Júlio de Albuquerque Lima a respeito da identidade do gaúcho na comarca pampeana será analisada logo a seguir, a partir das seguintes obras: Pampa (1919), Estudos Gauchescos de Literatura e Folclore (1953) x Literatura, Folclore e Lingüística da Área Gauchesca no Brasil (1962) e Folclore e Dialectologia do Brasil e Hispanoamérica (1974).

## **1 AS VOZES ATUANTES NA FRONTEIRA PLATINA DO RS – PERCEPÇÕES INICIAIS - FRONTEIRA, LIMITE E IDENTIDADE – DEFINIÇÕES**

Por estar localizado em área de fronteira, o estado do Rio Grande do Sul enfrenta inúmeras realidades distintas das de outros estados da nação brasileira. A sua localização geográfica permite, em alguns momentos, uma situação confortável, em outros não, se considerarmos as várias influências externas nos costumes, hábitos, comércio, economia e até na própria língua.

No entanto, temos notado que esse relacionamento com o outro lado da fronteira tem se transformado, em muitos momentos, numa terceira via de convivência e integração para os cidadãos que ali habitam.

A influência percebida no homem local, tanto no lado brasileiro quanto nos países vizinhos, Uruguai e Argentina, altera, muitas vezes, o próprio conceito de fronteira, conseqüentemente de nação, já que as diferenças existentes só são notadas e lembradas a partir do momento em que seus habitantes precisam tomar decisões que necessitem da autorização dos centros de poder de cada país, momento em que o "interiorano", seja ele

brasileiro-sul-rio-grandense, uruguaio ou argentino, lembra que vive no país vizinho, fala um idioma tipicamente fronteiriço, trabalha do outro lado do seu país, estuda, faz compras, mas não tem aquela nacionalidade.

Logo, um caminho favoravelmente apto para realizarmos o estudo sobre os povos que nessa região vivem e convivem é via Literatura, em especial a Literatura Comparada, pois será através dela que conseguiremos identificar as *vozes, a história, a cultura, o folclore, etc.*, elementos estes que servem de elo entre os cidadãos das várias microrregiões que compõem aquele espaço, e por entendermos que é através da Literatura que as fronteiras vão além.

O desafio de buscar novas terras, cruzar oceanos e descobrir riquezas, fez com que aportassem os primeiros europeus, principalmente os portugueses e espanhóis. Esse ultrapassar fronteiras desencadeou um processo de descoberta do outro, a sua nomeação e, conseqüentemente, as primeiras narrativas da alteridade.

Quando Terra Gaúcha, de João Simões Lopes Neto, é publicado em 1955<sup>1</sup>, o referido autor pelotense inicia sua obra explicando o porquê daquele nome, afirmando que

em 3 de dezembro de 1530, partia de Portugal Martin Affonso de Souza para a execução de três ordens de capital valor para a coroa portuguesa: 1. expulsar os franceses do litoral brasileiro; 2. fortificar os fortes com artilharia e, 3. verificar a costa desde S. Vicente até o rio da Prata. Trazia, ainda, carta de grandes poderes, tanto no crime como no cível, sem das suas sentenças dar apelação nem agravo... Da Ilha de Cananea a armada partiu para o Sul em 26 de setembro do ano seguinte. Reinava, então, o equinócio. Imperavam o carpinteiro e o vento dos pampas<sup>2</sup>. Água, ventos, relâmpagos, mar grande, cabres partidos e traquetes, amarras quebradas, trovoadas, baixos e arrecifes, batéis arrebatados pelas ondas, a tudo somavam os incidentes da viagem, que culmina com a perda da capitanea junto ao arroio algum tempo chamado de Martim Affonso, o Chuy<sup>3</sup>, que ... parece, o destino

---

<sup>1</sup> Em outubro de 1955, Manoelito de Ornellas, convidado a fazer o prefácio da obra simoniana, já chamava a atenção dos leitores e da crítica gaúcha, afirmando que “a obra simoniana era passível de alguns reparos, em face de documentos que João Simões Lopes Neto não conheceu em seu tempo. No entanto, jamais as falhas decorrentes de uma incompleta e pobre bibliografia invalidaram a grandeza da obra, na magnífica estrutura de seus princípios e de suas idéias”.

<sup>2</sup> É bem provável que Simões Lopes esteja se referindo ao vento *minuano*, vento de origem polar atlântica que, proveniente do Oceano Pacífico, cruza as Cordilheiras e penetra no Brasil pelo oeste do estado do Rio Grande do Sul, podendo chegar ao norte do país. Caracteriza-se pelo frio cortante que sopra pelo sudoeste, especialmente sobre a campanha, em média, três dias seguidos. O *carpinteiro* também é um vento, muito temido pelos navegadores, que ocorre no sentido Sueste, muito comum na costa do nordeste brasileiro.

<sup>3</sup> Em Terra Gaúcha, obra incompleta de João Simões Lopes Neto (1955), o escritor natural de Pelotas-RS, contradiz essa informação, apresentando em suas próprias notas (p. 64, 65) que isso é infundado, já que o referido naufrágio de Martin Affonso de Sousa, ali, nunca ocorreu. Quando Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, publica em 1861, o diário de navegação de Pero Lopes, membro da tripulação de Martim Affonso, ocorre a dita confusão. Sobre o ocorrido, Sousa Docca (*O Naufrágio de Martim Afonso de Sousa*), afirma: “É curioso que houvesse sido Varnhagen, o divulgador do Diário de Pero Lopes, que primeiramente cometeu o erro de mencionar o naufrágio como ocorrido no Chuí. Disse o mestre, benemérito e erudito, anotando, em 1851, o tratado Descritivo do Brasil, de Gabriel Soares de Sousa: - Chama-se aqui Rio de Martim Afonso ao Mampituba, mas entenda-se que não foi neste rio, mas no pequeno *Chuim* que aquele capitão naufragou ... Martim Afonso de

marcava, já nessa hora, como o limite meridional da futura nacionalidade<sup>4</sup>.  
(LOPES NETO, 1955, p.13)

Logo, a conquista do denominado hoje Cone Sul pelos lusitanos, fato ocorrido por volta do século XVI<sup>5</sup>, com destaque à área platina e Rio Grande do Sul, acarretou para os seus habitantes uma série de conflitos, em especial o da identidade, compreendida aqui como um processo de construção de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significados, repletas, talvez, de identificações simbólicas.

Iniciando pela questão identitária, já que a mesma norteia este trabalho e ainda muitos debates até o presente momento, lembremos Oliven (1992), que entende o tema, explicando-nos da seguinte maneira: “são construções sociais formuladas a partir de diferenças reais ou inventadas que operam como sinais que conferem uma marca de distinção” (OLIVEN, op. cit., p.41) Aprofundando um pouco mais tal matéria, fundamental para a questão identitária, Lévi-Strauss afirma que a “identidade é algo abstrato, sem exigência real, porém indispensável como ponto de referência” (LÉVI-STRAUSS, 1977, apud BERND, 1992, p. 14).

Mas é a definição de Paul Ricoeur, na obra Tempo e Narrativa (1985), que nos possibilita trazer as vozes atuantes nas plagas locais para uma discussão mais ampla, quando o mesmo afirma que “a identidade não poderia ter outra forma do que a narrativa, pois definir-se é, em última análise, *narrar*. Uma coletividade ou um indivíduo se definiria, então, através ou a partir da forma como ela fala, de histórias que ela narra a si mesma, sobre si mesma e, destas falas e narrativas, poder-se-ia extrair a própria essência da definição implícita na qual esta coletividade se encontra”. (RICOEUR, 1985, apud BERND, op. cit., p. 17)

Seja a partir da questão nacional(idade) ou da identidade, o processo de formação do gaúcho, platino ou sul-rio-grandense, passa, antes de qualquer coisa, por combinações geográficas, biológicas, econômicas, culturais, históricas, etnográficas, sociológicas, antropológicas, e dessa forma, todo esse debate só nos levaria a concluir, de maneira incipiente, que haveria na formação do homem “daqui”, palavras, construções, prolóquios, frases e significados que se colam originalmente a coisas e acontecimentos da região;

---

Sousa naufragou na foz do Rio da Prata, em frente ao cabo de Santa Maria, conforme informações do dito diário, páginas 265/261”.

<sup>4</sup> A questão de nacionalidade da literatura brasileira sempre foi ponto de discussão para a crítica nacional, tendo sido, também, inúmeras vezes, avaliada pelos críticos no Rio Grande do Sul desde as primeiras produções. Para muitos críticos nacionais, a conquista de autonomia adquirida em 1822, foi um estímulo determinante para as produções com características nacionais.

<sup>5</sup> Documentos portugueses comprovam que no ano de 1501, os lusitanos estiveram em terras sul-rio-grandenses, contudo há discordâncias sobre quando e quem realmente veio.

conseqüentemente, várias vozes atuantes de maneira constante, tanto de um lado pampeano quando do(s) outro(s).

Nessa direção, qualquer trabalho em busca de respostas, tanto no campo literário ou lingüístico, quanto no de significados e conceitos correspondentes a objetos, seres, atos, etc, muito dificilmente deixará de fazer uso da Fisiologia, da Psicologia, da Sociologia, História, Antropologia, e do próprio Folclore, configurando-se, aí, um típico trabalho interdisciplinar<sup>6</sup>, a fim de extrair o conhecimento sugerido e colocado à disposição dos pesquisadores do tema Fronteira<sup>7</sup>.

Quando trabalhamos nesse espaço, no qual incluímos elementos como vozes, espaço fronteiriço, cultura, fundamentalmente devemos considerar as duas matrizes que atuam nesse processo de formação do gaúcho, ou seja, a platina e a brasileira, já que ambas ora se afirmam, ora se contradizem, quanto a quem mais colaborou no processo de construção lingüística, cultural, político-social, etc.

Pelo lado do platinismo, alguns estudiosos tendiam a conceder uma certa influência das raízes platinas na configuração histórico-social do sulino rio-grandense. Nessa direção, encontramos teóricos como Alfredo Varela, Rubens Barcellos, Aurélio Porto e Manoelito de Ornellas<sup>8</sup>, que defendia de maneira fervorosa a completa relação e influência do platino na formação do gaúcho.

Para Manoelito de Ornellas:

É inegável que está no tipo do gaúcho rio-grandense, quer no da fronteira como no do centro, pois as fazendas jesuíticas abrangiam quase todo o Rio Grande do Sul, a influência dos hábitos peculiares ao gaúcho platino. (ORNELLAS, 1966, p. 124)

(...)

O que se pretende dizer é que o gaúcho espanhol nasceu antes do gaúcho brasileiro e que o gaúcho brasileiro – com sangue português – adaptou-se à vida e aos hábitos de seu vizinho espanhol. (ORNELLAS, 1966, p. 125)

---

<sup>6</sup> “Não estaríamos longe do que preconizou Etiemble ao propor um estudo comparado das formas literárias. O caminho interdisciplinar, portanto, parece indicar como a literatura comparada pode se caracterizar como uma forma de reflexão generalizada e mesmo teorizadora sobre o fenômeno literário” (CARVALHAL, Tania – O próprio e o alheio. São Leopoldo, UNISINOS, 2003, p. 48)

<sup>7</sup> “nesse sentido, *fronteira* pode ser compreendida como uma espécie de ‘convenção estruturante’, um espaço de divisa e de delimitação que demarca, afirma identidades, e origina necessidades de representação”. (CARVALHAL, Tania – O próprio e o alheio. São Leopoldo, 2003, p. 154)

<sup>8</sup> Foi aluno de Sílvio Júlio de Albuquerque Lima.

Pelo lado brasileiro, no entanto, a tendência era desconsiderar as aproximações da constituição do gaúcho sul-rio-grandense com possíveis influências advindas do Rio da Prata. Os estudiosos preferiam ratificar a influência dos portugueses na dita formação, associada a um processo de miscigenação racial onde um dos componentes mais próximos seria o indígena. Quanto à contribuição indígena, historiadores como Moisés Vellinho, que defende a singularidade da formação do gaúcho sul-rio-grandense sem a decisiva influência platina, afirma que não houve, no Rio Grande do Sul, a propalada miscigenação em relação ao indígena, já que, de fato, com a vinda do progresso, o que houve, na verdade, foi a total “aniquilação pura e simples do índio em solo riograndense” (DACANAL, 1996, p. 30/31).

A partir dessas considerações, acabamos observando a enorme influência de ambas as matrizes, se levarmos em conta que o Brasil sofreu inúmeras contribuições na sua composição enquanto raça, língua, cultura, etc. O pesquisador da literatura ou da lingüística, por exemplo, tem aos seus pés um vasto mundo para exploração, pois temos criações vernáculas que vão do próprio gênio inventivo do povo luso-brasileiro – xodó, xereta, fofo, saudade; passando pelo grego – anjo, teatro, bíblia; pelo alemão – guerra, norte, sul; árabe – algodão, alfaiate, azeite; francês – elite, avenida, tricô, guichê; inglês – clube, bife, tênis xampu; pelo tupi – tatu, araponga, saci, pitanga; mas também pelo italiano, espanhol, russo, chinês, japonês, turco e línguas africanas.

Frente a todo esse contexto lingüístico, temos o mundo de fronteiras sem limites que se localiza no Sul do país, em solo sul-rio-grandense, mais precisamente no extremo meridional, ou seja, o pampa gaúcho. Se nos reportamos apenas a estudar a fala do povo gaúcho, com influências platinas ou não, cumprir-nos-á aproveitar todos os dados e conclusões que conseguirmos sistematizar na elucidação de aspectos não lingüísticos do existir entre *guascas*, pois qualquer palavra, locução ou período realmente gauchesco reproduzido ontem com continuidade de seu emprego até hoje, reflete acontecimentos, fatos, fenômenos do viver pampeano que extrapolam seus sentidos semânticos..

Esses elementos ou características explicam-se aí, histórica e psico-socialmente, antes mesmo de receberem causas e motivos de natureza glotológica, às vezes fonéticas e semânticas, outras, morfológicas e sintáticas, enfim. A partir desse referencial, passamos a encarar uma realidade rica e inteiramente diversa quanto aos influxos<sup>9</sup> que emergem da semântica platina.

---

<sup>9</sup> Termo empregado pela Prof. Dra. Léa Masina, da UFRGS, para nomear o projeto “Influxos platinos na literatura brasileira”, que consiste em identificar as mediações da voz nas literaturas de fronteira. Nessa perspectiva, Léa Masina busca resgatar a voz que se manifesta de modo nem sempre claro e muitas vezes latente

Precisamos romper “com as hierarquias entre os subsistemas literários, comparar os diferentes falares, examinando as relações ente a literatura oral e a escrita”. (MASINA, 2002) De outra forma, como poderemos considerar e/ou compreender o sentido de vocábulos ou expressões tipicamente sul-rio-grandenses, constantemente utilizados pelos fronteiriços até o presente, tais como: “...uma charrua, de chiripá, corria, estirado a meio lombo num tordilho *clinudo*” (MAYA, 1910, p. 15), “*a la fresca!... que demorou a tal fritada!*” (LOPES NETO, 1950, p. 12), *a la puxa, tchê!*

Muitas vezes, torna-se muito difícil para o pesquisador determinar os sentidos morfológico, fonético e semântico numa primeira audição ou leitura das vozes atuantes nas populações que habitam o pampa, já que “o típico reside, às vezes, exatamente no sentido exterior de um termo, em sua estrutura audível, quase sempre, entretanto, está na acepção psico-social que lhe impõe a mentalidade do povo”. (JÚLIO, 1974, p. 17-18)

Um exemplo interessante e ao mesmo tempo intrigante que podemos apresentar diz respeito à palavra *retalhado* (JÚLIO, op. cit. p. 19). Quando o campeiro, o guasca da fronteira, faz uso do termo transferindo para o mesmo o valor semântico pejorativo, significa que o seu rival é um derrotado na batalha amorosa<sup>10</sup>. Ao aplicar o vocábulo, o homem daquelas plagas o pronuncia devagar: *re – ta – lhááá – do!* Tal condição fonêmica enriquece o sentido metafórico do termo e o singulariza, de sorte que ele passa a adquirir o caráter unicamente gauchesco.

Outros vocábulos fazem parte desse meio e contexto, unicamente apreciados e aplicados pelos habitantes da região platina, seja ele do lado brasileiro, seja do lado uruguaio ou argentino: pampa, campanha/campania, gaúcho, cuchilha/coxilha, califórnia, guasca, peão, domado, campeiro, monarca, chasque, retalhado, gueixa (com variante em guincha), bagual, redomão, baio/tordilho/zaino; rucilho, tobiano/pangaré, terneiro, chiripa(á), bombacha, brete, camote, pinguancha, campo (campestre, campo dobrado, campo de lei), pago/querência, sanga, estância, chamalote, zanja, apero, monarca, ginete, etc.

Qual a origem dos vários vocábulos citados? De muitos sabemos, de muitos não, mas independente da origem são termos utilizados por ambos os lados das fronteiras, o que para o homem localizado naquela posição do mapa, pouco importa.

---

nos textos de narradores gaúchos considerados pela crítica como regionalistas ou neo-regionalistas. In: ABRALIC. Congresso Internacional (8:2002: Belo Horizonte, MG). Anais: Plenárias, semi-plenárias. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

<sup>10</sup> no conto *O Negro Bonifácio*, em *Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto (1912, p. 24), quando o autor o emprega “[...] a Tudinha [...] retalhou-lhe a cara [...]”, o sentido é o literal.

A exemplo da posição do homem fronteiriço, parece caber ao pesquisador apenas o acatamento, o “aceitar” a realidade vivida por aqueles, já que ali se vive a verdadeira realidade de influxos, de vozes atuantes determinando a realidade local, sem interferência de literatos, governos, etc. Estas realidades podem ser notadas nas cidades fronteiriças do Rio Grande do Sul, como Chuí, Jaguarão, Santana do Livramento, Uruguaiana, por exemplo, onde o falar é completamente diferente do restante do estado. O resultado dessa mistura, desse mosaico cultural é, exatamente, a formação de um terceiro idioma, denominado hoje de *portunhol*. Sua maior característica é que todos os cidadãos ali residentes se entendem da maneira mais clara possível, mesmo havendo a presença de dois idiomas na formação de um terceiro. Então, frente a isso, qual será a atuação do pesquisador? Aceitar simplesmente o que houve sem investigar as raízes dessas vozes? Parece restar a ele somente a opção de arregaçar as mangas e partir para a pesquisa a fim de explicar essa união, presenciada unicamente ali, e retratada de maneira nobre na literatura e na lingüística.

Sendo assim, ao longo dos anos, os pesquisadores da Literatura, em especial aqueles que trabalham com a Literatura Comparada, têm dedicado enorme espaço à pesquisa de fronteira(s), tema que há muito tempo está na mesa de discussão, já que o mesmo costuma aparecer emoldurado por características como paixão, costumes, tradição, política, provocações, etc.

Inicialmente, o que isso quer dizer ou representa? Quando somos gerados, vivemos envoltos pela placenta, na barriga do ser que nos gera e, em princípio, nos protege. Ao sairmos desse ambiente inicial, vivemos por algum tempo num espaço fronteiriço, cujos limites não vão além do cercado de nossos berços, muito bem marcados por limítrofes de madeira ou qualquer outro tipo de moldura de proteção. No entanto, o que nos interessa enquanto pesquisadores, muito mais que os limites desenhados e impostos pelo homem, são aqueles que vão além, aqueles que determinam e extrapolam os valores gêmeos das comunidades que na(s) região(ões) de fronteira interage(m).

Trabalhar o conceito de Fronteira parece não ser fácil, principalmente quando o mesmo está sob a observação da Literatura Comparada, já que o sentido envolve muito mais que a simples, mas nem tanto, e imaginária linha traçada de maneira *natural e artificial*<sup>11</sup>. No entanto, sabemos que “as fronteiras, mesmo as chamadas naturais, são resultados de

---

<sup>11</sup> O texto clássico que apresenta os esquemas classificatórios de fronteiras em naturais e artificiais chama-se Frontiers, de Lord Curzon of Kedleston (1907), vice-rei da Índia (1898-1905), também responsável pela pasta de Relações Estrangeiras da Grã-Bretanha (1919-1924).

convenções (bilaterais) ou de imposição (unilateral) (SIEGER apud STEIMAN & MACHADO, 2002, p.1 )”.

Ángel Rama afirmava que a definição de nossas fronteiras, em especial daquelas que formam o mapa latinoamericano, “fueron, en el mejor de los casos, determinadas por la viejas divisiones administrativas de la Colonia y, em una cantidad no menor, por los azares de la vida política, nacional o internacional”. (RAMA, 1982, p. 58)

Quando há dois lados, ou mais, trabalhando o ato de determinação de fronteiras, percebemos definitivamente que o intuito é o de demonstrar preeminência, supremacia, superioridade de um determinado conceito de fronteira sobre o outro. Podemos também considerar que foi com o advento do Estado Moderno (MIRANDA, 1975, p. 231), preconizado na Europa nos últimos 200 anos da Idade Média<sup>12</sup>, que aquela fronteira linear, geograficamente demarcada e delineada, torna-se imprescindível, uma vez que o Estado precisava impor-se enquanto Poder para determinar ou firmar sua soberania territorial. Parece ser de consenso geral que a palavra surgiu entre os séculos XIII e XV e deriva da raiz latina *Front*.

A Europa medieval considerava que uma determinada zona ou região era uma área, possuindo, então, uma largura, de modo a cumprir o objetivo de separação e não de contato; porém, tais “expedientes” parecem ter surgido ainda na Alta Idade Média, talvez por volta do século VII e VIII, quando foram construídos os “*marks*, ou *marches* (francês), ou marcas (espanhol), pelos reis francos e germânicos, territórios especiais, usualmente objeto de colonização, com a função de proteger as fronteiras do Império contra eslavos e outros povos com as quais não queriam contato. Cada *marca* tinha um administrador próprio, os denominados markgrafs, margraves ou marqueses, sendo que muitos delas deram origem mais tarde a reinos e estados independentes. Mais ou menos com a mesma função os romanos empregavam os *marcomanni*”. (STEIMAN & MACHADO, 2002)

Mas quando falamos de fronteira(s), precisamos considerar vários aspectos, entre os quais a questão do Regionalismo que a envolve, e, dentro deste, fatores importantes como o cultural, periférico ou não, que sempre foi muito rico em qualquer parte do país; o político, que determinou a formação das fronteiras por muito tempo, mas também o econômico, que é o que hoje determina o seu conceito, sugerindo um contexto mais globalizado, sobretudo a respeito do que podemos entender por Regionalismo ou Fronteira(s). Aliás, de maneira

---

<sup>12</sup> Durante esse período, aquele continente determinou a decadência dos senhores feudais, que até então mantinham a descentralização do Poder, dificultando a caracterização de nações territorialmente delimitadas e soberanamente constituídas.

incontestável, a globalização, processo social que atua no sentido de uma mudança na estrutura política e econômica das sociedades, ocorrendo em ondas, com avanços e retrocessos separados por intervalos que podem durar até séculos, conseguiu penetrar em todos os cantos do planeta, provocando fraturas nos vários, se não em todos, compartimentos da sociedade civil, causando nessa mesma sociedade uma necessidade de busca ou (re)descoberta de sua própria identidade.

O caso do pampa sulino tornou-se interessante porque “[...] o estado do Rio Grande do Sul, brasileiro, muestra vínculos mayores com em Uruguay o la región pampeana Argentina que com Matto Grosso o el nordeste de su propio país”. (RAMA, 1982, p. 58). Na divisão geográfica brasileira, portanto, percebe-se com a ação política uma integração com efeito desintegrador, já que em nome da unidade, o que se provoca é a diversidade cultural. Contudo, o que observamos na comarca pampeana, de uma maneira geral e permanente é o intercâmbio natural entre seus habitantes, independente de suas marcas e limites. Logo, na fronteira, compreendida como aquele espaço periférico, distante, longínquo das regiões de comando, do poder ou influência política direta, uma vez que, até certo ponto, não conta com instituições para instrumentalizá-la, a cooperação entre as cidades tem ocorrido de maneira informal e até mesmo através de acordos tácitos entre as autoridades locais dos países fronteiriços.

Para o pesquisador Paul Ganster<sup>13</sup>, autor da obra Border and Border Regions in Europe and North America (1997), esse processo é uma redução da atuação do Estado, no que diz respeito ao seu papel de guardião dos seus limites e de suas fronteiras. Mesmo ainda ocorrendo a forte participação estratégica deste Estado Central no desenvolvimento fronteiriço, ou não, tais ambientes passam a atuar de forma subnacional, já que passa a existir ali uma consciência do papel das comunidades envolvidas de ambos os lados da(s) fronteira(s), discutindo o que há de interesse comum para ambas e reforçando a influência e centralidade além dos limites impostos pelas leis dos homens e, dessa maneira, também os conceitos de limite e de fronteira. Um exemplo a ser citado dentro da comarca pampeana é a relação entre as cidades de Santana do Livramento-RS, no lado brasileiro, e Rivera, no lado uruguaio.

Esse imbricamento entre as cidades fronteiriças, a partir do que tinham em comum no campo da cultura, do processo de nascimento histórico, de sua formação geográfica e até

---

<sup>13</sup> “with the deemphasize of security as a strategic component of international relations, it appears that regions are emerging from the paternalistic control of the state, defining their own policy interests and, more and more, engaging in their own form of foreign policy by establishing trans-boundary problem-solving dialogues.” (GANSTER et al., 1997, p. 7)

antropológica, foi observado por Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, que morou inicialmente na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, no período entre 1916 e 1919, registrando tudo que pôde e o que dizia respeito ao estado gaúcho: homem, cultura, sua geografia, sua anatomia, sua história, seu processo de formação, seus limites e suas fronteiras. Sílvio Júlio tornou-se, antes de tudo, um apaixonado pelo solo sul-rio-grandense. Este será nosso objeto de estudo neste trabalho, porém tais conceitos e informações faziam-se necessários para entendermos a região e o que iremos apresentar.

## **2 PRÓLOGO SOBRE UM CERTO DR. SÍLVIO JÚLIO**

Nascido em 19 de novembro de 1895, na cidade de Recife, filho de Melquisedeque de Albuquerque Lima, general do exército brasileiro, e D. Júlia Jardim Espíndola, o jovem Sílvio Júlio de Albuquerque Lima ficou muito pouco tempo em terras recifenses. Dois anos após seu nascimento, a família necessita mudar para a cidade do Rio de Janeiro, e é ali, no subúrbio de Todos os Santos, na capital carioca, que passa toda a sua infância. Já em 1908, ingressou no Colégio Militar, de onde saiu somente em fins de 1913.

Segundo depoimento do próprio Sílvio Júlio, o período vivido na escola militar representou um dos momentos mais importantes de sua vida. Afirmava Sílvio Júlio: “Estudei durante toda a minha mocidade, mas não se compara o que agradeço ao ensino do Colégio Militar às aulas da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais. O que aprendi naquele foi sério, profundo, metódico” (VASCONCELLOS, 1975, p.10).

Ingressando em 1914 na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais, no Rio de Janeiro, Sílvio Júlio orgulhava-se de ter tido como professores, intelectuais como Sílvio Romero e Pinto da Rocha, bem como colegas que tiveram carreiras brilhantes, como Hugo de Carvalho Ramos, notável escritor goiano; Edmundo da Luz Pinto, embaixador e jurista; Renato Almeida, diplomata e folclorista; Heráclito Sobral Pinto, Gomes Leite, Castro Lima, entre tantos outros que fizeram a “cara” do país e participaram de sua construção intelectual.

Dois anos depois do ingresso na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Sílvio Júlio, aceitando convite do amigo e contemporâneo de colégio militar, Osvaldo Aranha, que já advogava na cidade de Uruguaiana, e cujo pai, o coronel Euclides Aranha, era chefe político, troca o calor carioca pelo chão pampeano, vindo a radicar-se mais precisamente no

segundo distrito da cidade de Itaqui. No final do ano de 1918, Sílvio Júlio gradua-se em Direito em Porto Alegre.

Na verdade, para Sílvio Júlio, aquela mudança representava uma coisa básica: sobrevivência.

Já atuando em definitivo como jornalista e professor, era esta última a atividade que mais o ocupava. Assentado, então, em seu novo *habitat*, na estância do fazendeiro Inglês de Macedo, passa a substituir um determinado professor de origem alemã que não se entrosara com seus alunos. Ali tem início a transformação do e no homem Sílvio Júlio.

“Com casa, comida, ar puro e muita vontade de trabalhar, Sílvio Júlio, um jovem de vinte e um anos, um talento que despontava embora em meio restrito, agarrou-se como pode a essa oportunidade que, para os espíritos menos sensíveis, poderia valer doloroso exílio” (VASCONCELLOS, op.cit, p. 13).

Na quietude do pampa, Sílvio Júlio dedicou-se à leitura extremada, às anotações minuciosas sobre a psicologia, a antropologia, a sociologia, a história do homem pampeano, que na sua concepção, a exemplo do nordestino, como afirmava seu colega carioca Euclides da Cunha, era também um forte. Na verdade, para o professor, mais que isso, o gaúcho fronteiriço era um verdadeiro herói.

Situado de maneira solitária na comarca pampeana, Sílvio Júlio encomendava caixotes de livros da Livraria Espanhola, no Rio de Janeiro, cujo proprietário era o seu amigo e incentivador Samuel Nuñez Lopes. Dessa forma, pôde ler, com sobra de tempo e silêncio, toda a obra de Calderon de la Barca, Lope de Vega, Tolstoi, entre outros.

Com uma inteligência ímpar e um conhecimento irrefutável, nosso *Dom Quixote*, sem Sanchos que lhe ajudassem, passou a contribuir com matutinos da época, produzindo matérias para jornais de Porto Alegre, Uruguaiana e Itaqui. Muitas vezes apresentando um discurso romântico, outras vezes pragmático, ou ferrenho e bastante agressivo, nosso, agora, jornalista, cantou o Pampa, o homem, seus costumes, mas também os mandos e desmandos dos políticos da época, capitaneados por Borges de Medeiros, que para Sílvio Júlio só se perpetuou no comando do Rio Grande do Sul por uma razão muito simples, dizia ele:

falta-lhe o prestígio popular, sobra-lhe a força oficial e... a brigada militar. Qualquer outro, com metralhadoras e soldados, dispendo de consciência, de promotores públicos, de juizes, de escrivães, dos mais pequenos cargos, será eterno na presidência. (JÚLIO, 1919, p. 167)

Na obra Pampa (1919), reunião de oito textos, na verdade discursos proferidos por ele em sessões realizadas possivelmente em atividades cívicas e sociais em locais como Itaqui, Bella União, Santiago, Santo Ângelo, Timbauva, Porto Alegre e Fortaleza, capital do Ceará, Sílvio Júlio decanta o seu amor pelo Rio Grande do Sul, como afirma nas páginas do próprio *Pampa*, quando diz: “hoje posso dizer que pertencço ao Rio Grande do Sul, porque o conheço em todas as fases da sua vida atual, e o estudo com uma dedicação que já é mais que simpatia, e que bem merece o nome de amor” (JÚLIO, op. cit., p. 229).

Contudo, também denunciou toda a pobreza que o homem fronteiriço estava submetido pelo governo estadual, conclamando inúmeras vezes os próprios a um levante. Gritava ele: “É necessário reagir!” (JÚLIO, op. cit., 79). Com tamanha agitação por parte de Sílvio Júlio, tudo isso resultou em sérias ameaças a sua pessoa por parte das autoridades estaduais.

Dois grandes nomes da literatura sul-rio-grandense foram alunos diretos do professor Sílvio Júlio: o primeiro foi Manoelito de Ornellas, que em sua obra Terra Xucra, de 1969, coletânea de ensaios, registra no capítulo “*Um Ginásio no Pampa*” todo o seu carinho e admiração pelo mestre. A segunda, outra figura ímpar da literatura gaúcha que leu e conheceu o mundo a partir das leituras feitas pelo próprio Sílvio Júlio, foi Ramiro Frota Barcelos<sup>14</sup>, cuja admiração pelo professor Sílvio Júlio era tamanha que ao tomar posse na Academia Riograndense de Letras, fixou-lhe a personalidade e o desempenho em seu discurso, intitulado “*Fontes de Estímulo*”, afirmando: “Aos doze anos de idade, meu pai achou de bom alvitre tirar-me da escola de D. Orfila Brandão, para matricular-me no ‘Ginásio’ sob a direção de um jovem professor, recém chegado do Rio de Janeiro, que viera com fama e acenos de novos e modernos métodos de ensino, espanejar o empoeirado ortodoxismo da minha incivilizada cidadezinha natal”.

No referido “ginásio”, na cidade de Santiago, em 1917, Sílvio Júlio instituiu o ensino da Literatura. Orgulhava-se Ramiro Frota Barcelos afirmando: “ali, o professor iniciou-me em seus assuntos, como antes o fizera com Manoelito de Ornellas, em Itaqui, considerando-me, desde o princípio, o seu melhor aluno” (VASCONCELLOS, op. cit., p. 14).

Uma outra informação relevante a respeito de Sílvio Júlio refere-se ao período em que este dirigiu o ginásio em Santiago do Boqueirão. Sílvio Júlio não encomendava livros apenas para a sua criteriosa apreciação ou simplesmente passar o tempo, mas também encomendava livros, isso duas, três vezes ao ano, às livrarias brasileiras, portuguesas e francesas,

---

<sup>14</sup> Não confundir com o escritor gaúcho Ramiro Fortes de Barcelos, que usava o pseudônimo de Amaro Juvenal, autor da obra Antonio Chimango, 1915.

procurando sempre buscar as obras mais recentes lançadas nesses mercados para a exígua biblioteca da instituição que dirigia. Como afirma Francisco Vasconcellos, seu biógrafo, “quando a diligência que transportava as malas postais chegava de Umbú, última estaçãozinha ferroviária naquele tempo, trazendo preciosa carga, era verdadeiro dia de festa” (VASCONCELLOS, op. cit., p. 14) no silêncio sepulcral do longínquo extremo meridional.

Após as atividades diárias no ginásio, à noite, Sílvio Júlio costumava reunir-se com seus alunos prediletos, presenteando-lhes com obras devidamente encomendadas sob medida para cada discípulo, escrevendo como dedicatórias trechos de outras obras. Dessa forma, afirmava Ramiro Frota Barcelos, “guardávamos períodos, frases, sentenças, de Eça, Euclides, Raul Pompéia, Shakespeare, que íamos recitando uns para os outros nos encontros fortuitos após sairmos da residência do professor Sílvio Júlio, ou ainda nos domingos de manhãs católicas e alviçareiras. Até hoje conservo com carinho e como relíquia daqueles bons e saudosos tempos, Petit Historie de la Literature Française, de Emile Faguet, com a dedicatória: Lembrança ao Ramiro. Sílvio Júlio – Santiago do Boqueirão, 31 de julho de 1918”. (VASCONCELLOS, 1975, p. 15)

E aí se passa o tempo, e aí se faz a história. Assim era Sílvio Júlio, que costumava repetir: “Sou brasileiro e ibero-americano, simultaneamente. Tudo que faço ou escrevo (que em mim é o mesmo) deriva da circunstância natural deste duplo acontecimento. Dele promana nos meus gestos, aspirações, idéias cotidianas, que a veemência de minhas emoções nasce da conjunção de forças das duas realidades, ambas unidas sempre, quer física, quer espiritualmente”. (VASCONCELLOS, 1985, p.3)

Sílvio Júlio, mesmo ainda em fase púbere, já corria à procura de livros em idiomas estrangeiros – inglês, espanhol, italiano, alemão, francês, russo. Dos Estados Unidos ninguém falava. Poe e Longfellow, só em tradução parisiense.

Hispanista lúcido e já considerado um competente leitor na língua de Cervantes, Sílvio Júlio lia tudo que lhe vinha às mãos. Sua paixão pelo idioma aumentou quando, de fato, veio estabelecer-se na capital do Rio de Janeiro o senhor Samuel Nuñez Lopes, que fundou a Libreria Española em 1909, inicialmente localizada na Rua Sete de Setembro, nº 204, perto da Praça Tiradentes. Naquele novo espaço carioca, reuniam-se médicos, jornalistas, professores, políticos e intelectuais da época, que buscavam ali as boas novas da língua de Quixote. Segundo o próprio Sílvio Júlio, ali visitavam, com certa frequência, nomes como Agripino Greco, Carlos Maúl, Osvaldo Paixão, Julio Novais, Abreu Fialho, Barbosa Lima, Silva Lobato, Azevedo Lima e outros dessa estirpe nas áreas da literatura, da política, das ciências, enfim. As visitas eram tantas e os pedidos também, que pouco tempo depois, Samuel Lopes

viu-se obrigado a mudar-se para um espaço maior, transferindo-se, então, para a Rua da Alfândega, 47, e daí à Rua 13 de maio.

No final de 1913, quando Sílvio Júlio já se encontrava no último ano do Colégio Militar do Rio de Janeiro, e arrumando as mochilas para ingressar na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais, tomou conhecimento através da imprensa carioca, de que o escritor espanhol Salvador Rueda, considerado um antecessor do Modernismo espanhol, porém desconhecido, inclusive de muitos intelectuais brasileiros, estava visitando Buenos Aires. Sem titubear, e tomando a frente do grupo de colegas do Colégio Militar e da própria comunidade espanhola radicada na capital fluminense, pôs-se em campo, no intuito de trazer ao Rio de Janeiro o nobre malaguenho. Isso viria acontecer num magnífico dia de agosto no ano seguinte. A visita de Salvador Rueda, segundo os periódicos da época, representou um belo esforço em prol da aproximação literária do Brasil e da Espanha, desde 1500 até exatamente aquele ano de 1914.

Sílvio Júlio, mesmo ainda muito jovem, mantinha freqüente correspondência com os escritores latino-americanos, muitos desses, amigos pessoais, como o argentino Manuel Ugarte e os uruguaios Eduardo Acevedo Diaz, Angel Estrada e Pedro Erasmio Callorda. Comunicava-se, ainda, com Miguel de Unamuno, Vicente Blasco Ibáñez Garcia Caminero, Antonio Zozaya, Maria Eugenia Vaz Ferreira, Álvaro Armando Vasseur e Juan Zorrilla de San Martin.

Se com apenas dezenove anos, Sílvio Júlio já pregava uma união ibero-latino-americana, por essa razão considerado, certamente, como o primeiro americanista, se não latino, ao menos brasileiro, nos idos de 1919, no texto *Colonização*, da obra Pampa, já denunciava a influência americana estadunidense nos países sub-desenvolvidos da América do Sul, em especial no Brasil. Com bastante propriedade, Sílvio Júlio já chamava a atenção para o que hoje lemos nos jornais: “O problema da colonização é capital [...] Tudo pelo estrangeiro, nada pelo nacional, eis a fórmula de nossos presidentes. E assim vemos as levas *YANKEES* e de europeus gozando a fortuna fácil que lhes proporcionamos, enquanto o brasileiro aí, jaz, geralmente pobre e abandonado”. (JÚLIO, 1919, p. 249).

Portanto, temos um exemplo de sumidade radicalmente rara nos quadros da intelectualidade nacional, esta muitas vezes medíocre e sem (in)formação. Falecido em 2 de setembro de 1984, na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, aos 89 anos, Sílvio Júlio viveu de uma única forma, seguindo sua premissa: “O importante não é ter e sim viver”. (VASCONCELLOS, 1975, p. 7)

Mesmo sendo considerado, por críticos da estirpe de Wilson Martins, como “um crítico literalmente reacionário por excelência” (1983, p. 540), mesmo sendo considerado por muitos um escritor purista (CHIAPPINI, 2002, p. 55) quanto ao emprego do idioma, mesmo com características parnasianas, contra o modernismo, retrógrado, muitas vezes grosseiro, porém autêntico, Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, recifense do Brum, deixou um legado crítico-literário inestimável para o Brasil, em especial para o meio acadêmico, seja ele do norte, seja ele do sul do país, pois tudo que foi narrado e descrito, foi feito de maneira empírica, olho no olho, numa época onde tudo era muito difícil, principalmente para os menos afortunados, como era o caso de nosso “nordestino-gaúcho”.

Profundo conhecedor da comarca pampeana, Sílvio Júlio produziu algumas obras descrevendo, exclusivamente, os hábitos, costumes, lendas e contos, causos, tratos e maltratos de nosso gaúcho, como nas obras: *As toupeiras* (1916), *Teu livro* (1916), *Pampa* (1919), *Penhascos* (1933), *Duas velhas canções gaúchas* (1948), *Estudos gauchescos de literatura e folclore* (1953), *Literatura, Folclore e Lingüística da área gauchesca no Brasil* (1962) e *Folclore e Dialetologia do Brasil e Hispanoamérica*, (1974).

### **3 O CONTEXTO HISTÓRICO NACIONAL/SUL-RIO-GRANDENSE X LITERÁRIO**

A literatura brasileira tem passado por vários momentos em seu processo histórico, ora valorizando uma visão macro, ou seja, a literatura em seu caráter nacional, com um foco de produção abrangente, mas com olhos voltados apenas para o eixo Rio de Janeiro - São Paulo - Minas Gerais, ora valorizando uma visão mais limitada nas produções regionais.

Na imensidão do país, muitos focos literários surgiram principalmente na segunda metade do século XIX (1860 - 70). A preocupação com uma “nacionalidade” literária envolvia a todos após a independência brasileira. Tal fato motivou também uma emancipação literária. Antonio Candido (2000) afirma que

a independência importa de maneira decisiva no desenvolvimento da idéia romântica, para a qual contribuiu com pelo menos três elementos que se podem considerar como redefinição de posições análogas do Arcadismo: (a) desejo de exprimir uma nova ordem de sentimentos, agora reputados de primeiro plano, como o orgulho patriótico, extensão do antigo nativismo; (b) desejo de criar uma literatura, de vez que, aparecendo o Classicismo como manifestação do passado colonial, o nacionalismo literário e a busca de modelos novos, nem clássicos nem portugueses davam um sentimento de libertação à mãe pátria; finalmente (c) a noção já referida de atividade intelectual não mais apenas como prova de valor do brasileiro e esclarecimento mental do País, mas tarefa patriótica na construção nacional. (CANDIDO, 2000, p. 12)

Juntamente com a independência brasileira acontece o movimento romântico. Para muitos ensaístas, em especial também para os gaúchos, características como a valorização da natureza, o uso da língua com um aspecto nacional - o emprego diferenciado da língua coloca-se para os escritores como uma exigência para a construção da nova “nacionalidade”, o fomento da discussão em torno da literatura produzida no Estado e a conseqüente elaboração de trabalhos regionalistas eram condições *sine qua non* para uma originalidade em literatura.

Percebemos ainda naquele período (1860 - 70) a já incipiente presença de críticos de nossa literatura em solo gaúcho, como por exemplo Bernardo Taveira Júnior, que em um de seus escritos produziu o seguinte comentário no que tange à relação literatura x natureza:

[...] a natureza é uma fonte inexaurível das mais mimosas e gigantescas inspirações; para que recorremos a ela quando os seus painéis belos e sublimes, oferecem-se majestosos, cheios de encanto ao olhar animado do escritor e do poeta? E a natureza da América é tão rica e nós a desprezamos! É necessário muitas vezes que Saint Pierre, Chateaubriand e muitos outros venham decantar-lhe as belezas. (BAUMGARTEN, 1997, p. 77).

É interessante comentar que as idéias de originalidade e nacionalidade costumavam fundir-se no ensaio dos críticos gaúchos, uma vez que ambas têm origem no aproveitamento da natureza local.

No mesmo período, enquanto os gaúchos já produziam ensaios literários e críticos sobre o que se escrevia em nível nacional e regional, em outros “brasis” engatinhava-se ainda em descobrir a sua história, a sua própria identidade. O estado do Amazonas, por exemplo, entre 1835 e 1840, integrava-se à Província do Pará e dez anos mais tarde, somente, o governo Imperial criava a Província do Amazonas, estabelecendo a cidade de Manaus como a sua capital.

Na segunda metade do século XIX, enquanto os gaúchos brigavam pela valorização da natureza brasileira para tema de sua produção literária e pelo afastamento dos modelos literários europeus - inglês e francês; enquanto postulavam a necessidade de se trabalhar como tema o que dizia respeito à realidade sócio-política brasileira e pela criação de uma literatura que fosse expressão do clima e dos costumes brasileiros, o Amazonas atravessava o Ciclo da

borracha<sup>15</sup> entre os anos de 1840 e 1920, Minas Gerais e São Paulo discutiam a crise do café<sup>16</sup>, e o Nordeste vivia a “revolução do cangaço”<sup>17</sup>.

Glodomiro Paredes, cronologicamente considerado o autor do primeiro texto crítico a respeito da literatura sul-rio-grandense, com publicação no jornal *Arcádia*, em 1869, referia-se à literatura sul-rio-grandense produzida em tempos de guerra como aquela que possuía até então, dois caracteres: 1. caráter *natural* – harmoniosa, doce, que exaltava os motivos nacionais, e 2. *a poesia dos poetas* – solidificada na simples imitação. (apud BAUMGARTEN, 2001).

Para Paredes, literatura gaúcha ainda em estado embrionário haveria de nascer, embora o crítico acreditasse que a produção natural abria uma possibilidade para o nascimento da literatura dita regionalista, apesar da perspectiva dominante naquele momento fosse a da integração do Rio Grande ao resto do país.

O regionalismo literário sul-rio-grandense, de caráter natural<sup>18</sup>, se considerarmos que a outra linha verificada por Paredes era uma imitação de outros modelos, apresentava as características mais nítidas da figura do ser gaúcho: nasce do meio natural e da mestiçagem entre o índio e o ibérico, perfil que foi imensamente explorado pela literatura regionalista, mas que deixava afastado o negro, que segundo o prof. Guilhermino César (1956) era pouco ou nunca decantado em trovas da época. Quando este aparecia, era tratado com desprezo ou arrogância, ao contrário da figura da mulata, um dos grandes temas do folclore sul-rio-grandense, que recebia a cortesia do senhor branco.

Na visão da elite intelectual sulina, o homem gaúcho ainda era o mais digno representante da nacionalidade brasileira, pois como tal, em nenhuma outra região do país se encontrava ser semelhante: soberano, decidido, valente, etc. O produtor local valia-se da originalidade e do ambiente natural para configurar a sua obra regionalista.

Muito embora o regionalismo tenha marcado de forma firme seus limites, para muitos críticos modernos é simplesmente pobre em quantidade, uma vez que os intelectuais - de ontem - sempre deixavam para um plano secundário os assuntos da terra, preferindo dar

---

<sup>15</sup> O Ciclo da Borracha significou o apogeu econômico da capital do Amazonas, Manaus, na região norte do país, no período entre 1900 a 1914.

<sup>16</sup> Também chamada de A crise da superprodução, porque enquanto o Brasil produzia um superávit cafeeiro, o mercado europeu e norte-americano não o consumia no mesmo ritmo. Havendo maior oferta que procura, houve uma queda no preço nacional, afetando de maneira drástica a todos os produtores nacionais.

<sup>17</sup> Revolução essa que se definiu pelo banditismo social, localizada historicamente no Nordeste brasileiro entre 1870 e 1940.

<sup>18</sup> Baumgarten entende que a divisão da poesia em natural e dos poetas proposta por Glodomiro Paredes é relevante, “na medida em que ela vai representar um voltar-se para as tradições, para as raízes presentes na literatura oral”. (BAUMGARTEN, (2001, p. 196)

ênfase às influências européias. Porém, o tema voltado para o aspecto regionalista, especificamente o literário, tem sido mantido na pauta de discussão no solo gaúcho desde a época do jornal *A Arcádia*, jornal ilustrado, que tanto falava de temas literários, quanto biográficos e históricos, cujo proprietário era Antônio Joaquim Dias. *A Arcádia* circulou no início em Rio Grande, cidade localizada ao sul do estado gaúcho, entre 1867-1870 e, posteriormente, na cidade de Pelotas, local em que fechou as portas. Consta que *A Arcádia* publicou o mais importante conjunto de textos produzidos no Rio Grande do Sul sob a inspiração dos ideais românticos<sup>19</sup>.

Com esse percurso, percebemos que até então a literatura gaúcha acompanhava o ritmo dito nacional; no entanto, com toda a característica própria do regionalismo, é o caráter ambíguo que marca o seu discurso crítico, uma vez que, como já afirmamos anteriormente, no mesmo instante em que o gaúcho era elevado à condição de representação da nacionalidade brasileira, os escritores, poetas ou ensaístas sulinos faziam sugestões e muitas provocações aos demais intelectuais brasileiros, sobretudo no como deveriam escrever ou até valorizar a riqueza do solo e da cultura nacional. O Rio Grande do Sul considerava-se uma verdadeira nação à parte, logo, mais do que necessário, o estado se via como merecedor de uma literatura própria, que viesse a distingui-lo do resto do país.

Contudo, observou-se que muito pouco ou absolutamente nada foi produzido nos anos subseqüentes àquele período, porém devemos registrar que além do *Arcádia*, outros dois periódicos apresentaram resenhas críticas em suas publicações, marcando, assim, a forte participação dos intelectuais gaúchos no terreno da Crítica Literária. São eles: a *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* (que circula no período entre 1869 e 1879, estando sob a direção do famoso Partenon Literário) e *Murmúrios do Guaíba* (que circulou num período muito curto, de janeiro a junho de 1870, sendo seu proprietário, José Bernardino dos Santos), ambos surgidos em Porto Alegre. (BAUMGARTEN, 1997, p. 70-71)

---

<sup>19</sup> 1. *Divagações*, de F. C. Bulhões Ribeiro, publicada na primeira série do periódico, em 1867. A obra de Bulhões dá destaque à questão da nacionalidade na literatura brasileira versus sua relação com a literatura lusitana. Segundo Baumgarten (1997), esse artigo de Bulhões vem inaugurar a crítica literária em solo gaúcho. 2. *Poesia dos Poetas*, Glodomiro Paredes, publicada na terceira série da *Arcádia*, em 1869. A obra de Paredes enfoca justamente o problema da imitação na poesia brasileira, fato tão combatido pelos românticos, assim como a emancipação literária; o conceito de poesia e a importância da pesquisa de fontes poéticas populares. 3. *A literatura no Rio Grande*, de Antônio Maria Pinto, também publicada na terceira edição do referido periódico, em 1869. A exemplo dos demais escritores da *Arcádia*, Antônio Pinto procurou focar os temas de interesse do Romantismo, ou seja, a relação literatura versus sociedade, a defesa da natureza e o uso desta como inspiração, a nacionalização poética. 4. *Reflexões sobre a literatura rio-grandense* (1869) e *Mulher e mãe* (1870), de Bernardo Taveira Júnior. Taveira Júnior procurou apresentar temas como o aproveitamento da natureza pela literatura, bem como discutir a questão da originalidade da literatura brasileira e riograndense, além da necessidade de emancipação de nossa literatura, recorrente da liberdade política. (BAUMGARTEN, 1997, p. 67/70)

Registros nos mostram que a Crítica Literária em solo sul-rio-grandense era um exercício difícil, porém, esforçavam-se os intelectuais gaúchos, como nos mostra a afirmação de Taveira Júnior, quando diz:

a crítica literária ainda não existe em nossa província. Sem ela, nunca a nossa literatura poderá florescer com vantagem, porque ela, a crítica, é para as letras o que o orvalho é para as plantas. (BAUMGARTEN, 1997, p. 94)

Alcides Maya, autor de Ruínas Vivas (1910), Tapera (1911) e Alma Bárbara (1922), vem retomar a questão regionalista, apresentando em espaços jornalísticos entre 1898 e 1900, artigos que tratavam do tema, bem como dos pressupostos oriundos do cientificismo da época.

Alcides Maya sempre procurou apontar a superioridade do tipo gaúcho no contexto nacional, pois este seria o mestiço mais característico da história americana. Afirmava ainda que em nenhuma outra região apareceu uma figura tão soberana e de ação tão decisiva quanto o monarca das coxilhas sul-rio-grandenses, das solidões pampeanas, como bem nos mostra em Ruínas Vivas, quando nos apresenta a complexidade do personagem Miguelito, filho bastardo de um fazendeiro, que prefere o caminho do “mal” a seguir escravo do patrão. Verificou-se, posteriormente, que o próprio Alcides Maya reavaliou essa posição, pois percebia que a mesma poderia transmitir ou reforçar uma proposta separatista. Preferiu trabalhar, então, pela literatura original e autônoma, que viesse, sim, contribuir para o todo nacional.

Ainda nessa época, João Pinto da Silva (1930), ao publicar A Província de São Pedro, estabelece um caminho voltado para o ensaio, mas também para a historiografia literária. Sua maior contribuição para a História literária do Rio Grande do Sul entalha o tema no campo da historiografia literária. Na sua análise, afirma:

O nosso regionalismo é fértil em *conteurs* e paisagistas. Seus refletores focam os assuntos, parceladamente, por zonas, em episódios avulsos e fragmentários. Há situações e tipos que se repetem com frequência. Pouco diferem, de um livro a outro a *mise-en-scène*. É indisfarçável, por isso mesmo, a monotonia que, às vezes, de muitas de suas melhores páginas se evola. (SILVA apud BAUMGARTEN, 1997, 176)

Como afirma Baumgarten (2001, p. 223),

a atualidade do juízo crítico de João Pinto da Silva revela-se inteira nessa passagem, uma vez que estudos recentes são igualmente unânimes em reconhecer o paisagismo, a supremacia de conto e a reiteração de cenários e

personagens como marcas da ficção regionalista produzida no Rio Grande, no período compreendido entre 1870 e 1920.

Dentre as várias pesquisas realizadas sobre o folclore, a cultura, a lingüística, e, em especial, sobre a história e a literatura do Estado do Rio Grande do Sul, apesar de pouco ou quase nunca lembrado, destacam-se as observações feitas pelo advogado, jornalista, crítico e, principalmente, professor Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, o qual deixou um legado, até certo ponto inexplorado, para aqueles que desejarem saber como era o Rio Grande na época que antecedeu o movimento modernista brasileiro, demonstrando ao leitor-pesquisador como era, a partir do olhar “estrangeiro”, a lida com o gado, a uso corriqueiro da língua, o dia-a-dia do gaúcho, assim como o ambiente da campanha, da fazenda, da estância e do galpão, local único de encontro do peão e de suas narrativas, ora verdadeiras, ora fantasiosas. Para os meios acadêmicos, sobretudo, esse legado é fonte das mais ricas, já que desde o início de sua carreira Sílvio Júlio agiu como um comparatista nato.

## **4 A VISÃO PARTICULAR DO VIAJANTE SÍLVIO JÚLIO A RESPEITO DA IDENTIDADE DO GAÚCHO NA COMARCA PAMPEANA**

Tendo como local de observação a região voltada mais para o oeste gaúcho, Sílvio Júlio anotava tudo que lhe aparecia à frente. Com um olhar sempre atento, observava da vegetação à figura humana. Reivindica para si a responsabilidade de ter sido um dos maiores investigadores dos problemas e caracteres gaúchos, chegando a afirmar, algumas vezes, que o pernambucano era um gaúcho a pé. Quando tenta compreender o sentido do *guasca* no Rio Grande do Sul, Sílvio Júlio procura oportunizar, em especial a ele mesmo, uma imagem mais ampla sobre o homem pampeano, comparando este gaúcho exatamente com a sua melhor referência, ou seja, o sertanejo, seu representante natural de brasilidade. Contudo, a mudança para o sul do país, surpreende-o imensamente, uma vez que sua visão, sempre apaixonada, sofre uma verdadeira revolução, do campo religioso ao sociológico.

Podemos perceber na produção silviojuliana uma característica forte e determinante quando o tema é a terra gaúcha: o seu exacerbado sentimento de amor e carinho. Quando o pesquisador, de qualquer tempo, tem nas mãos as obras de Sílvio Júlio, em especial os primeiros textos produzidos sobre o pampa, tem a impressão de que o jovem pernambucano já chega ao Rio Grande do Sul com um sentimento de dívida com essa terra. Se tal relação não tem um fim exato, ao menos, tem um marco inicial, um registro feito na obra *Pampa*,

publicada no segundo semestre de 1919, possivelmente no mês de outubro, data dos primeiros volumes autografados.

Na elaboração de seu texto, Sílvio Júlio utiliza-se de uma linguagem extremamente romântica, subjetiva, uma mirada plena sobre tudo aquilo que o povo e a região ofereciam ao “estrangeiro”. Com toda a liberdade advinda após a proclamação da República, faltava ao povo brasileiro, nas palavras de Sílvio Júlio, descobrir com maior afã a sua própria nacionalidade, melhor dizendo, a sua própria identidade, a fim de efetivamente, enraizar o sentimento nacional, bem como o conhecimento, o saber.

Sílvio Júlio criticou, de forma responsável, o que ele definiu de:

[...] cegueira da maioria dos governantes no que dizia respeito à emancipação nacional e mental, que se não operara. Continuaram, nesse sentido, escravos da Europa mesmo após a independência. Os costumes eram importados dos salões de Paris. Da França, os livros vinham despejar pensamentos nos portos nacionais. A língua do país cresceu de galicismos. Na escola, os métodos tomaram batismos esquisitos, provenientes de apelidos exóticos. Enfim, a orgia da imitação voou altíssima, num arranco tremendo, derrubando a originalidade da raça, talando o caráter nacional, a substituir tudo pelos hábitos e princípios mais inadatáveis à terra americana. (JÚLIO, 1962, p. 8)

De forma interessante e com perspicácia, Sílvio Júlio define o Brasil e sua natureza numa visão quase ultranacionalista, visando as palavras de Euclides da Cunha: “A natureza compraz-se em um jogo de antíteses.” (EUCLIDES DA CUNHA apud JÚLIO, 1962, p. 9)

A afirmação enfática de Euclides da Cunha, corroborada por Sílvio Júlio, sobre ser o Brasil um mundo (JÚLIO, op. cit. p.9), remete-nos para as palavras do crítico uruguaio Ángel Rama (1982b, p. 57), quando este diz que essa Unidade nacional nunca pode ser vista como coesa definitivamente, mas composta por uma verdadeira *diversidade*, tornando o Brasil, por exemplo, “num mosaico cultural [...]. Que o Brasil constitui-se num verdadeiro laboratório cultural”. (RAMA, op. cit. p. 119)

Sílvio Júlio de Albuquerque Lima carrega consigo esse glebarismo. Via na sua terra muitas riquezas e não esquecia de lembrar a força que o folclore desempenhava nessa tradução de identidade presente em cada ponto não só das regiões brasileiras, como na América Latina. Contudo, a mudança para terras gaúchas fez com que nosso visionário passasse a ter duas imagens muitas definidas enquanto conceito de representação brasileira: 1. a do nordestino, homem frágil, tenaz, devido à seca que lhe abatia e às outras intempéries impostas pela realidade local; de cor terrosa devido ainda às marchas no sertão, e, 2. a do sulista, mais precisamente o homem nascido em solo gaúcho, que ele assim definia: homens

álacres e corpulentos devido aos serviços da campanha e tinham cor rosada, aptos às cargas de cavalaria. Era uma visão de época, sem dúvida, porém real e próxima daquele observador. Para ele, tais comparações eram uma mostra do pensamento euclidiano quando este se referia à antítese nacional.

Mas ao falar do bravo gaúcho, Sílvio Júlio observa que a defesa do território, e, conseqüentemente a busca ou manutenção de uma identidade, costumava ser conquistada quase que necessariamente à mão armada, realidade presente e vivenciada por ele próprio quando foi morar na fronteira oeste do Rio Grande, a partir de 1916:

o povo parecia ter-se habituado a conquistar à mão armada quaisquer aspirações, em especial, as que diziam respeito ou tratavam do aspecto político - os sujeitos gaúchos costumavam ser rápidos e brilhantes, contrapondo-se à característica do representante regional de origem nordestina, cuja ação, geralmente, ocorria de forma mais lenta. (JÚLIO, 1962, p. 10)

Quando procura reforçar a imagem do gaúcho como um ser forte, aguerrido, único, Sílvio Júlio vem, inclusive, ao encontro das primeiras manifestações de Alcides Maya sobre o tema, mostrando-nos um quadro que marca o regionalismo gaúcho, ou seja, a própria história, que é recontada, e aí sim reforçada, num espaço mais característico do interior do pampa, melhor dizendo, o ambiente do galpão, símbolo constante e recorrente nos contos e romances dos escritores pampeanos,

[...] lá fora, no galpão, á beira do fogo, os peões também, mateando, contavam os rudes casos.... Ora da vida campeira, das marcações ao pó e ao sol dos dias quentes, dos rodeiros pelas madrugadas frescas, de estouros de tropas, e trabalhos e perigos; ora casos de amor, de guerras, de entreveros. [...]. (AZAMBUJA, 1960, p. 18)

ou, ainda, como nos mostra a figura da tia Silvina quando narra histórias do campo às crianças à sua volta, ou nas falas dos peões à beira do fogo, lá fora, no ambiente “sagrado” do galpão. Tais relatos são encontrados em No Galpão, de Darcy Azambuja (1960), autor por muitos considerado como substituto nato do maior representante da narrativa gaúcha, o escritor pelotense João Simões Lopes Neto.

A descrição de um local como o *galpão* para uma sociedade não residente em solo sulino pode parecer simples, se considerarmos que fora dessa região, quiçá, a vida não transcorra em semelhante espaço. Sendo assim, Sílvio Júlio descreve cada pedaço do estado sul-rio-grandense como se quisesse deixar registrado não na forma escrita, mas na mente

daqueles que ali não viviam, cada detalhe que lhe marcava. De forma mágica e encantadora, utilizando o que poderia ser chamado pela crítica literária de, simplesmente, “universal”, assim ele nos descreve o espaço do galpão:

galpões são vastos compartimentos abertos de um lado, onde se guardam tarecos, piolas, ferramentas, escovas, aperos da peonada, e onde, a um canto, defendida dos ventos, se arma a fogueira própria para a ceva do chimarrão. Os galpões - continuava Sílvio Júlio - ficam sempre em continuação à residência do estancieiro e são de chão batido. [...] É nos galpões que há o comentário, o boato, a sátira, o jogo. [...] Em torno do mate amargo, bebido na cuia pela bomba de prata, sentam-se os gaúchos e palestram quatro, cinco horas a fio. [...] Estas práticas noturnas e hibernais são síntese dos traços do caráter riograndense. Nelas, o gaúcho se expande livremente, longe de respeitos e disciplinas sociais. Ao galpão não vai mulher. O galpão é dos homens. (JÚLIO, op. cit. p. 17)

Quando apresenta a sua narrativa sobre o galpão, o professor, como gostava de ser chamado Sílvio Júlio, destaca que tudo que ali era dito, iniciava sempre com o *feedback* dos afazeres do dia. “Tudo era verdade pura”, dizia ele. Porém, em ambientes como aquele, sempre acompanhado do chimarrão, da carne, da gaita e da aguardente, logo se passava a ouvir as histórias fantasiosas, principalmente quando o grupo de peões era composto por pessoas mais velhas. Ora se relembrava da bravura dos velhos heróis, ora da chinoca<sup>20</sup> que virava a cabeça dos homens. Ouvia-se ali, enfim, os causos gauchescos.

Em tudo, o símbolo maior dos pampas, o gaúcho, mostrava sua “identidade”: ao cavalgar, ao caçar, ao guerrear, no comando da tropilha, etc. Nas muitas definições, Sílvio Júlio resume assim o gaúcho: um ser carnívoro e dado aos aspectos bélicos da vida.

No afã de fazer comparações, o crítico pernambucano reforça ainda que se o nortista é astucioso, vingativo, calculador; o gaúcho é fanfarrão, apaixonado e arrebatado. Se a figura do sertanejo, que muitas vezes é definida de maneira ampla por Sílvio Júlio como nortista, acredita nos duendes, no *cão*, no lobisomem, o gaúcho crê nos seus músculos, no seu facão, no seu bagual.

Todo esse traçado vem apenas reforçando o perfil identitário da figura do gaúcho. Muitos caminhos foram percorridos tanto pelo homem mais ao norte do país, quanto pelo homem mais ao sul, porém Sílvio Júlio, apaixonado inteiramente pelo estado sul-riograndense, reconhece na figura máxima do gaúcho a sua superioridade. Até então não faz

---

<sup>20</sup> 1. Moça, mulher, cabocla. 2. “A Tudinha era a chinoca mais candongueira que havia por aqueles pagos [...] chinoca airosa, lindaça como sol, fresca como uma rosa”. LOPES NETO. João Simões. *O Negro Bonifácio*. In: *Contos Gauchescos*. Globo, 1983. p 15)

crítica literária sobre as obras produzidas neste solo. Apenas a visão da natureza romântica toma conta do autor observador, produzindo neste, verdadeira comoção.

Encerrando essa primeira fase de olhar penetrante em terras do norte ou do nordeste, como às vezes nos apresenta, e do sul, Sílvio Júlio identifica em ambas as regiões duas figuras únicas, que surgem do que é mais nacional contra aqueles dominadores brasílicos: o caudilho, no Rio Grande do Sul, e o cangaceiro, personagem mais característico do sertão nordestino. A imagem do primeiro, retratava um homem bárbaro, assassino, ladrão, que agia movido pela questão política. “O fim desses guerreiros pampeanos era uma realização política por meio das armas”, afirmava Sílvio Júlio (1962, p. 13).

Alcides Maya, autor que despertou o interesse de Sílvio Júlio pelo Rio Grande do Sul, além do amigo Osvaldo Aranha, retratava fala semelhante em Ruínas Vivas (1910), como também o fez o escritor uruguaio Javier de Viana, em Gaucha (1967, p. 14), que ainda acrescentava, afirmando que “*en cada pago moraba un jefe, - um caudilho, que imperaba como señor feudal*”. Porém, tal tipo representava uma “raça” que, no fundo, sempre se desejou exterminar, já que estes sempre viveram no ambíguo campo do bem e do mal.

A exemplo do caudilho, oriundo do gaúcho, no nordeste brasileiro surge, do sertanejo, a figura do cangaceiro, mas ao contrário daquele, que ia aos combates como o propósito de reagir aos abusos, principalmente os de ordem política, este último, movido geralmente pela fome e seca, obedece ao mandato do solo, que lhe nega até a água, literalmente.

Mas, longe de suas raízes, e agora casado com uma gaúcha de Porto Alegre, D. Carmem Lemos Bastos, sua primeira esposa, Sílvio Júlio concentra-se nas características do “novo povo” que agora ama e estima.

Na sua observação de viajante, Sílvio Júlio identifica três zonas dentro do estado do Rio Grande do Sul, assim classificando-as: A primeira região vai do oceano até o centro do Estado; A segunda, que abrange o espaço setentrional; e a terceira, ou seja, a parte oeste, que se estende até as fronteiras do Uruguai e Argentina. Sob seu ponto de vista, essa região conserva ainda em seus habitantes qualquer coisa de primitivo e tradicional. Para Sílvio Júlio, é nessa última em que se encontra, de fato, o verdadeiro gaúcho de letra maior, com todas as raízes que identificam a verdadeira raça de seus habitantes. Aí, em sua opinião, achamos o épico, o heróico, o bravíssimo.

Ao analisarmos as palavras de Sílvio Júlio, quando este descreve mais a figura, a personagem máxima dos pampas, precisamos ter claro que há ali uma visão romântica demais, exacerbada, apesar de real, que vem ao encontro dos vários contos, principalmente da

época, uma vez que não existia Ser melhor na face terra, sobretudo quando se fazia o contraste com o habitante do sertão do nordeste brasileiro.

Sílvio Júlio estudou a psicologia do povo, sua poesia, seus costumes e sua história. No que diz respeito à literatura popular sul-rio-grandense, nosso crítico surpreendeu-se, nos idos da segunda década do século XX, como qualquer interessado em Literatura, com a riqueza de contos e causos dos quais tomou conhecimento, especialmente na fronteira oeste, registrando tudo sempre, e, a exemplo de como se encantava ao ouvir os artistas populares do nordeste, também se encantava com versos ouvidos no Rio Grande do Sul:

Não há nada mais bonito  
Do que este céu azul  
Do que estas verdes cochilhas  
Do Rio Grande do Sul. (JÚLIO, op. cit. p. 35)

Podemos perceber que, passados muitos anos, esse decantamento do ambiente da fronteira, dos costumes, do galpão, permanecem no menestrel gaúcho, como no poema moderno *Criado em galpão*, de autoria do grupo musical Os Serranos:

Nasci na pampa azulada e da minha terra eu sou peão  
Estampa de índio campeiro que foi criado em galpão  
Gosto do cheiro do campo e do sabor do chimarrão  
E de dobrar boi brabo a pealo nos dias de marcação  
Gosto de fazer um potro se cortar na minha chilena  
Pra sentir o sopro do vento esparramando a melena  
Pra sentir o sopro do vento esparramando a melena  
Meu sistema de gaúcho é mais ou menos assim  
Uso um tirador de pardo arrastando no capim  
Uso uma bombacha larga com feitio do melhor pano  
E um trinta ao correr da perna com palmo e meio de cano  
Crinudo que sacode arreio engancho só na paleta  
Pois as esporas que eu uso tem veneno na roseta  
Tenho um preparo de doma trançado com perfeição  
Pra fazer qualquer ventena saber que é este peão  
O dia em que eu não puder agüentar mais o repuxo  
Talvez o rio grande diga lá se foi mais um gaúcho  
Mas enquanto eu tiver força laço domo e tranço ferro  
E na internada do mundo mais um rodeio eu encerro.

## 5 PAMPA

Obra publicada em 1919, reunindo oito textos que tratam de temas variados, com enfoques sobre assuntos que vão da independência do Brasil aos costumes, cultura e política sul-rio-grandenses. Temos em Pampa uma reunião de palestras que o professor proferiu durante os anos de 1916 a 1919, em várias cidades do Rio Grande do Sul, como Itaquí, Bella União, Santiago, Santo Ângelo, Timbauva, Porto Alegre, além de Fortaleza, capital o estado do Ceará, local do último texto. O que nos chama atenção sobre a narrativa de Sílvio Júlio é o registro metódico feito pelo autor sobre os locais das referidas palestras. Percebe-se também, a cultura enquanto formação intelectual de Sílvio Júlio, já que em muitas dessas palestras, fazia citações em espanhol e francês. Com toda certeza, era de se admirar que um jovem entre os seus vinte e um e vinte e quatro anos, oriundo do nordeste brasileiro, glebarista extremado, embora crescido e educado na capital Guanabara, falante de vários idiomas, inclusive grego e russo, encantasse a todos com sua intelectualidade, não só os gaúchos como toda a Comarca Pampeana.

*Independência*, texto que foi escolhido para fazer a abertura da obra, data de 1916 e foi apresentado aos amigos no Theatro Prezewodowsky, na cidade de Itaquy, em 1916.<sup>21</sup> Consta esse texto inicial de uma apresentação sobre um dos momentos mais importantes da nação, qual seja, o ato da Independência nacional das bandeiras lusitanas. Sílvio Júlio lembra aos

---

<sup>21</sup> Procuraremos manter, em alguns casos, a grafia original dos textos

ouvintes que agora “ninguém do estrangeiro nos dita impostos, nem forças européias espingardeiam as nossas populações [...] possuímos deputados nascidos dentro do nosso território. Podemos amar nosso berço livremente...” (JÚLIO, 1919, p. 8).

De forma contundente, o autor proclama a necessidade de todos irem à busca, descobrirem as origens da nacionalidade, pois necessitamos fundamentar, “para sempre, a liberdade espiritual do nosso brio, do nosso sentimento, do nosso saber. Sem esta empresa resolvida, o país não caminhará se não com dificuldades insanáveis e perigando constantemente” (JÚLIO, op. cit., p. 9).

Em *Independência*, Sílvio Júlio procura ainda proclamar a longa distância entre o homem gaúcho e o nordestino, em especial o sertanejo, já que se percebiam inúmeras diferenças:

O homem é reflexo do meio. O ser é espelho da coisa [...] Franzinos são os cearenses daquele torrão flagelado pela ardente seca. Corpulentos são os rio-grandenses do sul, exercitados cotidianamente nas disparadas pela campanha. Terrosa é a cor da epiderme do sertanejo resistente, apto às marchas infundáveis, comendo rapadura e cará. Rosada é a cor da epiderme do gaúcho, apto às cargas ligeiras de cavalaria, comendo gotejante churrasco. (JÚLIO, op. cit., p. 13)

Ao longo de toda a sua obra referente às antíteses, homem nortista versus homem gaúcho, Sílvio Júlio faz essa comparação, muitas vezes até de maneira exacerbada, tamanha era a sua admiração pelo gaúcho. Quem sabe um espelho de si mesmo, pois nos primeiros tempos, era um magricela nordestino em terras de homens fortes.

Outro ponto de grande destaque que Sílvio Júlio enfatiza nesse texto é o valor que o gaúcho costumava dar à política, já que na maioria das vezes, se não em todas, participou de insurreições justamente pelo descontentamento político. Dessa maneira, Sílvio Júlio apresenta e indica o nascimento das figuras do caudilho<sup>22</sup>, no sul, e do cangaceiro<sup>23</sup>, no nordeste, demonstrando mais uma vez a figura da *antítese* na caracterização do homem nacional.

---

<sup>22</sup> Gumercindo Saraiva, juntamente com seu irmão, Aparício, é um dos melhores exemplos presentes na História do estado do Rio Grande do Sul. Visto como assassino, caudilho e herói pela História brasileira e uruguaia, Gumercindo Saraiva, estancieiro que tinha em terras quase toda a metade do estado gaúcho e do país uruguaio, no período entre 1750 - 1801, criou o Exército Libertador, que tinha um contingente inicial de 400 soldados, formado por homens que trabalhavam para o próprio Gumercindo, moradores das estâncias ao longo da fronteira Rio Grande do Sul-Uruguaia, além de outros estancieiros. O Exército Libertador tinha como objetivo derrubar o governo republicano do presidente do estado, o Sr. Borges de Medeiros. Ao levante de Gumercindo, deu-se o nome de Revolução Federalista. (CHASTEEN, 2003)

<sup>23</sup> Virgulino Ferreira Lampião é o cangaceiro mais conhecido de nossa História. No começo do século XX, o Nordeste do Brasil viveu momentos difíceis, atemorizado por grupos de homens que espalhavam o terror por onde passavam. Eram os cangaceiros, bandidos que abraçaram a vida nômade e irregular de malfeitores por

Se o gaúcho seguia nessas revoltas os generais, que reagiam contra os abusos dos imperantes, o sertanejo seguia líderes místicos; se o gaúcho fazia uso da lança e da boleadeira, o sertanejo fazia uso da arma de fogo e punhal. No entanto, se o cangaceiro, refém natural da necessidade, fazia uso do roubo para a sobrevivência, o homem pampeano lutava antes de tudo pelo ideal, quase sempre político.

Sílvio Júlio mantém essa tese com relação ao processo de formação do homem brasileiro em todo o texto, porém procura deixar clara a sua admiração pelo homem e pela cultura pampeana.

O texto, *Norte e Sul*, data de 1917 e foi apresentado no Palacete Rocco, também conhecido como Confeitaria Rocco, um local tradicional no centro da capital gaúcha, muito usado para palestras, banquetes e outras atividades sociais. Durante todo o texto, Sílvio Júlio apresenta comparações entre o Sul, que ele desbrava com amor exagerado, e o seu Norte, ou Nordeste, em especial. Afirma, de maneira categórica, que conhece, de fato, o Rio Grande do Sul e repete:

Não sou dos que se envergonham das tradições do pampeano audaz e chegam a ridicularizá-las. Eu (não há um mês) cheguei das planícies da fronteira, lá das barrancas épicas do Uruguai, onde nunca fugi aos galpões animados, que me tinham sempre presente, vestido à maneira dos bravos peleadores d'aqueles pagos longínquos. (JÚLIO, op. cit., 25)

Sílvio Júlio apresenta nesse texto uma série de introduções narrativas, todas no pretérito perfeito, que nos chamam a atenção, como se segue:

[...] *vim* através das regiões serenas de cochilhas bebendo a inspiração suave dos crepúsculos e a festiva poesia do alvorecer, [...] *vim* sonhando um Brasil inconfundível, [...] *vim*, qual uma asa inquieta e consciente buscas documentos irrefragáveis às minhas devaneações de moço patriota, [...] pelas planícies da fronteira, entre guascas legítimos, *ergui* a minha tenda de peregrino ávido, [...] *passsei* a minha energia de homem laborioso em busca das calmas do lar, [...] *ouvi* desafios típicos ao som da cordeona, [...] assisti difíceis trabalhos às mangueiras das estâncias povoadas de turbilhão de rezes; [...] segui o passo das tropas pelos caminhos desertos, [...] *compareci* aos rodeios e às marcações alegres, [...] *familiarizei-me* com aquela vida estranhadamente gaúcha que levam os homens da fronteira, sem invejarem o bulício envenenador das cidades, [...] *observei* tudo e *amei* com o amor do estudioso e do entusiasta. (JÚLIO, op. cit., p. 25-26)

Sílvio Júlio orgulhava-se de afirmar que conhecia o Rio Grande do Sul por ter vivido a realidade pampeana. Como conhecia, de fato, a cultura e o homem, em especial o localizado na parte fronteira, nesse texto chega a conclamar o gaúcho a lutar pelo que é seu. Costumava lembrar constantemente a necessidade de reação do pampeano contra a multidão de homens sem raízes que esqueciam suas origens. Apresenta ainda alguns autores que tanto na região norte quanto no nordeste falam da beleza e riqueza de tais regiões:

Alberto Rangel descreve a natureza fecunda e dominadora da Amazônia, Juvenal Galeno retrata o Ceará através da tristeza infinita dos aboiados, o baiano Xavier Marques, descreve os praieiros, as palmeiras, mas é no Rio Grande do Sul que ele encontra, em Alcides Maya, por exemplo, a melhor maneira de decantar o pampa. (JÚLIO, op. cit., p. 29-30)

É nas diferenças entre um ponto e outro do país que existe um verdadeiro paralelo de investigações. Sílvio Júlio dá, em verdade, pouca ênfase à região Norte, já que é no Sul que ele encontra a poesia, falando ao resto do país sobre o que pouco se conhecia: o chimarrão, que reunia homens, mulheres e crianças ao redor do fogo de chão, “as bombachas de brim resistentes, a faca e revólver à guaiaca vistosa, como também a respeito do cavalo amigo e o laço voador”. (JÚLIO, op. cit., p. 32)

Sílvio Júlio termina o texto referindo-se às questões do tempo<sup>24</sup>. Comenta que o gaúcho, muito cedo, já ouve e conhece o minuano pampeano, vento mil vezes mais forte que todos os estouros de todas as boiadas. Sílvio Júlio afirma que quem mora nessas plagas, tem de adaptar-se às truculências das invernias, tendo o próprio caráter influenciado a partir dessa característica climática. “Não pode, pois, o riograndense fugir à lei da natureza” (JÚLIO, op. cit., p. 41).

Anos depois, ratificando a influência do clima na composição do próprio caráter do gaúcho, em ensaio publicado no livro Nós, os gaúchos (1992), o músico e escritor pelotense Vitor Ramil publica o artigo intitulado *A Estética do Frio*, no qual relembra as influências que o *frio* provoca no homem localizado em terras mais ao sul do Brasil. Comenta Ramil:

Assistindo ao Jornal Nacional, me dei conta de que acima dos clichês comumente usados para nos definir, acima de toda e qualquer idéia redutora – que representam sempre pequenos recortes, fragmentos da nossa realidade – que acima também das nossas sutilezas de estilo, estava a diferença

---

<sup>24</sup> Em Fronteira Rebelde (2003), tese de doutoramento transformado em livro, o professor da Universidade da Carolina do Norte, Dr. John Chasteen usa a expressão “revoluções atmosféricas” para fazer referências às constantes mudanças que o clima já apresentava na região de fronteira Brasil-Uruguai, no final do século XIX. (CHASTEEN, 2003, p. 22)

fundamental entre o Sul e o resto do Brasil [...] – o frio. [...] o frio simbolizava o Rio Grande do Sul. Passei a ver o frio como metáfora amplamente definidora do gaúcho. (RAMIL, 1992).

Enfim, comenta durante todo o seu texto comparações que navegam pelos costumes<sup>25</sup> pela religiosidade que cada um tem, em especial o sertanejo, que mesmo sendo grande devoto da religião católica, apresenta-se até mesmo como traiçoeiro em suas ações, ao contrário do pampeano, que enfrenta, sem medo, o adversário, que não *pelea* sem discutir, “que agüenta até o esgotamento total da paciência, até a revolta, até a morte”. (JÚLIO, op. cit., p. 33)

Seu terceiro texto, *A Alma Gaúcha*, um dos mais significativos desse período, foi apresentado em *Bella União*, 2º Districto de Itaquy, no ano de 1917. Nele, Sílvio Júlio procura descrever o cotidiano do gaúcho, falar do seu apreço pela mulher, seus combates, sua relação com a política e seu profundo carinho pelo cavalo. Sílvio Júlio critica o esquecimento que temos das coisas, afirmando ser esse ato até mesmo um crime e, por isso, o professor tem ânsia pelo conhecimento nacional de maneira tão feroz.

Crítico severo da política adotada em solo sul-rio-grandense, bradava ele:

afirmo que o brio das atuais gerações gaúchas está sendo burlado pelo despotismo politiquero”. (JÚLIO, op.cit., p. 48) [...] E não é só, afirma Sílvio Júlio: “a degradação dos direitos políticos no Rio Grande do Sul é um atestado clamante do rebaixamento forçado da consciência cívica do seu povo. (JÚLIO, op. cit., p. 49)

Numa crítica ao governo de Borges de Medeiros, que comandou o estado do Rio Grande do Sul no período de 1898 a 1928, Sílvio Júlio denuncia:

Nem um brado de protesto se ouve. Não se percebe uma ameaça de independência. O czarismo amortalha esta região, como um céu de tempestade ameaçadora a rolar de suas nuvens grossas por cima das cidades, das serras e das planuras, sem escape de uma única boca o verbo da revolta, o verbo da hombridade histórica, o verbo sagrado da liberdade. (JÚLIO, op. cit., p. 50)

---

<sup>25</sup> Muitos costumes fronteiriços são citados por Chasteen, entre eles o hábito dos homens “roubarem”, literalmente, as mulheres por quem se apaixonavam, carregando-as para o outro lado da fronteira, retornando apenas quando conseguiam as pazes com os pais da noiva. “Nos meses de inverno, quando caía um chuveiro fino por dias a fio dos céus cinzentos, as mulheres costuravam e fritavam bolinhos, enquanto os homens fabricavam cabrestos, rédeas, freios e laços de couro trançado. Muitas conversas ocorriam nas vendas, onde esse achava de tudo. [...]. Casamentos, batismos e outros eventos importantes da vida familiar eram motivo para a reunião de todos. Nas noites de baile, o mobiliário sumário de uma casa rural era afastado, enfileiravam-se cadeiras de espaldo reto, nas quais os participantes descansavam entre uma música e outra, [...]. Por volta de 1880, os acordeões (provavelmente difundidos pelas colônias germânicas) tornaram-se populares, juntamente com a valsa e a polca. As corridas de cavalo eram outra ocasião de regozijo coletivo” (CHASTEEN, op. cit., 47).

Contudo, ratifica os costumes gaúchos afirmando: “o que ides escutar dos meus lábios é a só direta análise de um pouco do muito que já tenho visto por esses campos ondulados do Rio Grande do Sul”. (JÚLIO, op. cit., p. 57)

São os mesmos cavaleiros que em torno do chimarrão, contam proezas e, na monotonia verde do pampa, praticam atos de arrojo inaudito. Os gestos, a acentuação dos vocábulos, a mímica, tudo é idêntico. [...] piás de bombacha rotas esses abastados fazendeiros, xirús musculosos e esses loiros descendentes de europeus, domadores atrevidos e esses tocadores de cordeona, os representantes das peças monumentais que têm por cenário o enorme das cochilhas e o bolear dos cerros e o rasgar das canhadas. (JÚLIO, op. cit., p. 57)

Sílvio Júlio constrói seu texto *A Alma Gaúcha* de maneira prática e direta, o que surpreende, com certeza, muitos leitores, como também nos faz questionar alguns de seus comentários, quando afirma: “dentro de Porto Alegre, a vossa capital provinciana, o atraso é brutal”. (JÚLIO, op. cit., p. 50)

Mas o autor-viajante vai mais longe e comenta mais uma vez a relação do gaúcho com o ambiente do galpão, afirmando que “de fato o galpão é uma contração razoável do Rio Grande do Sul. Estudá-los, é conhecê-los, é paralisá-los. Fazer-lhes a psicologia, é confrontá-los aos mesmos teoremas científicos” (JÚLIO, op. cit., p. 58).

Fala do bem considerado mais valioso para o gaúcho, ou seja, o pingo e da relação desse homem com o cavalo. Segundo observou-se na fronteira, o próprio gaúcho chega a comparar os olhos da mulher querida a potrilhos nervosos. Sílvio Júlio afirma queo pampeano, apaixonado, chega a fazer uso de toda a tecnologia hípica para encher de elogios a filha morena do pampa a quem deu o coração, misturando esses elogios aos atributos do cavalo. O “cavalo, e só ele, é a fé inquebrantável do homem da campanha riograndense”. (JÚLIO, op. cit., p.60)

Numa demonstração do carinho do pampeano por seu cavalo, Sílvio Júlio ainda nos apresenta o seguinte comentário:

O gaúcho agradece-lhe, incrustando-o na própria existência. Trata do pingo antes de tratar-se. Cura-o, antes de curar-se. Cerca-o de regalias e de mimos, a toda hora, limpando-o, dando-lhe de beber, engordando-o. E até se denomina de acordo com os seus favoritos, tomando-lhes a importância emprestada. As partes do corpo humano têm, no pampa, os nomes que cabem às do animal. Rótula é *chicossuelo*, omoplata é *paleta*, calcanhar é *garrão*. (JÚLIO, op. cit., p. 61)

No que diz respeito ao vocabulário relacionado ao cavalo, que para Sílvio Júlio soa estranho nos idos de 1917, ele ainda acrescenta: “Pessoa de compridas gadelhas, sem rebuços e sem intenções perversas, muito despreocupadamente, o gaúcho chama de *clinudo*. Se alguém dispendeu em qualquer negócio ou empresa, força ou energia, diz-se que *a pessoa cinchou*. Mas se alguém fugiu, simplesmente mandou *casco*” (JÚLIO, op. cit., p. 62). “O verbo *apotrar* é zangar, irritar, tornar bravo” (JÚLIO, op. cit., p. 65). “O homem duro de cabeça chama-se *aporreado*, mas, pode-se aplicar a expressão também ao cavalo vicioso, ou seja, àquele animal incapaz de ficar manso, por mais que se dê de relho e empurre o freio”. (JÚLIO, op. cit., p. 65). Soco é *coice*. Manear um cavalo é prender-lhe as patas dianteiras. *Pescoceiro* é aquele animal que não obedece ao laço. O indivíduo rebelde também o é. O vocábulo *caborteiro* pode ser empregado tanto para a moça difícil de ser conquistada, como também para aquele animal manhoso e assustadigo, que refuga a mangueira. A moça que se nega a dançar com alguém, negou-lhe o cavaleiro, como também o cavalheiro, diz-se que ela negou-lhe o estribo, que segundo nosso professor, com este ato, ainda pode ouvir um tremendo – *Chô égua!*

Moleirão chama-se de *maturrango*. Moços grosseiros são *bagualada*. Um dominado, um vencido, um pulseado, é *embuçalado*. *Petiço* é o cavalinho, porém denomina-se também com este vocábulo o homem de pouco estatura. *Pitoco* é o animal sem cola, ou seja, sem rabo. Gente gorda e atacarracada, de nádegas recheias<sup>26</sup>, pescoço curto e papudo, é para o gaúcho um simples pitoco. (JÚLIO, op. cit. p. 67)

Sílvio Júlio conclui afirmando que o animal é, de fato, o maior companheiro do gaúcho. Sugere que quando o estudioso, em campos pampeanos, diretamente colher ditados, construções, palavras, enfim, perceberá, depois de todo o seu esforço, que tudo girou em torno de uma única fonte: o cavalo.

Quando se lê o texto *A Alma Gaúcha*, o leitor não tem como não se surpreender frente ao todo que Sílvio Júlio apresenta, considerando o conjunto de informações que muito poucos autores, quem sabe Simões Lopes Neto, Lobo da Costa ou Alcides Maya, apresentaram aos próprios cidadãos pampeanos, com tanta ênfase e profundidade.

É claro que nesse texto, fala-se do cotidiano do gaúcho, de seus amores, suas lutas, seu envolvimento na política e da identificação que o sul-rio-grandense, principalmente o fronteiriço, tem com cavalo, mas é a desconfiança de Sílvio Júlio, com relação à

---

<sup>26</sup> Seguimos a grafia original constante na obra Pampa.

masculinidade desse mesmo gaúcho, que ele admira, canta e declama que surpreende o leitor, quando afirma:

Quem não vos estudasse profundamente, miudamente, beneditinamente, o caráter; quem não vos procurasse no silêncio da noite, entre amigos leais, longe da mulher amada; quem não vos consiga olhar a alma inteira e dentro do coração, julgará que sois adversários do sexo divino e dos carinhos das mãos de uma namorada! (JÚLIO, op. cit., p. 70)

Os vários costumes, quiçá vistos apenas na fronteira oeste, brilhavam nos olhos de Sílvio Júlio, transformando-o em pesquisador eficaz, anotando tudo que ouvia e presenciava. Os bailes de fronteiras impressionavam-no, fazendo-o relatar costumes como o trocar de vestido das moças, principalmente as de maior posse, de dez em dez, vinte em vinte e até de trinta em trinta minutos. Se a primeira dança a moça vestia um vestido branco, pouco depois desaparecia e retornava de azul, verde, amarelo, enfim. Conforme relato de Sílvio Júlio, algumas “raparigas chegavam a levar até quinze mudas” (JÚLIO, op. cit., p. 77) para os bailes da campanha.

No final de *A Alma Gaúcha*, o professor Sílvio Júlio apresenta Antonio Chimango<sup>27</sup>, escrito por um “jornalista riograndense de finíssima ironia”<sup>28</sup> (JÚLIO, op. cit., p. 80), voltando à crítica contra o governo republicano de Borges de Medeiros, reafirmando aos gaúchos que estes necessitam reagir à tamanha opressão imposta por aquele governante.

O quarto texto, denominado de *Politicalha*, é apresentado em Timbaúva, 2º Distrito de Itaquy, no ano de 1917. Sílvio Júlio faz jus ao nome dado à conferência, uma vez que o mesmo denuncia de forma aberta e transparente toda a corrupção implantada no governo de Borges de Medeiros.

Poderíamos resumir esse texto apresentando o seguinte trecho de sua fala:

Não desempenhei, não desempenho e não desempenharei cargos públicos no Rio Grande do Sul, porque esses cargos dependem da proteção e boa vontade dos senhores absolutos. Não desempenho cargos públicos aqui, porque esses cargos emanam dos aduladores dos chefões e chefêtes. Não desempenharei cargos públicos aqui porque tenho dignidade e não me

---

<sup>27</sup> “Ainda nesta conferência foi, vez primeira cantado e comentado em reunião pública, o nosso, agora célebre Antonio Chimango. Esta manifestação pública, bem assim os comentários correlatos, complementados com a publicação da conferência, enfeixada em livro que ora tratamos, impresso em 1919, torna-o pioneiro na crítica e divulgação do poemeto em questão, antecipando, por cinco anos o artigo de Paulo Arinos, pseudônimo de Moisés Vellinho, sob o título *O balanço de nossas Letras*, publicado no correio do Povo, de 14 de setembro de 1924, normalmente considerado o 1º estudo crítico no qual é focado o Antonio Chimango e seu autor” (PETERSEN, 1981, p. 128).

<sup>28</sup> Sílvio Júlio refere-se a Amaro Juvenal, pseudônimo de Ramiro Fortes Barcelos.

curvarei às exigências humilhantes da politiquice. Não quis, não quero, não hei de querer cargos públicos que dependem desses homúnculos da patifaria governamental do Rio Grande do Sul. Tenham-me como louco. Não importa. De pessoas altamente colocadas na situacionice gaúcha, ouvi: - Não faças oposição, Sílvio Júlio. Isto é doidice. Olha, tu poderás ser muito ao lado do governo. Mas nem estas, nem outras propostas me convenceram. Estou pronto a cair, mas com o meu nome respeitado. Matem-me de fome, persigam-me, porém não me curvarei. Façam de mim o alvo das suas calunias, que a vergonha não se vence com tanta facilidade. Não espero posições, Senhores, eu não subirei. Prefiro, entretanto, gritar cá de baixo, com a minha dignidade intacta, do que estar lá em cima, rojado aos pés dos déspotas desta terra. Sou assim. (JÚLIO, op. cit., p. 103)

Ainda nesse texto, Sílvio Júlio acusa os gaúchos afirmando que os mesmos, moradores da parte oeste, conhecem cidades como Buenos Aires e Montevideú, mas não conhecem Porto Alegre e apresenta duas razões pra isso: uma, porque as passagens são caras, outra, porque as estradas até a capital gaúcha são muito ruins, ao contrário daquelas cidades ou países. Além do que, quase tudo que existia na fronteira vinha da Argentina e Uruguai. Sejam os moinhos, os arados, os jornais ou os livros.

Na análise de Sílvio Júlio, por ter presenciando a maneira de viver do guasca, ratifica:

O gaúcho acostumou-se mal. Pela influência do estrangeiro, tornou-se esquecido do cérebro e amigo do estômago. Limita-se, agora, a comprar apetrechos do outro lado do Uruguai e os entrega à atividade dos alemães e italianos, que agora dominam a fronteira, e depois para vão para o galpão tomar mate. (JÚLIO, op. cit., p. 120)

No texto ainda encontramos a séria denúncia de xenofobismo, atitude rara em seu tempo e ainda hoje, quando registra que o gaúcho despreza os demais brasileiros, chamando-os, de forma discriminada, simplesmente de baianos:

Quem aqui não nasceu é baiano. Baiano é todo aquele que não pertence ao Rio Grande do Sul. [...] O baiano é sempre um indivíduo que fala engraçado, chiando os 'ss', muito medroso, incapaz de montar a cavalo, pequenote e franzino, indigno da amizade do campeiro destemido. O baiano nunca viu a doma, nunca viu potros, nunca viu esporas, nunca viu revólveres, nunca viu bravuras, nunca viu nada. (JÚLIO, op. cit., p. 124)

Em verdade, Sílvio Júlio apresenta, por fim, toda a sua decepção em estar em terras gaúchas, pois durante o referido texto, percebe-se o quanto o mesmo sentia-se traído pelos que o receberam no início e percebia que estes não perderiam as benesses do poder por causa de um pernambucano que não aceitava ser cúmplice de suas denúncias. Tal pensamento ainda

é percebido nos demais textos, considerando que muitas idéias se repetem ao longo dos mesmos.

Em seu quinto texto, Sílvio Júlio escreve sobre *A lei no Pampa*. O texto data de 1917 e foi apresentado na cidade de Santo Ângelo, 2º Districto de Itaquy. Inicia o texto fazendo uma espécie de revisão de sua vida e fala das razões que o trouxeram para as terras pampeanas. Confessa que após ter passado por Montevideu e Buenos Aires, entrou no Rio Grande do Sul pela fronteira, no final de outubro de 1915, contudo admite que tinha vindo ao Rio Grande por causa de dois olhos redentores.

Descreve sua viagem pelas estradas fronteiriças como as piores já feitas até aquele momento, reclamando dos vagões de trem da seguinte forma: “bancos desconjuntados, os tetos visivelmente repletos de furos, sem água os carros, tudo uma vergonha, eis o que fotografa o meio de condução melhor da terra gloriosa dos farroupilhas”. (JÚLIO, op. cit., p. 155). E, já em Porto Alegre, confessava aos seus ouvintes sua enorme decepção com a capital gaúcha, com seu calçamento detestável, bem como de sua irritante e anti-higiênica velhice.

Sua narrativa continua contra a administração de Borges de Medeiros, a quem chamava de homenzinho esquelético, mirrado e seco, culpado pelo desleixo estadual, pela politiquice e pela escravidão do povo gaúcho há mais de 20 anos. Critica o papel da imprensa, que estava a serviço dos mandantes, e elogia aquele que ele considerava o único literato de Porto Alegre, o poeta Zeferino Brasil.

Após seis meses na capital, parte para a fronteira alegando que somente o homem pampeano poderia manter a história pomposa dos gaúchos, já que nele, somente, residia a humildade, o orgulho e o brio de ser gaúcho.

Em *O amor e a mulher*, apresentado no *Club União*, na cidade de Santiago do Boqueirão, no ano de 1918, Sílvio Júlio fala mais uma vez do gaúcho, dos touros chucros, dos laços atentos, da adaga na guaiaca, do sombrero amplo e, mais uma vez, da presença do cavalo na vida cotidiana do pampeano. Fala do cavaleiro, do tropeiro e cantador, da sorte como crença. Diz aos seus ouvintes que é o ambiente, o sangue e o tempo que forjam as almas das raças, sendo os dois primeiros os que estabelecem o imutável, o indestrutível, o âmago da tempera do povo. O último fabrica no homem o exterior, a roupa, o verniz psicológico.

No que diz respeito ao amor, segundo Sílvio Júlio, o gaúcho não lhe dá o devido valor. Ele nos diz que “o pampeano encara estes negócios tão graves com um desembaraço espantoso, indescritível, chocante mesmo. Não chega a dar-lhe a devida importância. Simplifica-o, para não eliminá-lo talvez”. (JÚLIO, op. cit., p. 206)

Sílvio Júlio recomenda em sua fala, a quem interessar penetrar em tais assuntos, que não discuta este axioma, pois observará que em seus namoros, “o homem quer, antes de tudo, aparecer, suplantar, evidenciar-se. Não admite competidores. Não supõe derrota. Sobre o pingo bem aperado, com um lenço ao vento, nem pensa que há outras pessoas neste mundo. Resolve vencer e, à bala ou pacificamente, avança”. (JÚLIO, op. cit., p. 207)

Como em um ritual, descreve os preparativos do gaúcho quando este parte para a conquista. O pampeano, antes de mais nada, coloca-se acima de tudo e de todos. Quando se acha o eleito, vai aos bailes com seu melhor cavalo, a melhor roupa, enfeita-se. “Botas lustrosas, esporas enormes, bombachas limpas e largas, todo perfumado à água de Colônia comprada nos bolichos, não falta a visita aos pais daquela que o traz embuçalado, ou pialado, ou preso a soga - conforme as suas expressões hípcas”. (JÚLIO, op. cit., p. 207)

Apaixonado, decanta:

Tudo que é bello e mimoso  
A natureza e deu;  
Tens tudo, porém te falta  
Um coração como o meu...

Fui soldado, sentei praça,  
Sentei-me numa guarita;  
Agora sou comandante  
De toda china bonita.

Morena, minha morena,  
Aceita meu coração,  
Que o outro melhor do que o meu  
Tu não hás de encontrar não  
Quando encilho meu picanço  
E boto o chapéu na nuca,  
toda china que me vê  
Fica logo bem maluca. (JÚLIO, op. cit., p. 208)

Apesar da poesia decantar a mulher gaúcha, surpreende-nos o comentário de Sílvio Júlio quando afirma que o “gaúcho acostumou-se tanto a namorar-se que em sua poesia apresenta a mulher como inferior ao seu cavalo”. (JÚLIO, op. cit., p. 208). No entanto, há homens que dizem o contrário quando o assunto é mulher:

Não tenho medo de homem,  
Nem da faca mais pontuda;  
Tenho medo quando vejo  
Perna grossa e cabeluda.

A cruel deixou-me à soga,  
Bem mostrou alma pequena...  
Pobre de quem acredita  
Nos olhos de uma morena!

A gente vive sozinho,  
Passa vida regalada;  
A gente quer uma china  
E fica logo sem nada.

Não penses que tu me iludes  
Com teus belos carinhos,  
Eu não sou figo maduro  
Comido dos passarinhos. (JÚLIO, op. cit., p. 215)

Da poesia popular, Sílvio Júlio guardou algumas relíquias cantadas nos campos pampeanos. Quando desprezado, o gaúcho até pode guardar mágoa, ser violento, mas não chora.

Eu me chamo José Doce,  
Por sobrenome Mellado,  
Quando chego ao pé das chinas  
Fico todo assucarado.

Ai! Que linda essa gauchita  
De avental branco bordado!  
Esse babado de chita  
Me deixa todo babado...

Menina, minha menina,  
Boquinha de marmelada,  
O dia que não te vejo  
Não como nem faço nada.  
Eu amei uma tirana  
E ela não me quis bem!  
Agora vou desprezá-la,  
Vou ser tirano também... (JÚLIO, op. cit., p. 220)

Em seu penúltimo texto, chamado de *Colonização*, Sílvio Júlio o apresenta em Fortaleza, capital do estado do Ceará, no ano de 1919, para um público seletivo e atento aos seus dizeres. Estavam presentes na referida palestra, o Presidente do Estado do Ceará, o comandante do Colégio Militar, professores, deputados, alunos e convidados. Inicia seu depoimento fazendo um breve histórico de sua passagem pelo pampa, afirmando e ratificando que durante o período em que no Rio Grande do Sul viveu, foi professor, advogado, jornalista, mas também foi um observador exímio, fez uso da antropologia, da psicologia, da ciência para estudar o gaúcho e aprender sobre ele. Em sua concepção, ele aprendeu imensamente sobre a psicologia complexa do homem pampeano.

Compreendia, como também defendia, a idéia de que nesse processo em que o pampeano é forjado existia uma verdadeira seara de cruzamentos característicos, de sangues opostos, de temperamentos diversos. Fernando Assunção, escritor de origem uruguaia, ampliando o pensamento sobre a composição que desenha o gaúcho, principalmente para o lado brasileiro da fronteira, afirma:

Para la Argentina y el Brasil, países-continetais, en la vasta galeria de los tipos humanos que respondem a las pautas culturales de sus tan diversas regiones, el gaucho es, respectivamente, para la primera eso mismo, el más llamativo quizás de sus tipos regionales, que representa a la fértil región del litoral pampeano y para el Brasil el arquetipo representativo de un estado, un estado con mucho de hijo pródigo y outro tanto de padre de la moderna república brasileña. Pero para nosotros, epicento del área, pradera total, el gaucho es, innegablemente, el tipo rural nacional. (ASSUNÇÃO, p. 33, 34, 1979)

Na primeira década do século XX, Sílvio Júlio presenciava essas identificações assinaladas por Assunção posteriormente. Afirmava, por isso, que tinha imensa paixão pelo solo riograndense, contudo ressaltava que tinha valor, especialmente, o homem de fronteira, pois o gaúcho da capital encontrava-se envolvido pelo lado ruim da política, comandada, até então, por Borges de Medeiros.

Sílvio Júlio reconhecia que “a peleja era rude, mas a fé não era pequena”<sup>29</sup> (JÚLIO, op. cit., p. 228). Dispensando maiores comentários sobre o jeito audaz e paroleiro do gaúcho, afirma à platéia que, de propósito, pretende apenas narrar fatos que presenciou durante a sua vivência por tais plagas. Pede aos ouvintes que apenas ouçam e meditem sobre os costumes pampeanos, diferentes da realidade nordestina.

Em *Colonização*, Sílvio Júlio proclama seu amor ao Rio Grande quando afirma:

Hoje posso dizer que pertença ao Rio Grande do Sul, porque o conheço em todas as fases da sua vida atual, e o estudo com uma dedicação que já é mais que simpatia, e que bem merece o nome de amor. (JÚLIO, op. cit., p. 228-229)

Não temos visto tamanha declaração dos filhos desta terra, nem mesmo em épocas atuais. Sendo assim, dando seguimento aos hábitos e costumes, Sílvio Júlio narra aos seus interlocutores a marcação de burros, presenciado no que ainda encontramos em terras

---

<sup>29</sup> Apenas a título de curiosidade, no poema *Mar Português*, publicado pela primeira vez na Revista Contemporânea, vol. 2, nº 4, no ano de 1922 e, publicado pela segunda vez no Jornal Revolução, vol. 2., nº 383, de 16 de junho de 1923, portanto três anos, no mínimo, depois da publicação de *Pampa* (1919), Pessoa nos canta: “Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena”.

fronteiriças com bastante naturalidade, ou seja, uma área cercadas com pedras, como na cidade de Santiago.

Na condição de registro e descrição de um costume natural em terras fronteiriças, causava surpresa ao nosso olheiro quando a peonada, reunida, entre risos, ironias, gritos, balburdia, enfim, proclamava o ritual:

era pequena a mangueira. Os animais, disparando, se apertavam uns de encontro aos outros, e todos contra a cerca de pedra. Alguns até se feriam. Tropeçavam os mais fracos, [...] logo se erguiam e galopavam, loucos, rápidos. Quando um burro, destacando-se, permitia que o laçassem, que berreiro! Ao canto da mangueira uma botija com alva caninha repousa. [...] O dia é frio. [...] Não chegou o inverno, mas parece que a geada quer amarelar o pasto. [...] todos correm, atiram pealos, gritam. [...] Alguém recomenda que se prepare o chimarrão. [...] Eis que no meio da burrada, se descobre uma égua ainda *clinuda*. A *gueicha* não fora tosada e o patrão fica irritado. – Não sei que vocês fazem, que sempre deixam os animais assim! E já a tesoura aparece. Derrubam a égua, a laço, por brincadeira. Assusta-se a pobre *gueicha* [...] mas, acalmada, consente que o peão dela se aproxime e lhe corte, primeiro, as clinas do cogote e depois, as da cola. [...] e lá vai, aos pinotes, campo fora, rabo erguido, a *gueicha* que procura a manada. [...] Entretanto, a marcação sustem a nota gaiata de principio a fim. Cada animal laçado, sobretudo os mais bravos, dá assunto farto a gritos, ironias, ditados, vaías, entusiasmo... É assim o gaúcho. (JÚLIO, op. cit., p. 231)

Quando fala do rodeio, outro espetáculo para Sílvio Júlio, reporta-se ao comportamento do peão, do *sinuêlo*, do *pingo*, da *gorda novilha*, da *terneira* e ainda do *piá pitoco* que vivia pelas estâncias. Vocábulo novo para os ouvidos cearenses, já que a realidade gaúcha está distante da sua própria. Relata ainda os muitos causos que ouviu pelos campos pampeanos, anotando-os sempre, guardando-os sempre.

Quando das várias passagens que Sílvio Júlio teve por Santiago, ele guardou:

alguém me contou que um juiz dos vários que há pelo município, quando procede a casamentos, pronuncia inflamado discurso, mais ou menos surrupiado do Orador Popular; e que, depois, indaga à noiva: - Então a senhora deixa dos amores de seu pai, para viver com o seu fulano?... [...] Mais uns fatos – diz Sílvio Júlio – chegam dois guris, apressados, e comunicam ao medico dos pagos que a mãe deles precisa imediatos socorros. O curandeiro, cortez e humanitário, monta a cavalo e acompanha os meninos. No quarto da enferma, cansado, ele toma-lhe o pulso e, cheio de energia, ordena: - *Si tem febre não me negue!*. (JÚLIO, op. cit., p. 239-240)

Severo crítico da política empregada por Borges de Medeiros enquanto governador, Sílvio Júlio reclamava intensamente do sistema educacional sul-rio-grandense, associando o atraso em que o mesmo se encontrava a uma razão premente: o povo pampeano tinha a

qualidade única de ser leal, de ser verdadeiro, afetuoso, porém era mantido analfabeto graças aos seus dirigentes. Reconhecia que o mesmo acontecia com o sertanejo; porém, ratificava ele que “o homem que não sabe ler, nem escrever; o homem que não está ao par dos progressos mecânicos da civilização; o homem que jaz alheiado ao desenvolvimento da cultura, da indústria, do comércio, é sempre uma vítima da politicalha sem freio, ou da torpe exploração estrangeira. [...]”. (JÚLIO, op. cit., p. 246)

Numa análise profunda da conjuntura nacional e apresentada às autoridades nordestinas, em especial as de Fortaleza, o filho de general já anunciava o que, num futuro muito próximo, entre tantas coisas, enfrentaríamos de maneira tão marcante e permanente: “O problema da *colonização é capital*” (JÚLIO, op. cit., p. 249).

Sílvio Júlio, num discurso único, que manteve até seus últimos dias de vida, cantou aos vinte e quatro anos:

Tudo pelo estrangeiro, nada pelo nacional, eis a fórmula dos nossos presidentes. E assim vemos as levas YANKEES e de europeus gosando a fortuna fácil que lhes proporcionamos, enquanto o brasileiro aí jaz, geralmente pobre e abandonado”. (JÚLIO, op. cit., p.250)

[...] O brasileiro deve ser contemplado antes do estrangeiro. É a lição que o estrangeiro dá ao brasileiro. Este methodo é Yankee e é europeu. (JÚLIO, op. cit. , p. 256)

Numa linguagem ufanista, Sílvio Júlio ainda acusa as colônias italianas e alemãs que vivem no Rio Grande do Sul de mudarem os hábitos do homem pampeano. Reforça de maneira ímpar a necessidade de educar o brasileiro, tanto o do sul, quanto o do norte. Cita Alcides Maya, amigo pessoal seu, quando o escritor gaúcho pronuncia que “se não instruímos o habitante dos campos e das matas, ele será fatalmente expropriado do solo pelo estrangeiro culto”. (JÚLIO, op. cit., p. 259). Sílvio Júlio prega em seu texto sobre a colonização nacional que, de fato, o povo brasileiro necessita “nacionalizar” o Brasil e conclui: “Ou progredimos ou morremos”. (JÚLIO, op. cit., p. 263)

Em *Lendas e Canções*, também apresentado em Fortaleza-Ceará, em 1919, para o senhor comandante do Colégio Militar do Ceará, a deputados, professores, alunos e convidados, Sílvio Júlio canta o Rio Grande do Sul. Lembra mais uma vez como veio para o pampa, e cruzou pelas cidades de São Borja, Itaqui, Uruguaiana e Santa Maria. Naquela faixa viveu partindo apenas em 5 de março de 1919, quando foi chamado à Capital Federal, com o objetivo de assumir o cargo de professor de português do Colégio Militar do Ceará. Lembra ainda que tendo trabalhado como advogado, jornalista, foi na profissão de professor

que mais pode conviver com a cultura gaúcha, educando, num primeiro momento os filhos de Itaquí, depois os do segundo distrito deste mesmo município e, a seguir, os alunos de Santiago do Boqueirão.

Faz a mais bela descrição do pampa: “leve, suave, quieta, a região das cochilhas é como um oceano verde que se petrificasse. Não há ali uma única torre de cordilheira. Nem um pico, desses que navalham o espaço noutras latitudes, sobre ao céu. A linha curva, muito feminina, lembra gestos preguiçosos de gata, e vai perder-se no horizonte limpo que, escancarado, se une ao pampa, num abraço fraterno...”. (JÚLIO, op. cit., p. 269)

Numa linguagem pragmática, romântica, torna-se difícil não fazer uso da narrativa do próprio Sílvio Júlio, pois seu decante é único, perene. Dessa maneira, solidifica o que realmente constatou ou contou no pampa, seja na fronteira, seja nas cidades por ele visitadas ou nas quais morou. Com todo um discurso explosivo, provocador, denunciador, o viajante ricifense conclui sua apresentação falando dos contos e lendas sul-rio-grandenses.

Apresenta tais lendas noticiando que ele próprio aproveitou ouvindo os nativos pampeanos para aprender sobre as mesmas. Conta, então, a respeito das lendas do Negrinho do Pastoreio e do Boi-tatá<sup>30</sup>. Segundo Sílvio Júlio, “estas duas são as únicas lendas correntes ainda na campanha, mas quase somente entre mulheres. O homem é desprevenido e raramente dado a essas crendices. Na fronteira foi o que concluí, depois de constantes observações” (JÚLIO, op. cit., p. 273).

Quando conclui a obra, Sílvio Júlio afirma que nunca, jamais o tempo apagará de sua memória a recordação suave de tudo que viveu. De fato, depois desse período, quase quatro anos corridos, Sílvio Júlio não viveu, ou voltou muito pouco ao solo sul-rio-grandense.

---

<sup>30</sup> Não obstante, Sílvio Júlio não diz que ouviu tais lendas a partir da obra simoniana.

## **6 ESTUDOS GAUCHESCOS DE LITERATURA E FOLCLORE X LITERATURA, FOLCLORE E LINGÜÍSTICA DA ÁREA GAUCHESCA NO BRASIL**

A obra Estudos Gauchescos de Literatura e Folclore, editado em Petrópolis no ano de 1953, traz dois capítulos divididos da seguinte forma: 1. Quatro anos entre gaúchos, com cinco subtítulos: a. Procurando compreender o guasca. A função nacional dos gaúchos e sertanejos; b. Ouvindo conversas e cantigas nos galpões. A vida quotidiana do guasca; c. Escutando lendas e canções no pampa. A alma do guasca; d. Penetrando na querência. O amor e a mulher do guasca; e. Observando os antigos e os novos habitantes da campanha. Choque do gringo com o guasca. 2. Aspectos da literatura gauchesca no Brasil, com quatro observações feitas por Sílvio Júlio sobre os seguintes temas: a. Os contos de Alcides Maya; b. Os contos de Simões Lopes Neto; c. Augusto Meyer; d. Nótulas lingüísticas à obra de Simões Lopes Neto por Aurélio Buarque de Holanda.

Colocamos as referências sumariais dessa obra pelo fato de encontrarmos o mesmo conteúdo repetido por inteiro no livro Literatura, folclore e Lingüística da Área Gauchesca no Brasil, de 1962, publicado no Rio de Janeiro, que traz como inovação apenas o texto *Equívocos sobre a história, lingüística e etnografia do Rio Grande do Sul* e o acréscimo de dezesseis palavras (abombar, cajetilha, charrua ou charruá, o vocativo ‘che’, cochilha, cusco,

estância, galpão, guaiaca, maula, munhata, picanha, pingo, querência, sinuêlo e tambo) inerentes ao vocabulário gauchesco, por nosso autor pesquisado em sua origem lingüística.

No que diz respeito ao conteúdo da obra de 1953, podemos perceber que Sílvio Júlio a inicia fazendo uma espécie de reapresentação de falas, raciocínio e pensamentos já narrados por ele há mais de trinta e cinco anos pelo menos.

Não há alteração quanto ao que pensava naqueles momentos iniciais, como ocorre na primeira parte das citadas obras, quando o crítico retoma os textos *Independência* (1916), *A Alma Gaúcha* (1917), *O Amor e a Mulher* (1818) *Colonização* (1919), *Lendas e Canções* (1919), entre outros, por exemplo, para rerepresentar o tema *Gaúcho*.

## **6.1 EQUÍVOCOS SOBRE A HISTÓRIA, LINGÜÍSTICA E ETNOGRAFIA DO RIO GRANDE DO SUL**

Nesse artigo é apresentada uma resposta de Sílvio Júlio a José Honório Rodrigues, diretor da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional à época, que em 1946 publica a obra O Continente do Rio Grande, na qual afirmava:

Para compreender o nascimento, formação e desenvolvimento do monarca é necessário estudá-lo como um tipo social historicamente condicionado. O processo de diferenciação e integração desta personalidade há de fazer-se levando em conta a zona cultural historicamente determinada que o gerou adequadamente. O monarca é o fruto lusitano dos campos continentais. (RODRIGUES apud JÚLIO, 1962, p. 56)

Embasado na experiência de já ter vivido em terras sul-rio-grandenses por alguns anos, Sílvio Júlio provoca José Honório Rodrigues, confessando que iria rebatê-lo através da letra de forma, pois julgava que este não tinha experiência alguma para fazer o referido julgamento, e muito menos publicá-lo. Através da observação antropológica realizada quando estudou o Rio Grande do Sul, Sílvio Júlio retoma todos os conceitos anotados ao longo dos anos para explicar ao seu oponente o sentido de ser gaúcho, procurando explicar a origem do gaúcho como ele próprio viu e sentiu, colocando-o sempre como um ser diferente, sim, daqueles que também configuraram nas sociedades sul-americanas, que era cavaleiro, campeiro, que preferia a vida do campo às lides da agricultura, fator determinante em seu processo de formação.

A exemplo do que fez durante os primeiros textos de sua vida, principalmente aqueles que relatam as imagens do pampa e do pampeano, após tanto tempo longe das terras gaúchas, Sílvio Júlio canta o homem da fronteira como ser único na face da terra, não apresentando, é verdade, nada de novo para o leitor assíduo de suas obras com esse tema, porém para o novo leitor, certamente, uma visão, se não nova, ao menos mais madura a respeito do gaúcho, em especial o fronteiriço.

Destratando ao longo de todo o seu discurso o autor de O Continente de Rio Grande, Sílvio Júlio tenta mostrar de todas as formas a origem do gaúcho:

moços vagabundos, ladrões de gado chimarrão, coureadores que abatiam milhares de reses sem dono para tirar-lhes apenas a pele valiosa, inquietos agentes do contrabando impossível de evitar-se, os primeiros habitantes das terras platinas, posteriormente denominados *changadores*, *gaudérios* e, mais tarde, *gaúchos*, figuram nos papéis das autoridades com as mesmas características externas de sempre [...] que sofrem modificações, à proporção que seu meio recebia novos fatores de progresso, quer material, quer espiritual. Durante a luta pela emancipação política na Argentina e Uruguai, as hordas daqueles cavaleiros indômitos e anárquicos mostraram-se capazes de heroísmo, habituadas como estavam à existência dura dos ranchinhos improvisados no deserto. [...] No Rio Grande do Sul, o tipo social *gaúcho* quando havia evolucionado fora, quando na Argentina e no Uruguai sofrera transformações temporais nas suas maneiras de viver, de agir e de pensar. É, portanto, falsidade pretender que o nosso sul-rio-grandense da campanha fronteiriça difere intrinsecamente, não se aproxima étnica e historicamente do cavaleiro do pampa platino. (JÚLIO, op. cit., p. 57-58)

Quando trabalhamos com Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, precisamos ter claro que tudo que ele afirma é baseado, primeiramente, em sua própria vivência em solo pampeano, fronteiriço; segundo, a partir das muitas leituras feitas por ele durante todo o tempo de sua vida, raramente tínhamos informações enquanto bibliografia ou, simplesmente, a mesma inexistia nas obras noticiadas.

Portanto, faz-se necessário, quase sempre, transcrever o que ele afirmava, pois como o próprio Sílvio Júlio costumava dizer: “...lá estive. Isso é fato”.

Ainda no artigo *Equívocos sobre a história, lingüística e etnografia do Rio Grande do Sul*, Sílvio Júlio continua a sua desconstrução dos argumentos de José Honório Rodrigues quando apresenta, a partir das perspectivas histórica, cronológica e linear, que a origem do tipo social do gaúcho vem bem antes do Rio Grande do Sul ser anexado aos domínios do governo lusitano, fato que ocorre entre os últimos anos do século XVIII e o início do século XIX. Bem antes desse período, o gaúcho, ou seu tipo social, já era descrito pelos governos da

época como sujeitos seminômades, que viviam a percorrer os pampas de Buenos Aires, a cavalo sempre, uma vez que sem esse animal não se concebe o gaúcho em nenhum momento, dedicando-se, na maioria das vezes, ao enlace do gado chucro e à venda de couro.

Quando da elaboração de seu artigo, podemos perceber um Sílvio Júlio inteiramente maduro sobre o tema, principalmente porque, apesar de não haver registro de seu retorno ao pampa, o escritor não parou de adquirir conhecimento sobre as origens do homem pampeano e sobre o processo de formação dessa comarca, apresentando-nos ao longo de todo o texto uma relação de autores, principalmente argentinos e uruguaios<sup>31</sup>, que tratam do tema com propriedade, a fim de dar voz e ratificar seus argumentos. Apega-se a esses autores rigorosamente, já que todos eles pregavam que o gaúcho surge a partir das características platinas, espanholas, fato que ele reiterou a vida inteira, e não do lusitanismo, como queria a maior parte dos nascidos em terras nacionais, como Rodrigues, carioca, e Vellinho, sul-riograndense.

Para justificar ainda mais o seu argumento de que foi dos platinos que herdamos nossas raízes, o crítico literário Sílvio Júlio apresenta a obra La Ciudad Indiana (1900), do argentino Juan Agustín García, por exemplo, que nos diz que quando a cidade de Buenos Aires foi fundada em 1536, abandonada em 1541, sendo repovoada em 1580 pelos espanhóis, os campos encheram-se dos primeiros gados chimarrão<sup>32</sup>, oriundos dos lá deixados em 1541, quando os primeiros desbravadores, abandonando-a, decidiram rumar para a cidade de Assunção, no Paraguai. O rebanho crescente e livre chamou a atenção da “indiada” de volta. Havia na planície pampeana o cavalo sem dono, o boi sem dono, logo, só parecia faltar o laçador de gado chimarrão, exatamente o tipo social do *gaúcho*<sup>33</sup>. Naquela fonte de recursos eles podiam encontrar os fatores de sobrevivência mais importantes: alimento, roupa e a extração do couro. O homem que por aqui vagou, mesmo na ausência total de povoamento pelas plagas argentinas criou, mesmo de forma distante, o alicerce para a formação do tipo social do gaúcho. Ali, tínhamos todas as características típicas do pampeano: semi-selvagem em seus hábitos e costumes, na maneira de combater, de trabalhar e vestir-se. Era um

---

<sup>31</sup> Juan Agustín García Hijo, Roberto Levillier, Sarmiento, José Ingenieros, Ezequiel Martínez Estrada, etc.

<sup>32</sup> “En 1536, (ensina Juan Agustín García, Hijo, à página 12 de *La Ciudad Indiana*) desembarcó la expedición Mendoza y fundó a Buenos Aires. La mísera aldea tuvo una existencia efímera y trágica. En 1541 fué definitivamente abandonada por sus pobladores. Dejaban los gérmenes de su fortuna: unos pocos caballos y vacas. [...] Cuarenta años después, en 1580, la Pampa estaba llena de animales: una prodigiosa riqueza, de fácil explotación, y con poco trabajo, de resultado seguro”. (GARCIA apud JÚLIO, op. cit., p. 60)

<sup>33</sup> Segundo Hohlfeldt, “para o pesquisador interessado em estudar a história e a presença do gaúcho, chama a atenção, desde logo, o fato de que a bibliografia disponível, seja ela argentina, uruguia ou brasileira, termina por ser essencialmente a mesma. Ainda que alguns autores advoguem por vezes perspectivas que pretendam encontrar diferenças naquele tipo social, confluem os estudos naquilo que é essencial. (HOHLFELDT, 2006, p. 21)

indivíduo que cruzava as futuras fronteiras sem o saber, criando uma sociedade pastoril de índole diferenciada, em cujo seio surgirá o gaúcho, homem que a história fixa como fruto da vida rural daquela região.

Com uma economia voltada unicamente para os negócios de couro vacum e cavalariagem, já que este tipo de gado enchia os campos rio-platenses, fundamentalmente a adaptação do homem fez-se necessária, fazendo com que os primeiros ocupantes transformassem seus hábitos e maneira de viver, e essa mudança, ocorrida ao longo dos tempos, veio forjar o que temos hoje enquanto figura de personagem da comarca pampeana, ou seja, o *gaúcho*. Contudo, ainda precisamos considerar duas questões primordiais que vêm tratar: 1. do próprio tipo social do gaúcho, de sua figura pastoril delineada no pampa argentino, aproximadamente depois da re-fundação da cidade de Buenos Aires, por Juan de Garay em 1583, quando os habitantes daquele período, jovens e velhos, entregaram-se a uma vida fácil de caçadores de couro do gado abundante e sem dono, fato que Emilio A. Coni omite em El Gaucho, de 1969.<sup>34</sup> 2. da questão de nomenclatura, pois se observa que, de certa forma, empregou-se várias denominações ao habitante do pampa à medida que ele se dedicava a novas formas de atividade rural: *criollos sueltos, holgazanes, desjarretadores, vagabundos, quatreros, arrimados, changadores, gauderios, gauchos...* etc. (JÚLIO, op. cit., p. 63). Entendemos que o tempo, longo, demorado, principalmente no ambiente rústico do pampa, resumiu-se a elaborar as características apresentadas hoje pelo homem pampeano, que aos poucos fixou-se e transformou o seu *habitat*, nomeando-o, inclusive.<sup>35</sup>

Outra obra apresentada por Sílvio Júlio com o intuito de desconstruir os argumentos de Rodrigues é o livro La literatura gauchesca y la poesía gaucha (1953), de Carlos Alberto Leumann, que, assegurado pelas cartas escritas por Hernandarias<sup>36</sup> nos anos de 1616, 1617 e 1617, afirma:

Ya bajo el gobierno de Hernandarias hay jóvenes que salen de la ciudad porteña, se internan, a veces lejos, en el descampado, y allí cada uno se construye una mísera vivienda. Los ha seducido la idea de una existencia maravillosamente libre. Son criollos, hijos o nietos de los españoles que vinieron con Juan de Garay a la fundación de Buenos Aires. Gracias a una estupenda ordenanza del visitador Alfaro, precisamente dictada a comienzos del siglo XVII, son dueños de todo el ganado salvaje, vacuno y yeguarizo,

---

<sup>34</sup> A primeira edição dessa obra data de 1945.

<sup>35</sup> Conforme Hartog, “nomeação supõe-se domínio, [...] impor um nome ou conhecer os nomes implica, pois, um certo poder: o nome é sempre mais que a simples proferição sonora” (Hartog, 1999, p. 256).

<sup>36</sup> Hernando Arias de Saavedra, conhecido mais como Hernandarias, foi governador de Assunção, capital do Paraguai, em 1592, como também o primeiro governador da província de Buenos Aires, Argentina, de 1602 a 1609.

diseminado en la pampa. Dueños de este ganado como del aire y del sol y de la naturaleza virgen... De sus actos sólo há de dar cuenta a su conciencia y a Dios. Ni necesita trabajar, si no es vicioso. Por paños para cubrirse y por yerba, acaso no va dos a tres a la ciudad, adonde lleva para el trueque algunos cueros sobados, y sebos, y cerdas.

...Y esos mozos anormalmente libres en la pampa fueron los primeros antepasados del gaucho. (JÚLIO, op. cit., p. 64-65)

De maneira irrefutável, e no intuito de comprovar ainda mais seus argumentos, descontruindo os de Rodrigues, ainda encontramos as seguintes obras citadas por Sílvio Júlio: El Lazarillo de Ciegos Caminantes (1773), de Concolorcorvo, que trata dos gaudérios que ele viu em terras uruguaiaias<sup>37</sup>, e Buenos Aires y el interior (1921), de Alexandre Gillespie, que descreve o gaúcho como um “homem mestiço, bronzeado, montado quase todo o dia sobre o cavalo por ele próprio capturado a laço, que come carne na maior parte do tempo, coberto pelo poncho, calçado com botas de couro de potro, etc”. (JÚLIO, op. cit., p. 69) . Outras descrições ocorrem ao longo dos anos, em especial relacionadas ao aspecto físico e social do futuro gaúcho: semi-bárbaro, domador de potro, que vive à solta, veste-se de chiripá e poncho, usa o laço e a boleadeira de duas ou três pontas com competência. Em 1852, William Hadfield publica El Brasil, el Rio de la Plata y el Paraguay, com tradução de Betty B. de Cabral em 1943, reproduzindo as mesmas características vistas anteriormente, porém ali empregou o termo *beduíno sul-americano* para definir os primeiros gaúchos. Somente em 1946, Manoelito de Ornellas vem empregar o termo em seu livro Gaúchos e Beduínos.

Portanto, o que reforça as palavras do professor Sílvio Júlio quando este defende seus argumentos, é justamente o fato de ele sempre procurar comprovar, de maneira incontestável a partir de vasta bibliografia, o que está afirmando, já que desta maneira fecha as portas para a dúvida. Se nosso crítico condena José Honório Rodrigues por ser lusitano demais, ele próprio, Sílvio Júlio, tende para o hispanismo, porém, ao contrário da conduta daquele ou de qualquer outro “opponente”, procura ocupar uma posição que possa manter até o fim através das inúmeras leituras realizadas, da própria experiência, da bibliografia que sempre procurou manter.

---

<sup>37</sup> “Homens seminômades, campeiros dos pagos da Banda Oriental, em seus ponchos, laços, boleadeiras, facões...” (CONCLOLORCORVO apud JÚLIO, op.cit., p. 69)

## 6.2 NÓTULAS LINGÜÍSTICAS À OBRA DE SIMÕES LOPES NETO POR AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA

Sob a ótica silviojuliana, ao ser convidado pela Editora Globo para elaborar o Glossário das vozes lingüísticas dos Contos Gauchescos e Lendas do Sul, no ano de 1949, o lexicógrafo e crítico literário Aurélio Buarque de Holanda, comete alguns erros considerados crassos.

Sílvio Júlio, feroz leitor da literatura pampeana, apresenta ao leitor uma série de observações levantadas a respeito do referido texto de Holanda. Muitas vezes sugerindo, outras criticando o posicionamento incoerente de Aurélio Buarque, que, devido ao seu relacionamento com alguns intelectuais da época, entre eles Alcides Maya, Manoelito de Ornellas, mas também Otto Maria Carpeaux, manteve-se literalmente em “cima do muro” em momentos que o levaram, muitas vezes, na visão de Sílvio Júlio, ao erro tanto histórico, quanto filológico, já que o elaborador do glossário oscila entre o critério gramatical e o estilístico, especialmente no que tange aos aspectos de ortografia e pontuação.

A proposta inicial de Sílvio Júlio, quando se refere ao texto de Holanda, é apresentar algumas anotações a respeito de termos populares do pampa. Reconhece o esforço extremo do pesquisador alagoano em executar tal tarefa, considerando que este nunca havia estado em terras pampeanas, aumentando, assim, seu imenso trabalho. Como o próprio Holanda chegou a afirmar, sabia que suas fontes, em especial as brasileiras, já eram insuficientes, quanto mais as hispânicas. O conhecimento sobre os vocabulários amerigenista e americanista<sup>38</sup> era, de fato, escasso, se o intuito era elucidar o léxico de João Simões Lopes Neto em Contos gauchescos e Lendas do Sul.

Ao elaborar seu glossário sobre os termos pampeanos na obra simoniana, Aurélio Buarque de Holanda parece não ter tido o cuidado<sup>39</sup> de confrontar elementos como datas ou informações sobre o processo histórico de formação do homem situado na banda sul do continente americano, como também não se municiou de bons dicionários de americanismos e amerigenismos, além ter deixado de lado a influência definitivamente platina no gaúcho, assim como as influências do étimo da voz.

---

<sup>38</sup> *Amerigenista ou amerigenismo*: palavras originárias de dialetos da América indígena e que se adaptaram aos castelhano; *Americanismo*: palavras espanholas que mudaram sua acepção na América.

<sup>39</sup> Aurélio B. de Holanda, mesmo timidamente, reconhece que *arregalar, eh pucha, a la fresca, a la cria, a plata, bueno, miles* e outras palavras pertencem ao castelhano (JÚLIO, op. cit. p. 99).

Sem procurar-lhe os processos de adaptação ao português, sem determinar-lhe o desenvolvimento semântico, sem informar datas de possíveis origens, não levou em conta as comparações entre os idiomas português e espanhol ou castelhano, nem a antiguidade nos vários idiomas neo-latinos ou amerígenas, conforme cada caso, e parece ter desconsiderado toda a influência espanhola e hispano-americana, preferindo resumir tudo que não compreendia ou não achou nas fontes consultadas, em arcaísmos lusos e açorianos, que somente chegaram em terras gaúchas na primeira metade do século XVIII.

Quando elabora seu texto, querendo agradar os *jingoistas*<sup>40</sup>, que acreditavam piamente em nossa completa nacionalidade, Aurélio Buarque de Holanda sabia, graças à sua intelectual formação, sobre as raízes platinas do gaúcho, porém preferiu sofrer calado, embora viesse a afirmar que:

O primeiro aspecto que a um simples lance de vista ressalta no vocabulário de Simões Lopes Neto é certamente a contribuição espanhola, de um modo geral, e, mais particularmente, platina. Uma dessas palavras e expressões ainda conservam intacta a vestimenta originária, estranha ao nosso idioma e a ele dificilmente adaptável, ferindo-nos a vista com um jeito impertinente de intrusas. É o caso do *arregalar*, do *eh pucha*, do *a la fresca*, *a la cria*, *a plata*, *Bueno*, *miles* e mais umas poucas. Outras – *pajonal*, *cajetilha*<sup>41</sup>, ... – têm certo ar de gente do nosso meio e embora os glossários nos informem de que são pronunciadas à castelhana, já figuram em dicionários nossos, criando-se a natural tendência para uma adaptação delas às nossas exigências fonéticas. Outras ainda guardando embora uma fisionomia de gauchismos ainda meio xucros – é o caso de *empeçar* – são na realidade da língua portuguesa : regionalismo de Portugal, vindos pela correspondente forma espanhola, e cujo uso no Rio Grande do Sul é resultado da influência platina. (JÚLIO, op. cit., 99)

Com relação ainda à influência platina na formação do linguajar sul-rio-grandense, Luis Carlos de Moraes, ao imprimir seu vocabulário Sul-Riograndense (1935), escreveu:

Querer-se negar a influência platina no dialeto que falamos é obra de insensatez desmedida, pois inúmeros vocábulos de corrente emprego aí estão a testar. Aliás, esta influência é, de algum modo, recíproca na orla fronteiriça, e nem poderia ser de outra maneira, dadas as condições de íntima vizinhança. Desse acerto, desde já, peço perdão aos *chauvinistas crioulos*. (JÚLIO, op. cit., p. 93)

Então, conclui-se que Aurélio Buarque de Holanda, definitivamente querendo agradar aos amigos defensores dos interesses lingüísticos lusitanos em campos pampeanos, deixa-se

---

<sup>40</sup> relacionado ao extremismo, ao nacionalismo exacerbado.

<sup>41</sup> “[...] um cajetilha da cidade dum a vez que a viu botou-lhe uns versos mui lindos”. (LOPES NETO, João Simões. *O Negro Bonifácio*. In: *Contos Gauchescos*. Porto Alegre: Globo, 1983. p. 15).

levar pelo erro elementar do “agrado aos amigos”. Seguindo a incoerência ao explicar certas palavras, a insistência em manter certas origens lingüísticas e etimológicas torna-se absurda quando o glossarista explica, por exemplo, que o vocábulo *china* (criada, mulher do povo, mocinha morena), termo comum e popular no Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai há longa data<sup>42</sup>, tem origem meramente chinesa.

Sílvio Júlio critica o trabalho de Holanda, afirmando que deseja apenas indicar algumas falhas, chamar a atenção dos estudiosos da dialetologia para a “anarquia reinante no setor da filologia gauchesca, indicando-lhes caminhos mais seguros” (JÚLIO, op. cit., 104). Outros críticos também assim o fizeram, como foi o caso de Chiappini (1999), afirmando esta que Aurélio Buarque de Holanda oscilava entre o critério gramatical e o estilístico, principalmente no que se referia aos aspectos de ortografia e pontuação, fazendo ainda o seguinte comentário:

Aurélio Buarque chega mesmo a colocar a pergunta pertinente: "Por que tantas suspensões de pensamento e tantas admirações?" Mas o seu olhar de filólogo, respeitoso das normas clássicas que recomendam o "sens de mesure", não esbarra na resposta óbvia: A fala de Blau é a fala do excesso, a bela e primitiva fala que faz saltar à superfície do enunciado, por todos os recursos ao alcance do autor, tudo aquilo que a lógica da linguagem escrita e contínua recalca - o grito, o riso, o próprio silêncio - e que a poesia sempre tenta resgatar, suprindo, assim, a impossibilidade de ouvir os Blaus de antigamente recontar ao pé do fogo as suas histórias de amor e de sangue, onde ressoa um tempo muito antigo, e o desejo sempre renovado de transportar-se às origens, para encontrar o sentido arisco da vida. (CHIAPPINI, 1999, p. 18)

Nessa linha, Sílvio Júlio (1962) também já havia se posicionado, reprovando a pontuação e a falta de comedimento da escritura simoniana, conforme observamos:

Não parou nestas reticências o contista, que em incorreta linguagem prosseguiu assim falando sem descanso, mas a cansar a paciência alheia. [...] Simões Lopes Neto não se derramava no abuso de vocábulos estranhos e espalhafatosos; o que também fez, foi conversar fiado, descrever inutilmente, esticar as situações acessórias. *No manantial*, por exemplo, lucraria colossalmente, do ponto de vista estético-literário, se tivesse a concisão invejável do *Plebiscito*, de Artur Azevedo ou de *A caolha*, de Júlia Lopes de Almeida. (JULIO, op. cit. p. 189)

---

<sup>42</sup> Daniel Granada, Vocabulário rioplatense razonado; Leonardo Tascón, Quechuísmos usados em Colombia; Francisco J. Santamaría, Diccionario General de Americanismos; Tito Saubidet, Vocabulario y Refranero criollo, são pesquisadores que estudaram a etimologia daquela palavra, opinando, todos, pela raiz quêchua da mesma.

Vale ainda ressaltar que houve até o momento três edições críticas sobre a obra de Simões Lopes Neto, a saber: 1. de Aurélio Buarque de Holanda (1949), 2. de Lígia Chiappini (1988) e, 3. de Aldyr Garcia Schlee (2006).

Segundo o pesquisador pelotense Luís Borges (2006), especialista simoniano, pode-se afirmar que, necessariamente, “para a execução das duas edições críticas de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul* (1988 e 2006) foi indispensável dialogar com a edição crítica da Globo (1949)”, porém, “à exceção de Schlee, nenhum dos outros organizadores de edições críticas da obra de Simões Lopes Neto citam os importantes comentários de Sílvio Júlio à obra do autor pelotense” (BORGES, op. cit.). Na edição de Chiappini, retirou-se o glossário, o que Schlee retoma em 2006, além de também ter incorporado, conforme Borges,

as Lições<sup>43</sup> dos textos publicados no Diário Popular, órgão em que saiu vários contos, mais tarde, inclusos no livro *Contos Gauchescos* (1912). Fora o glossário de duas mil palavras, é importante assinalar que Schlee dialoga com os estudos de Sílvio Júlio, entre outros aspectos, explicitando a origem das palavras, do que é exemplo *cusco*, uma vez que também registra a existência da grafia *Cuzco*, no Uruguai. [...] Outra marca de Sílvio Júlio retomada no trabalho de Schlee se encontra quando afirma que várias palavras nos vieram do espanhol platino, embora possuam origem quêchua. (BORGES, op. cit.)

Portanto, Sílvio Júlio, que observou a cultura sul-rio-grandese com seus próprios olhos e leu tudo que esteve ao seu alcance sobre o pampa e sobre a arte de Simões Lopes Neto, estava correto ao ratificar sua opinião sobre as anotações de Holanda, não permitindo que os equívocos passassem em branco, já que dessa forma, estaria cometendo uma injustiça não só com o autor pelotense, mas com toda a cultura pampeana.

### 6.3 AUGUSTO MEYER

Em seu próximo texto, intitulado *Augusto Meyer*, Sílvio Júlio revisa a obra do escritor gaúcho elogiando-o pelo fato do autor de Prosa dos Pagos (1960) ser um homem definitivamente aberto às influências platinas, tendo acrescentado, inclusive, a alguns pontos básicos do folclore gaúcho, esclarecimentos valiosos, porém critica algumas avaliações feitas

---

<sup>43</sup> A *lição* é a variante escolhida pelo editor do texto.

por Meyer, principalmente a respeito do que este afirmou sobre a etimologia de palavras como, por exemplo, *campeiro*<sup>44</sup>.

Meyer comenta a respeito a lenda do *Negrinho do Pastoreio*, sugerindo que a mesma nasce em zona sul-rio-grandense. Contudo, Sílvio Júlio rebate tal afirmação noticiando que a lenda não existe somente no Rio Grande do Sul, mas que se ela assemelha em muito a de *São Campeiro*, sem contar que tema semelhante é narrado em regiões argentinas da Catamarca hispano-amerígena e Uruguai<sup>45</sup>.

#### 6.4 OS CONTOS DE ALCIDES MAYA

*Mestre do conto gauchesco e terras do Brasil e da América inteira, como autor característico da zona pampeana de nosso país, sintetiza Alcides Maya diversas correntes espirituais: umas oriundas da técnica da antropogeografia e da história do torrão que lhe foi berço; outras, da fisionomia social dos povos que descendem de português e espanhóis, as últimas, do pensamento humano em seus rasgos da XIX<sup>a</sup> centúria.*<sup>46</sup>

Podemos iniciar dessa forma a opinião de Sílvio Júlio sobre o escritor Alcides Maya. Reconhecia em sua escrita uma forte característica sentimental e romântica. Acreditava Sílvio Júlio que três fortes tendências influenciaram o autor sul-rio-grandense: 1. o seu profundo conhecimento da técnica da antropogeografia e da história do Rio Grande; 2. o seu conhecimento da fisionomia social dos povos; e, 3. seu profundo conhecimento do “humano” ou sua condição.

Por sua enorme erudição, que lhe conferia o caráter de pensador, Maya sofreu enorme influência desde o berço quanto às tradições brasilo-plantinas. Alcides Maya, além do “dom”

---

<sup>44</sup> Sílvio Júlio explica: “os sentidos de *campeiro*, uns antigos, outros menos velhos, sugerem que no Rio Grande do Sul esta dição possa considerar-se hispanismo quando indique sujeito hábil na labuta pastoril. Não só lhes diferenciamos as acepções, como reconhecemos a duplicidade de seus étimos: 1. *campa* > *campa* + *eiro*; *campainha* > *campainha* + *eiro*; *campaninha* > *campainha* + *ao*; *campa* > *campa* + *ar*, etc. 2. *campo* > *campo* + *eiro*; *campo* > *campo* + *estre*; *campo* > *campo* + *ar*; *campear* > *campeã* semelhantemente, *dor*”. (JÚLIO, op. cit. p. 115)

<sup>45</sup> Segundo Roberto J. Bouton, a lenda vive no Uruguai quase igual a uma das versões sul-rio-grandenses. (BOUTON apud JÚLIO, 1962, p. 113)

<sup>46</sup> JÚLIO, Sílvio. *Estudos Gauchescos de Literatura e Folclore*. Edição do Clube Internacional de Folclore, Delegação do Brasil. Rio Grande do Norte, 1953, p. 123.

que tinha para escrever, tinha técnica, linguagem apropriada e original, verdadeira sugestão de beleza.

Sílvio Júlio costumava afirmar que devido a sua formação, Maya era perfeccionista – “sabia que um livro cheio de facilidades, cotidianidades, vulgaridades, não resiste a coisa alguma”. (JÚLIO, 1953, p. 124)

Na obra Ruínas Vivas, (1910) impõe, por sua formação erudita, pinceladas românticas e sociológicas, inclusive valores científicos. Possuía equilíbrio ético na narrativa e beleza através dos recursos da linguagem, não estendendo, segundo Sílvio Júlio, seus contos com divagações estranhas ao assunto desenvolvido, ao contrário do que percebia em Contos Gauchescos, de Simões Lopes.

Possuindo em sua origem várias raízes que contribuíram para a formação de seu caráter e personalidade, o gaúcho de Maya carregava em seu coração todos os costumes e as influências oriundas do povo platino. Reconhecia que o folclore festejado por este representante nato de nosso povo tinha uma grande e relevante importância na composição de sua identidade.

Conta-nos Carlos Rodrigues Brandão, em O que é Folclore (1982), a seguinte história: certa vez encontrou um búlgaro no interior de Goiás, assistindo a uma típica manifestação interiorana. Apreciando a Festa do Divino Espírito Santo certa vez, Brandão notou que um estrangeiro observava com emoção a *performance* dos foliões. Ao indagar sobre o porquê daquela reação, o búlgaro respondeu que

em mil anos de história, os búlgaros tiveram poucos anos de uma verdadeira independência nacional. Que haviam sido seguidamente dominados por outros povos e, assim, uma boa parte da vida da Bulgária dividiu-se entre o domínio estrangeiro e a luta contra ele. As cidades e aldeias do país eram proibidas de usar sequer e colocar nas ruas os sons e as cores da Bulgária: hinos, bandeiras, a língua – os símbolos coletivos da afirmação ancestral de uma identidade de *pátria*, de povo. Então, quando foi perigoso hastear nos mastros os panos com as cores do país, rezar nos templos ortodoxos as suas crenças coletivas, ou enterrar os mortos com os seus cantos de tristeza, os búlgaros aprenderam a ler a sua memória nos pequenos sinais da vida cotidiana: costumes, objetos e símbolos populares [...] velhas canções ditas à beira da mesa ou da fogueira. Danças de aldeia em festas de casamento; brincadeiras típicas de crianças; ritos coletivos da religião popular; o jeito original de entalhar a madeira ou de pintar potes de barro; os mitos que o avô sabe e conta ao neto, anônimos poemas épicos que narram de casa em casa as histórias dos heróis imaginários, quando era difícil contar na escola a história dos heróis verdadeiros; a sabedoria camponesa dos segredos de lidar coma terra; as flores bordadas nas blusas das mulheres; o rodado peculiar das saias; a faixa que os rapazes amarram na cintura; o jeito de prender na cabeça um lenço. Saias, lenços, canções e lendas. A ‘alma de um povo’,

como se dizia às vezes, existia nas coisas mais simples, mas caseiras, mas antigas. Coisas da vida. Tudo o que se percebe aqui é folclore. Lá na minha terra foi o que tivemos para não perdermos a unidade da nação e também um sentimento de identidade que não podia ser destruído. Por muito tempo nossas bandeiras eram as saias das mulheres do campo e os hinos as canções de ninar [...] As pessoas parece que estão se divertindo”, disse, “mas elas fazem isso para não esquecer quem são.

Alcides Maya tinha plena consciência das raízes que formaram a identidade sulina e como o búlgaro, de Brandão, sabia que longe da cidade, o interiorano sul-rio-grandense, principalmente aquele oriundo e morador da região de fronteira, mantinha viva todas as danças, hábitos, costumes de seus antepassados, se é que esses existiram, para manter viva exatamente sua identidade, que se mantinha inteiramente diferente dos gaúchos do leste. Até hoje percebemos, a partir dos centros de tradições gaúchas, ou similares, que a criação destas “casas regionais” tem apenas um objetivo, ou seja, o de agregar os naturais de uma determinada região que, por razões de várias ordens, tiveram um dia de deixar a sua terra de origem e partir, na maior parte dos casos à procura de melhores condições de vida, para grandes aglomerados urbanos no próprio país ou mesmo no estrangeiro.

Por tudo isso, ao trabalhar o folclore, a poesia das massas populares, até mesmo nas questões políticas, Maya procurava fazê-lo com maior competência, pois sabia da grande responsabilidade que tinha quando fazia, a partir de suas obras, alguma relação mais direta com tudo que dissesse respeito à identidade do homem do pampa.

Para Sílvio Júlio, as palavras do boliviano João Eduardo Guerra servem para definir a obra de seu amigo Alcides Maya:

Si el asunto que constituye la medula y la intención de una novela no es privativo de un medio ambiente físico y social determinado, huelga efectivamente la descripción de paisajes, tipos y costumbres. La obra así concebida será una novela de tipo universal, cuyo mérito podrá difícilmente imponerse fuera de las fronteras patrias, y, más aún, de las del idioma. Pero si el escritor produce algo que es transunto de un medio que él siente y comprende mejor, habrá contribuído a incorporar una región, una sociedad, una raza a la literatura de una nación o grupo de naciones, cuya naturaleza, hábitos e idiosoncracia populares son poco conocidos. (GUERRA apud JULIO, op. cit., p. 125)

Ruínas Vivas era uma obra ímpar, mas Tapera e Alma Bárbara são obras que, na visão de Sílvio Júlio, determinam uma sincronização do instinto gaúcho com a idéia de ser gaúcho; do regional com o nacional; do nacional com o continental; do continental ao universal. Obras que, no momento em que estavam sendo criadas, de fato, determinaram todas as raízes

inerentes ao regionalismo vivido em solo sul-rio-grandense, em área de fronteira, aproximando-se, para o agrado dos bons intelectuais, das obras de Sarmiento, Hilário Ascasubi, José Hernández, Acevedo Diaz, Javier de Viana, Quiroga.

Percebe-se nas obras de Maya o modo, a feição, o íntimo da arte, a temática e concepção de vida dos grandes, de tudo que se passava no Uruguai e Argentina.

Apesar de sua extrema cultura, Maya é um raro caso de humildade intelectual. Não retratava em sua obra regionalista, em nenhuma delas, o homem da rua da Praia, em Porto Alegre, mas o digno pampeano. Com olhos formados na Europa, mas com os pés literalmente fincados em solo riograndense, Maya elabora a sua produção literária a partir das coisas vividas em família, na campanha, cuja existência se confunde com as de seus personagens.

Sílvio Júlio costumava dizer que se a obra de Maya fosse um teatro, o palco seria o pampa, e o ator, o gaúcho. Mas quem pensa que por contar apenas com estes dois temas de trabalho, Maya não saberia desenvolver muita coisa no campo da escritura literária, decepciona-se, uma vez que, sabendo que isso não seria suficiente para retratar o gaúcho, e influenciado por toda a sua cultura pampeana-européia, Maya soma àqueles dois elementos a descrição inesgotável da paisagem, da natureza, apresentando-a ao leitor, antes de mais nada, através de sua sensibilidade.

Esse recurso utilizado por Alcides Maya torna-o um escritor muito criticado, pois em algumas ocasiões, influenciado tanto pelo romantismo, mas também pelo naturalismo, em especial o de origem francesa, é classificado pela crítica literária como um escritor de linguagem excessivamente rebuscada.

O sol tombava, dilatado e purpúreo; as celagens da tarde, diluídas em gradações insensíveis, desdobravam ao poente perspectivas grandiosas, de ruinarias, notava-se nas vargens e montanhetas, sucedendo-se sem fim, esbatidas, até o horizonte indeciso, um abrandamento de toque; e, à irisação do crepúsculo, o panorama dos campos paleava-se mais triste, porem mais suave [...] Ao longo da estrada, alternavam-se vultos esguios de arvores, troncos isolados e recurvos, irregulares, com o roxo-terra dos recortes atenuados pela tinta vespertina. (MAYA, 2002, p. 66)

Sílvio Júlio reconhecia em Alcides Maya um escritor pronto, um intelectual da maior estirpe, que lia o francês como poucos em sua época. Admitia, ainda, que a influência literária russa, a partir de autores como Tchékoy, Gorki, Tolstoi, dentre outros, contribuiu em muito para Maya criar suas obras de maneira brilhante e completa.

Amigo pessoal de Alcides Maya, Sílvio Júlio criticava o fato do escritor gaúcho não ter igualado o seu entusiasmo pelos contistas russos ao que sentia efetivamente pelos

franceses, pois acreditava que muito mais inspiração e sinceridade os contos de Maya teriam alcançado.

Quanto à linguagem, afirmava Sílvio Júlio ser única, adequada em definitivo ao gênero de seus contos, já que ela traduzia de maneira fenomenal os instintos do homem sul-rio-grandense. O emprego da sintaxe e da morfologia apresentam-se na obra de Maya sem violações das normas que acataram os grandes escritores da literatura de língua portuguesa.

Desta forma, podemos concluir que, ao contrário do que sentia por João Simões Lopes Neto, Sílvio Júlio, que muitas vezes, segundo ele próprio, leu com Alcides Maya os contos russos, franceses ou ingleses, admirava o amigo por sua cultura, erudição e competência em traduzir as raízes mais profundas do gaúcho pampeano<sup>47</sup>.

## 6.5 SIMÕES LOPES NETO

Com uma formação feita em marcha lenta, o Rio Grande do Sul demorou para caracterizar-se como um estado leitor ou produtor de literatura. Sua “cultura” nasceu tarde devido à vagarosa “gestação” do povo fronteiriço, que se viu forçado a pelear por sua própria definição política – lusos e castelhanos inicialmente; platinos e brasileiros depois.

Para Sílvio Júlio era pobre a estética dos primeiros autores sul-rio-grandenses nos séculos XVII e XIX, porém, em sua concepção, foram estes os verdadeiros baluartes que abriram o caminho para nomes como os dos escritores João Simões Lopes Neto, Alcides Maya e Roque Calage, a tríade literária gaúcha que melhor poderia representar a literatura da terra, pelo menos em sua época.

Sílvio Júlio afirmava que Simões Lopes poderia ter sido comparado a um Jack London, um Javier de Viana, porém, o professor e crítico literário percebia grandes falhas na produção simoniana no campo filosófico, no estilístico, entre outras coisas. Chegava a afirmar que: “mesmo com a carga excessiva de termos passageiros e locais, que lhe maculem aqui e ali a obra, não chegam para anulá-la” (JÚLIO, op. cit., p. 166). Apaixonado pelo conto, dizia que o maior erro em Literatura era considerar o romance superior ao primeiro. Via no conto o local único no qual se vivia uma densidade vertiginosa e impressionante.

---

<sup>47</sup> Segundo Lea Masina, apesar de Alcides Maya ter voltado sua ficção para o homem pampeano, “ser um exemplo do diálogo com os países do Prata, ele jamais menciona os escritores platinos nos textos críticos que publica. Fazendo coro com a intelectualidade latino-americana, seu olhar não se afasta da França, cujos autores principais divulga e legítima”. MASINA, Lea. Alcides Maya. Um sátiro na terra do Currupira. Porto Alegre, IEL; São Leopoldo : Unisinos, 1998, p. 205).

Uma das maiores críticas levantadas por Sílvio Júlio à obra simoniana dizia respeito ao preciosismo empregado por Simões Lopes, pois o escritor pelotense, na análise do crítico, utilizava-se de uma linguagem extremamente carregada de termos e expressões exacerbadamente localistas. Porém, Lúcia Miguel-Pereira afirma em Prosa de ficção (1988), que “reconheceu em Simões a habilidade em articular as duas pontas de uma experiência de vida que foi simultaneamente urbana e campeira, civilizada e primitiva, culta e popular” (CARVALHAL, 1999). Para PEREIRA, “Simões realizou o quase milagre de cultivar-se sem se desenraizar, de dominar o seu meio sem deixar de pertencer-lhe completamente”. (PEREIRA, 1988, p. 215)

Professor Sílvio Júlio afirmava que a produção de João Simões Lopes Neto era um tesouro para a Filologia, mas um problema de compressão para o literato, e muito mais para o leitor leigo, julgando que nem mesmos os “patrícios” sulistas compreendiam os seus Contos Gauchescos, algumas vezes. Em última análise, afirma o crítico que “o que os contos lucravam em ‘pinturesco’, perdiam em universalidade” (JÚLIO, op. cit., p. 171).

Contudo, Guilhermino César, vindo na maré contrária ao comentário de Sílvio Júlio, afirma que:

em termos gerais, o gauchismo estava certo. Só pode enriquecer uma literatura essa busca apaixonada do que é típico na sociedade, quando nada para que a expressão estética represente forças de vida convergentes, construa a autenticidade de dentro para fora, ou seja, buscando justamente o geral e o universal, no homem e suas paixões. Em outras palavras, o regional é o primeiro estágio de toda literatura. Sob pena de cair no despaisamento, no incharacterístico, no formal, nenhuma literatura pode negar as matrizes de que procede o homem que ela traduz e representa (CESAR, 1969, p. 241).

Como profundo conhecedor da língua portuguesa, Sílvio Júlio (op. cit, p. 171) costumava questionar-se: se Simões Lopes conhecia tanto as minúcias da prosódia, da semântica, do léxico, do folclore dos sul-rio-grandenses, por que não nos presenteou um estudo sobre os temas trabalhados?

Para Sílvio Júlio, a produção simoniana era simplesmente destoante, considerando que a “literatura é escrita e não pode querer imitar a fala, sob pena de não conseguir comunicar” (CHIAPPINI, 1988, p. 74). Segundo Ligia Chiappini, o crítico pernambucano era simplesmente purista (CHIAPPINI, op. cit., p. 74) quanto ao uso e emprego da língua portuguesa, por isso criticava tanto Simões Lopes. Enquanto um grupo de intelectuais gaúchos, encabeçado por Moysés Vellinho e Augusto Meyer, em meados da década de 40 do

século passado, esforçava-se para divulgar em nível nacional o nome de João Simões Lopes Neto, Sílvio Júlio escreve um livro quase inteiro para afirmar o contrário.

Ao produzir seus Contos Gauchescos, Simões Lopes abusou da arte da narrativa construindo, na visão de Sílvio Júlio, uma obra abaixo do que seu autor era capaz<sup>48</sup>. Toda essa análise parece ser exagerada, apesar de Sílvio Júlio basear toda a sua crítica nos anos em que viveu nos pampas sulinos. Era um conhecedor, de fato, das raízes tradicionalistas, pois havia viajado todo o estado do Rio Grande e conhecia os demais países da América do Sul.

O que talvez desconhecesse era a proposta de Simões Lopes, produtor de uma das maiores obras regionalistas do solo sul-rio-grandense, mas para ter tal conhecimento, entendemos que Sílvio Júlio precisaria conhecer o próprio Simões Lopes Neto, pois a sua proposta só viria aparecer tempos depois, em obras como Terra Gaúcha (1998).

Além da crítica sobre o estilo simoniano, ao qual Augusto Meyer assim se referia:

(...) a graça do ambiente, o cuidado de reconstituir o timbre familiar das vozes, e nada mais característico da sua fidelidade aos modelos, neste caso, do que os parênteses, a interjeição bem dosada, os rodeios pitorescos, as reticências, sublinhando o comentário sentencioso e as elipses que dizem mais e melhor que tudo. Evita assim guindar-se ao tom tedioso de autor, nunca cheira à tinta a sua frase aparentemente ingênua, na qual sentimos vez que outra a alegria do obstáculo transposto com toda a graça – a alegria consciente do auto. (CHIAPPINI, op. cit., 70)

Sílvio Júlio afirmava que a linguagem utilizada pelo vaqueano Blau Nunes, a quem o escritor transmite a responsabilidade de contar as histórias do Rio Grande, era recheada de tupinismo, quechuísmo, araucanismos, hispanismos, platinismos, açorianismos, que nenhum nascente em “terra brasileira” compreenderia as pretensões dos contos sulinos. O crítico ratificava ainda que muitos estudiosos da literatura já tinham tentado obscurecer tal verdade, porém sem sucesso, pois a realidade gaúcha em nada tinha a ver com a vivida em ambientes fossem do norte ou nordeste, fossem do próprio centro do país naquele momento.

Contudo, tínhamos na figura do pelotense Simões Lopes, por exemplo, segundo as palavras de Lucia Miguel Pereira (1988), a compreensão do regionalismo como “expressão de um estilo de vida”. Ao produzir sua obra, consciente ou não, Simões Lopes demonstra que via o seu “pampeano” com naturalidade, transformando o simples em universal, sem a pretensão de estilizá-lo. Pereira ainda explica que

---

<sup>48</sup> Walter Spalding, crítico literário e historiador gaúcho, explica na introdução de *Terra Gaúcha* (1998) que quem conheceu e leu com atenção os *Contos Gauchescos* e demais obras publicadas por Simões Lopes perceberá que os mesmos problemas com relação às questões gramaticais, etc, continuam aparecendo em Terra Gaúcha (Spalding, Walter. 1998, p. 10).

tratando-se, porém, de expressão literária, portanto artística, é pela sua capacidade de, lidando com elementos locais, atingir o universal, que se mede o seu valor; o que importa não é que os nativos se reconheçam no retrato, mas que o retrato impressione aos que ignoram os modelos, faça-os penetrar num mundo novo. Os que pousam para um grande pintor em nada influem sobre o alcance da tela. (PEREIRA, 1988, p. 211)

No entanto, fazendo sua análise e mantendo um posicionamento que vinha de encontro ao praticado pelos defensores de Simões Lopes, Sílvio Júlio ainda dizia que, se um dia o sulino pretendeu colocar o gaúcho como o melhor representante de nossa brasilidade, isso tornava-se inviável a partir da figura do próprio *Blau Nunes*, o qual, segundo Ivete Massot Simões Lopes, sobrinha de Simões, havia sido criado por seu tio inspirado “num bonequinho alemão, que ela recebera de parentes vindos da Alemanha. Simões Lopes teria apelidado o boneco de *Blau*, porque era vestido de azul, mas a madrinha havia completado sua indumentária com barbicacho de gaúcho”. Já o Nunes surgiu, possivelmente, por influência da colonização local (CHIAPPINI, op. cit., p. 326-7).

Sílvio Júlio, ao comentar a respeito do melhor exemplo de brasilidade, afirmava que Simões exagerou quando permitiu a seu contador de histórias do Rio Grande o uso exacerbado da língua, não lhe permitindo perceber se aquilo tinha a ver com Camões e Bilac, Eça e Machado, já que, como afirmamos, só o entenderiam aqueles que viviam entre os guascas fronteiriços. Se não, como fazer o leitor do Ceará ou Recife entender falas de Blau como:

I

“Se o negro era *maleva*? Cruz! Era um condenado!... mas *taura*, isso era também” (JÚLIO, 1962, p. 172).

II

A Tudinha era a *chinoca* mais *candogueira* que havia por aqueles pagos. (JÚLIO, op. cit., 173).

III

Um *cajetilha* da cidade, duma vez que a viu, botou-lhe uns versos...” (JÚLIO, op. cit., 173).

Fato interessante e muito relevante o aqui levantado por Sílvio Júlio na década de 50 do século XX, já que a mesma realidade até hoje é vivida por professores de Língua Portuguesa e Literatura que atuam nas escolas do Rio Grande do Sul em pleno século XXI, pois se os alunos não entendem a obra simoniana devido ao preciosismo vocabular imposto

aos leitores por Simões Lopes, também não os entendem por causa das leituras, algumas vezes cansativas e vagarosas, da obra de nosso autor, que viveu na metade sul do estado.

Mas o que afirmar, em pleno século XXI, quando ouvimos a descrição do pampa a partir da poesia que hoje se produz, como em *Quando o verso vem pras casa*, poema do músico porto-alegrense Luiz Marengo:

A calma do tarumã, ganhou sombra mais copada  
Pela várzea espichada com o sol da tarde caindo  
Um pañuelo maragato se abriu no horizonte  
Trazendo um novo reponte, pra um fim de tarde bem lindo  
Daí um verso de campo se chegou na campereada  
No lombo de uma gateada frente aberta de respeito  
Desencilhou na ramada, já cansado das lonjuras  
Mas estampando a figura, campeira, bem do seu jeito  
Cevou um mate pura-folha, jujado de maçanilha  
E um ventito da coxilha trouxe coplas entre as asas  
Prá querência galponeira, onde o verso é mais caseiro  
Templado a luz de candeeiro e um "quarto gordo nas brasa"  
A mansidão da campanha traz saudades feito açoite  
Com os olhos negros de noite que ela mesmo aquerenciou  
E o verso que tinha sonhos prá rondar na madrugada  
Deixou a cancela encostada e a tropa se desgarrou  
E o verso sonhou ser casa com sombra de tarumã  
Ser um galo prá manhãs, ou um gateado pra encilha  
Sonhou com os olhos da prenda vestidos de primavera  
Adormecidos na espera do sol pontear na coxilha  
Ficaram arreios suados e um silêncio de esporas  
Um cerne com cor de aurora queimando em fogo de chão  
Uma cuia e uma bomba recostada na cambona  
E uma saudade redomona, pelos cantos do galpão.

Sílvio Júlio, embora chamado de purista e exigente enquanto usuário da língua portuguesa, exímio observador da cultura do estado em que viveu por quatro anos, crítico da obra Contos Gauchescos, publicada em 1912, reconhece que Simões Lopes, homem simples do sul do estado do Rio Grande do Sul, soube perceber e transmitir, a partir da criação de seu Blau Nunes<sup>49</sup>, o pampa e suas histórias.

---

<sup>49</sup> Mesmo estando “deslocado” nessa época, como afirma Chiappini (1988), Sílvio Júlio procurou, de alguma forma, amenizar seus comentários sobre o autor pelotense, afirmando: “Reconhecemos a eficácia e a lógica da tática que, nos *Contos Gauchescos*, utilizou Simões Lopes Neto. Ao entremeter, engenhoso, o vaqueano Blau, do início ao cabo da obra, nas palestras, fugiu à responsabilidade imediata do seu linguajar. [...] Não pode o crítico discutir a arte literária de Simões Lopes Neto, porque os fanáticos lhe berrariam que isto ou aquilo ali está propositada e calculadamente, para reproduzir com exatidão o modo de exprimir-se do gaúcho fronteiriço, meio brasileiro, meio platino, um tanto luso, um tanto castelhano. É claro que nenhum filólogo escrupuloso nem escritor ousaria corrigir os inevitáveis deslizes do dialeto de um homem inculto daqueles pagos. O vaqueano Blau, que não viajou além do Rio Grande do Sul e não se serviu de outro veículo que o seu pingo, naturalmente ignoraria e consideraria estrangeira a límpida linguagem de Herculano e de Rui”. (JÚLIO, 1962, p. 174)

Em sua concepção, Simões exagerou quanto à forma e à linguagem, transmitindo a partir da fala de sua personagem principal um vocabulário pesado, estilizado, longe do que realmente acontecia no interior sulino, ao menos naquele interior conhecido e freqüentado por Sílvio Júlio, em especial as plagas de Uruguaiana, Santa Maria, São Vicente, Itaqui, Jaguari, Santiago. “Mas a fusão com Blau talvez represente, muito mais que um artifício literário, um símbolo da identificação de Simões Lopes com os campeiros que tanto amou, cujo tipo fixou em traços indeléveis” (PEREIRA, op. Cit p. 216).

Porém, o crítico conclui sua análise reconhecendo que a obra simoniana é um marco ímpar na literatura do povo sul-rio-grandense, considerando que o autor conseguiu, ainda conforme Lúcia Miguel Pereira, realizar o “quase milagre de cultivar-se sem se desenraizar, de dominar o seu meio sem deixar de pertencer-lhe completamente”. (PEREIRA, op. cit. 215)

## 6.6 Vocabulário adicionado por Sílvio Júlio ao final dessa obra

A relação de palavras apresentadas nesse capítulo por Sílvio Júlio tem o propósito retificar algumas informações que circulavam quanto à origem e evolução etimológica, semiológica, semântica das mesmas, contradizendo, inclusive, em alguns casos, muitos pesquisadores gaúchos. São elas:

1. **Abombar** – v.n, diz-se que o cavalo abambou, quando, tendo feito grande viagem em dia de calor, fica em estado de não poder mais caminhar; mas, depois de refrescar, ainda pode continuar a viagem.
2. **Cajetilha** – 1. janota da cidade, tipo urbano de pelintra. 2. adj. Diz-se de um indivíduo presumido, devasso, pelintra, almofadinha. No sentido de “almofadinha”, Sílvio Júlio acreditava ter este sentido entrado no Rio Grande do Sul durante o século XIX e não no seu início. O *j* é aspirado. Do *platinismo cajetilla*.
3. **Charrua ou Charuá** – nação de índios que tem uma língua particular, diferente de todas as demais e tão gutural que nosso alfabeto não poderia reproduzir o som das sílabas. Os charruas, oriundos do sul do Uruguai, só atingiram o Brasil meridional depois do século XVI, possivelmente em XVII. “La denominación de charrua, nombre, significaba en sus diversas acepciones posibles, los iracundos, los que hierren, los destructores”. (JÚLIO, op. cit., p. 256)

4. **O vocativo “Che!”** no linguajar do gaúcho – termo usado com função de pronome pessoal no Uruguai, Argentina e Bolívia e Rio Grande do Sul. Algumas vezes o referido vocativo assume função de pronome pessoal, substituindo o substantivo, porém com invariável ação vocativa. Pode, em alguns momentos, acentuar o chamado à pessoa, acompanhando-lhe o nome, que lhe fica oposto. Também se utiliza o *chê* ou o *ché* para despertar a atenção de alguém, na interrogação, na exclamação, na afirmação ou na negação. A sua diferença entre os vários usuários da comarca pampeana é somente quanto à fonética. O gaúcho brasileiro o pronuncia com som de xê, enquanto os hispano-americanos, naturalmente, enunciam como *txê*.
5. **Cochilha** – termo de origem espanhola – *cuchilla*. Campo com altos e baixos, com pequenas e grandes elevações. Extensões onduladas de campinas que formam grande parte do território riograndense e onde se desenvolve a atividade pastoril. Segundo ainda Roque Calage, “no sentido figurado, o vocábulo “coxilha” é o Rio Grande livre, o Rio Grande tradicional, a sua vida de guerras e a sua vida de estâncias, o trabalho campesino, em suma”. (JÚLIO, op. cit., p. 289)
6. **Cusco** – 1. cão pequeno. 2. O mesmo que guaieca ou guaieva.
7. **Estância** – palavra implantada nos idiomas derivados do latim, ficou popularizada no português como *estaca*, tornando-se *estância*. O Dicionário da Língua Portuguesa, editado em Lisboa em 1813 traz os dois sentidos. Em português empregava-se como uma extensão limitada ou como uma fração cronológica. “Minha estância em Lisboa foi rápida” (cronológica) “No palácio era a sua a melhor estância.” (espacial)... No sentido militar ainda significa *vigilância*. (JÚLIO, op. cit., p. 313), contudo foram os espanhóis que acrescentaram um novo sentido: propriedade rural, sítio, fazenda, campo cultivado, domínio agro-pecuário. (JÚLIO, op. cit., p. 314)
8. **Galpão** – de possível origem espanhola, significa, em especial no Rio Grande do Sul, uma dependência, um aposento, um depósito, um compartimento auxiliar da residência, lugar coberto onde a peonada ceva o chimarrão e se reúne para o descanso, depois das trabalhadeiras campestres, contando causos, bailando às vezes. (JÚLIO, op. cit., p. 326). Devemos considerar que uruguaios e argentinos sempre utilizaram o termo com o mesmo sentido dos sul-rio-grandenses.

9. **Guaiaca** - de origem quêchua/Peru. Cinta de couro lavrada, com bolso pra guardar dinheiro e mais misteres de um viajante. Já se usava esse vocábulo em terras argentinas e uruguaias no início do século XVII.
10. **Maula** – adjetivo e substantivo masculino, de possível origem espanhola, que significa medroso, ruim, mole, covarde, frouxo. É tanto aplicado ao homem como ao cavalo.
11. **Munhata** – essencialmente de origem aruaca, do dialeto taíno, significa batata doce. Em Cuba, quando Cristóvão Colombo por lá esteve por volta de 1492, o termo já significava raiz ou fruto de gosto agradável, como mandioca, o pimentão suave, etc. Somente no decorrer do século XVIII foi tomando a acepção do sentido de batata doce, significado que chegou à fronteira do Rio Grande do Sul.
12. **Picanha** – Sílvio Júlio a explica da seguinte forma:

substantivo hispânico *pica* e o verbo *picar* do mesmo idioma à desinência quêchua *na*, para o Alto e Baixo Peru produzirem, juntos e mediante recursos e exigências da língua castelhana, o hibridismo *picana*, com muitas acepções. Desta, as duas que se implantaram na América, como regionalismo do Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai e Rio Grande do Sul, são as seguintes: a) *picana*, parte posterior do corpo do animal; b) *picana*, vara com ponta para tocar e instigar os bois. [...] *Picana*, hibridismo hispano-quêchua, virou, no Rio Grande do Sul, *picanha*, que não é filha do castelhano *picaña*, cujas acepções antigas não se aproximam das pastoris que tomou, desde que nasceu, aquela palavra da América meridional. (JULIO, op. cit., p. 387-8).

13. **Pingo** – “Impressionante e significativo é o fato de somente no Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai ao cavalo bom, forte e belo chamarem os camponeses *pingo*”. (JULIO, op. cit., p.389)
14. **Querência** - 1. termo de origem espanhola – querência. Cervantes, ao escrever Don Quijote (1605), já fazia uso do termo. “Con este pesamiento guio á Rocinante hacia su aldea, el cual, casi conociendo *la querencia*, com tanta gana comenzó á caminar, que parecía que no ponía los pies en el suelo”. (JÚLIO, op. cit., p. 400) 2. Em Portugal, diz-se *querença*. Contudo, podemos entendê-la, simplesmente, como: lugar querido do animal ou do homem, estância amada e conhecida da pessoa e do bicho, pago familiar e adorado, residência que nos chama nos prende pela ternura. Predominou no Rio Grande do Sul o termo oriundo do espanhol: *querência*, nunca o de origem portuguesa: *querença*.

15. **Sinuêlo** – vocábulo de origem hispânica, que significa “gado manso (eqüino ou bovino), que, por sua presença, facilita o trabalho de reunir em rodeio e dirigir nas tropas os animais ainda chucros, cuja inquietude e braveza se asserena junto ao outro já domesticado”. (JÚLIO, op. cit., p. 415)
16. **Tambo** – 1. Vocábulo de origem quêchua. Em terras argentinas, uruguaias e no Rio Grande do Sul, “o gado de cria que fica preso dentro de uma área próxima à casa do estancieiro e que, por esta razão, é domesticado, manso, diariamente ordenhado, recebe a denominação de *tambero*, *tambeiro*”. 2. “Na Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia, Peru, Paraguai, Colômbia, Equador, Venezuela, modificações de sentido secundárias e superficiais não inabilitam o étimo quêchua de *tambo* = estábulo, estalagem, pousada. (ver 427). O sentido de estalagem, pousada vingou porque os quêchuas chamavam os edifícios de repouso à margem dos caminhos de *tambos*. (JÚLIO, op. cit., p. 430) 3. Soldados de Francisco Pizarro, oriundos do Panamá, quando chegaram em terras do império incaico, logo começaram a ouvir o vocábulo *tambo* no sentido de povoadinho, vilarejo. (JÚLIO, op. cit., p. 431).

## **7 FOLCLORE E DIALECTOLOGIA DO BRASIL E HISPANOAMÉRICA**

A obra Folclore e Dialectologia do Brasil e Hispanoamérica, publicada em 1974, apresenta o seguinte índice: 1. Inicia com Dedicatória à filha, seguido dos seguintes temas: 2. Orientação para a pesquisa dialectológica em áreas gauchescas do Brasil, 3. Alguns arcaísmos portugueses e hispano-platinismos no linguajar gauchesco do Brasil, 4. Origem da palavra “chimarrita”, nome de uma dança que foi usada entre gaúchos, 5. Como se chamou “Tirana” a uma antiga dança espanhola que os gaúchos usaram, 6. Por que no sul do Brasil se diz “barbaquá” e não “barbacoá”, 7. Não é literatura o folclore peruano de origem quêchua e, 8. Juan Rodriguez Freile e Ricardo Palma.

O registro da *Dedicatória* como item do índice em nosso trabalho faz-se importante por uma única razão: No dia 3 de outubro de 1964, falece em acidente de carro a sua filha Lucila de Albuquerque Lima Passo, juntamente com seu esposo e seus três filhos. Amargurado, Sílvio Júlio questiona Deus: Sou eu quem está vivo? (JÚLIO, 1974, p. 3)

### **7.1 Orientação para a pesquisa dialectológica em áreas gauchescas do Brasil**

Ao sugerir pesquisas referentes aos *influxos platinos*, ou seja, a presença das várias vozes que influenciam não só o povo da fronteira sul-rio-grandense, como também a sua

literatura, passados quase trinta anos, Léa Masina (2002) acerta nessa retomada de percurso, já que ao longo de todo esse tempo, autores como Sílvio Júlio já indicavam os caminhos, com sugestões, inclusive, aos pesquisadores de outras áreas, como a da Lingüística, por exemplo.

Ao observarmos o étimo das palavras que formam o falar gauchesco, percebemos que toda a influência presente no processo de formação do falante que habita a *comarca pampeana*, vai além dos falares castelhano e lusitano, pois a presença de expressões oriundas do americanismo e do amerigenismo sempre foram uma constante, em especial do dialeto peruano quêchua. Disso, ao que parece, não temos como fugir.

Ao trabalhar o conceito de Dialectologia, entendida como a mesma lingüística, porém em suas dimensões geográficas, por zonas ou regiões de usos léxico-semânticos, morfológicos, sintáticos, etc, Sílvio Júlio procura explicar a origem de palavras comuns ao cotidiano gauchesco, mostrando-nos, com profundidade, o que há por trás da linguagem oral do pampeano.

Dessa forma, segundo ele próprio, é preciso mapear os motivos glotológicos que determinam o fenômeno morfológico, fonêmico, sintático, semântico que pertença ao campo da dialectologia gauchesca. Além disso, o pesquisador deve considerar as palavras, as construções, prolóquios, frases, significados que identificam os acontecimentos nessa região.

Assim, apresenta-nos, inicialmente, três palavras de uso comum no ambiente de fronteira: 1. Pampa; 2. Campanha; 3. Cuchilha. A primeira palavra, *Pampa*, é apresentada como sendo a designação para os campos que se estendem no sul do estado do Rio Grande do Sul, Uruguai, Argentina e altiplanos andinos dos quêchuas, no Peru, justamente o local de onde se originou o étimo da palavra *pampa*. Segundo Sílvio Júlio, os sul-rio-grandenses importaram a palavra do castelhano-platino, que por sua vez, haviam aprendido do espanhol-peruano.<sup>50</sup>

O segundo termo, *Campanha*, que é tida como sinônimo da primeira, assim como das demais que possuam o significado de planície, mantém no Rio Grande do Sul a primitiva acepção neo-latina.

A terceira palavra, *Cuchilha*<sup>51</sup>, é adotada também em terra gaúchas com o sentido de suave e pequena ondulação das campinas. O referido termo é aplicado, algumas vezes, à

---

<sup>50</sup> Um exemplo dos absurdos acusados por Sílvio Júlio, em sua obra de 1974, diz respeito à informação equivocada do dicionarista gaúcho Luis Carlos de Moraes, em seu *Vocabulário sul-riograndense*, Porto Alegre, 1935, quando este explica o sentido da palavra *Pampa*, como sendo um nome que com freqüência os filhos dos outros Estados dão às campinas do Rio Grande, o que Sílvio Júlio contesta, uma vez que “de norte a sul e de este a oeste do Brasil, os únicos compatriotas nossos que designam as planuras levemente onduladas por tal palavra são os gaúchos”. (JÚLIO, 1974, p. 8)

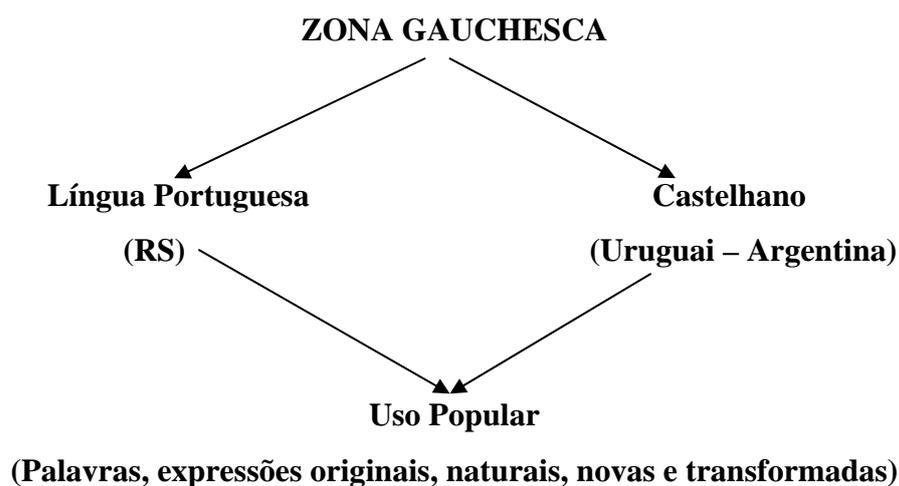
<sup>51</sup> Sílvio Júlio já havia trabalho o étimo da palavra Cuchilha na obra de 1962.

campanha inteira e a todo o pampa. Roque Calage, em *Vocabulário gaúcho* (1928), informa que “chuchilha é um campo com altos e baixos, com pequenas e grandes elevações, extensões onduladas de campinas que formam grande parte do território riograndense e onde se desenvolve a atividade pastoril” (CALAGE apud JÚLIO, op. cit. 11).

Em sua raiz etimológica, encontramos o castelhanismo dos mais antigos da Espanha. Em sua forma primitiva significou “lâmina dentada” e, exatamente por ter a lâmina uma sucessão de montes, de fila de cumes, o povo deu esse nome. A seguir, essa denominação foi adotada para qualquer elevação de terreno.

A preocupação de Sílvio Júlio ao estudar as referidas palavras é exatamente procurar o contexto que cada vocábulo assume dentro do ambiente gaúcho, tendo, por isso, que se preocupar com todas as palavras, expressões, frases, significados versus lendas, superstições, hábitos, costumes, comidas, idéias pastoris no campo sul-rio-grandense. Cabe, portanto, ao lingüista, ao dialectólogo interessado na fala gaúcha, esforçar-se para aglomerar os vocábulos regionais, examinando-lhes a raiz, sua evolução morfológico-semântica, a história social de sua representação ou ocupação espacial. Sem essa sistematização de palavras e locuções que descrevem o próprio pampa, torna-se inviável entendê-lo.

Assim Sílvio Júlio entendia a influência platina, e a própria luso, no que ele definia de zona gauchesca:



Prosseguindo em sua análise, Sílvio Júlio sugere algumas palavras que vão além do seu significado básico no contexto nacional. O primeiro exemplo é o vocábulo *Califórnia*, que significa “carreira de cavalos, onde tomam parte mais de dois animais, outrora muito

usada no Estado. Diz-se também das invasões guerreiras levadas a efeito no território da Republica do Uruguai, entre os anos de 1849 e 1850, por Francisco Pedro de Abreu, depois general e barão de Jacuí” (JÚLIO, op. cit., p. 14). Diz, ainda, do enriquecimento fácil e aventureiro, o pensamento de prosperidade rápida, semelhante ao que ocorreu na Califórnia americana, quando da busca do ouro no início da colonização daquele país.

Sílvio Júlio nos informa que no Rio Grande do Sul, as *califórnicas* não deixavam de ter o valor semântico das *arreadas*, roubo de animais bovinos e eqüinos por campistas aventureiros desde o século XVIII (JÚLIO, op. cit., p.14). Nesse sentido, reforça seu argumento citando Sebastião Bettamio:

(...) vivem muitos homens separados de comunicação para estarem mais aptos a poderem sair ao campo fazer os roubos de gados (a que chamam arreadas), sendo estes homens havidos por desembaraçados, e resolutos campistas, dignos de qualquer empresa... (BETTAMIO apud JÚLIO, op. cit., p. 14).

O que percebemos na formação das palavras sul-rio-gandenses é que quase todas possuem algum sentido diferente daquele inicial, pois este sentido vai além do seu valor semântico conhecido, obrigando o pesquisador atento a esse estudo iniciar sempre com o exame voltado para a raiz, a evolução morfológica – sua semântica, história social, símbolos que surgem e suas correlações ideológicas. Faz-se necessária a sistematização das palavras e locuções que descrevam os ambientes espaciais, como grutas, locais, sangas, os mitos auríferos, invenções e contos de rápida prosperidade, com ocorre em alguns locais do estado, em especial na parte oeste, com as histórias de tesouros, mistérios soterrados pelos jesuítas nas suas missões de catequização, como também os aspectos geo-humanos, como pode ser notado no falar dos habitantes de cidades como Santana do Livramento, Arroio Grande, Jaguarão, Chuí, Santa Vitória do Palmar, entre outras, já que em tais locais descobrimos variantes fonéticas, morfológicas, semânticas, e mesmo sintáticas, que podem até divergir do comum, do geral. Em Santiago-RS, por exemplo, *brete*, é *breque*.

Sílvio Júlio reapresenta uma palavra que possui um significado muito forte quando empregado no meio pampeano, que é o termo *Retalhado*<sup>52</sup> que, no vocabulário da língua, tem significado fixado, ligando-se ao radical da família a que pertence = talho, talhas. Todavia, não há registro do referido adjetivo com um sentido semântico unicamente gauchesco. Tal sentido é único e não há dúvida, segundo Sílvio Júlio, de que este significado foi desenvolvido nas campanhas do Rio Grande do Sul e no Rio da Prata.

---

<sup>52</sup> Tratamos do sentido do termo no primeiro capítulo deste trabalho.

Outro termo que adota sentido único apenas no Rio Grande do Sul é *gueixa*. Nas ilhas açorianas, significa vaquinha. *Égua*, só o é em terras gauchescas. *Bagual*, termo de étimo amerígeno-platino, que significa não domado, bravo. *Redomão*, do castelhano *redomón*, que quer dizer potro que aprende a submeter-se às rédeas e aos arreios. Outra referência diz respeito aos tipos de pêlos: baio, tordilho, zaino, rucilho, tobiano<sup>53</sup>, pangaré. O vocábulo *terneiro* vem da raiz de terno, novo, suave. “Como, entretanto, o substantivo derivado que designa a vaquinha de pouca idade, em português antes se empregava, enquanto era termo antigo no espanhol, ninguém poderá dizer que o gaúcho brasileiro não o tomou de seus congêneres do Rio da Prata. Adotou-o em sua morfologia e em sua semântica”.( JÚLIO, op. cit., p.24).

Logo, os *influxos platinos* constantes na voz atuante em terras gaúchas estão presentes em todas os lados formadores da fronteira sul-rio-grandense. Observá-los de maneira separada, distante, conduzirá o estudioso a um caminho totalmente insuficiente. Até hoje, andando pelos vários cantos fronteiriços, podemos notar o quão está relacionado, entrelaçado, à fala do pampeano gaúcho, até mesmo nos jovens moradores da fronteira. Os vocábulos gauchescos têm um ar inconfundível, levando, em especial a oralidade, para formas dialetais que adornam este falar com múltiplos significados, tanto fonêmicos quanto sintáticos, como podemos observar em trechos de obras de autores gaúchos como Alcides Maya:

“...um charrua, de chiripá, corria, estirado a meio lombo num tordilho clinudo”. (MAYA apud JÚLIO, op. cit., 24)

“Montava o seu zaino avestruzeiro; escondera nos pelegos as boleadeiras, as três marias, que manejava admiravelmente...” (MAYA apud JÚLIO, op. cit., 24)

“Criava-se gaúcho, haragano, pelas bibocas...” (MAYA apud JÚLIO, op. cit., 24)

“...carneava-se o municio, escolhido dentre as vaquilhonas mais nédias...” (MAYA apud JÚLIO, op. cit., 24)

---

<sup>53</sup> O brigadeiro Rafael Tobias, quando esteve no Rio Grande do Sul, por volta dos anos 30 do século XIX, introduziu cavalos cuja pelagem apresentava manchas brancas no fundo escuro ou vermelho, o que levou os gaúchos a denominarem este tipo de pêlo como tobiano.

e João Simões Lopes Neto:

“... mas não se acoquine, homem!” (LOPES NETO apud JÚLIO, op. cit., 24)

“... me deu uma coraçõada para fazer umas perguntas...” (LOPES NETO apud JÚLIO, op. cit., 24)

“Se o negro era maleva? Cruz!” (LOPES NETO apud JÚLIO, op. cit., 24)

“A la fresca!... que demorou a tal fritada!” (LOPES NETO apud JÚLIO, op. cit., 25)

Numa consulta meticulosa, é possível que não encontremos na língua portuguesa, salvo na fala dos sul-rio-grandenses, os termos citados pelos autores gaúchos em outras falas regionais ou locais. Os termos são próprios de um ambiente localizado, neste caso, o pampa em sua forma ampla, já que a ambiência gauchesca está intimamente relacionada às cuchilhas uruguaias e argentinas. Sílvio Júlio conclui este artigo falando dos termos chiripá e brete. O primeiro, “que era uma espécie de calção amerígena dos Andes, adotado pelos espanhóis no Rio da Prata desde o século XVI até o XIX, quando faltava nas campanhas agulhas, linha e mulher branca que cozesse” (JÚLIO, op. cit., p. 26), hoje lembrado apenas pelo folclore<sup>54</sup>, vestiu por muito tempo os gaúchos e foi substituído pela bombacha na segunda metade do século XIX.

O vocábulo seguinte, *brete*, que tem origem do grego *britho*, também era conhecido como breque, conforme Batista, e significava um estreito caminho ladeado de fortes paus por onde, sem meio de fugir ou voltar, os animais se viam encurralados a cair no banho carrapaticida, quando não no matadouro. Presos numa mangueira, uma espécie de curral, eram direcionados ao brete. Ao saírem, seguiam para outra mangueira menor na qual ficavam secando. Este costume ainda está ativo na fronteira oeste, bem como o seu sentido semântico. Dessa forma, Sílvio Júlio fecha seu primeiro artigo recomendando ao pesquisador observar unicamente dois momentos para sua pesquisa:

1. Nunca devemos encarar a vida e evolução de qualquer fenômeno glotológico fragmentária, isoladamente, mas de maneira geral;

---

<sup>54</sup> Batista Mateus Canterle, antigo morador da cidade de Santiago-RS, com quem pudemos conversar sobre termos gauchescos em dezembro de 2006, lembra-se de ter visto, em sua infância e juventude, na cidade de Santiago, homens vestidos com o chiripá.

2. Enfocado o mesmo caso por suas diversas e conexas faces, como uma única manifestação de muitas causas simultâneas, depois de estabelecidas a sua função atual e completa e a sua extensão geográfica, quer quanto à fonética e à morfologia, quer quanto à sintaxe, então é que poderemos pensar no achamento de seu étimo. (JÚLIO, op. cit., p. 33)

## **7.2 Alguns arcaísmos portugueses e hispano-pletinismos no linguajar gauchesco do Brasil**

O Brasil, em seu processo de formação, sofreu uma forte influência africana, árabe e européia de forma variada, porém é sabido que no Rio Grande do Sul, a influência foi antes de tudo platina, espanhola, já que enquanto o “Brasil” se descobria do Sudeste para cima, aqui, chegavam missões de Assunção, de Buenos Aires, de Lima, e de outras cidades de colonização espanhola, com colonizadores ávidos e com o intuito de incentivar o comércio e a religião por estas plagas. Segundo Sílvio Júlio, foi somente a partir da gerência do Pe. Roque González, celebrante da primeira missa em terras gaúchas, em 3 de maio de 1626, na cidade de São Nicolau, que brancos puderam entrar em solo sul-rio-grandense.

Natural da capital paraguaia, Pe. González, certamente, falava apenas o espanhol com seus colaboradores, padres Afonso Rodrigues e João de Castilho, ambos espanhóis. Os três são considerados pela Igreja Católica mártires, já que todos foram mortos por índios guaranis quando do processo de evangelização. Sílvio Júlio defende a tese de que a língua portuguesa ainda não havia sido ouvida, real ou popularmente, no Rio Grande do Sul, senão em dias do século XVIII.

Durante todo esse período a língua espanhola tomou conta da comarca pampeana, inculcando nos mais distantes cantos a sua raiz, considerando que, se Portugal descuidava-se de sua colônia no Novo Mundo nos idos do século XVI, o México, por exemplo, já possuía a sua primeira tipografia e Santo Domingo, localizada na República Dominicana, cidade fundada por Cristóvão Colombo em 1492 e, portanto, a cidade mais antiga da América, já fundava o seu primeiro curso superior em 1538.

Se é o Rio Grande do Sul, estado, província, região, território, comarca recente em relação ao resto do Brasil, se ficou o Rio Grande do Sul desconhecido e quase desconhecido nos séculos XVI e XVII, por que pensar que lá o idioma português foi o arcaico e clássico, quando indiscutivelmente foi o setecentista? É lógico que este conservava nove décimos do de João de Barros e Antonio Vieira, visto que não se transmuta uma língua em sua maior parte e intrinsecamente no curto espaço de cem a cento e cinquenta

anos, a ponto de não se assemelhar à sua forma anterior. No bojo do falar da gente do século XVIII, em todos os lugares, perduraram certos arcaísmos lusos, que às vezes chegaram ao Rio Grande do Sul com os emigrados dos Açores, da Madeira, de Portugal, da Bahia, do Rio de Janeiro, de São Paulo. (JÚLIO, op. cit., p. 38)

Dessa forma, faz-se claro e evidente a existência de hispano-platinismo no Rio Grande do Sul, uma vez que o estado sul-rio-grandense somente foi formado depois que os povos platinos e os do Brasil estavam em pleno período de caracterização econômico-social e lingüística, quando se acentuavam nos pampas e cuchilhas as linhas mestras da sociedade gaúcha, esta sociedade que evoluía, em passos indecisos dos séculos XVI e XVIII, não em terras rio-grandenses, mas ao redor de Assunção, Buenos Aires, Colônia do Sacramento e Montevideú.

Segundo Guilhermino César:

Ainda em 1820, não existia uma só aula de primeiras letras em todo o território gaúcho. Paulo Gama tentou, segundo Alfredo Varela, ainda naqueles idos, implantar o ensino da leitura, da escrita e cálculo elementar em Porto Alegre, Rio Pardo e Rio Grande, com ênfase para a gramática portuguesa e francesa, pois o latim já era, segundo ele, uma língua morta. [...] Infelizmente, esses louváveis esforços nada lograram, porque não houve professores para reger as aulas decretadas para as freguesias, visto ser insuficiente o estipêndio. (CÉSAR, 1956, p. 35)

Silvio Júlio, defensor confesso da influência platina na formação do falar pampeano no Rio Grande do Sul, complementa sua informação levando em conta, na maioria das vezes, a relação Glotologia-História, já que somente datando os fatos lingüísticos aos históricos e à vida do povo, dizia ele, poder-se-á comprovar a dita influência sem contra-argumentos. Além de tudo isso, parece-nos evidente também que não há local no mundo em que a população que habita um espaço de fronteira não interaja com outro lado, com o alheio e com o contraditório, já que cada “lado” possui a sua própria identidade e também se comunicam com aquilo que ela supõe ser diferente, permitindo-nos, assim, visualizar, até mesmo com melhores condições, o Outro, entendê-lo e compreendê-lo nas suas várias distinções. Certamente que este conhecimento sobre o Outro trará conseqüências no pesquisador/observador e no objeto pesquisado, uma vez que, longe da visão etnocêntrica, tal troca provocará identificações e trocas, porém, é desta forma que visualizaremos como os povos e suas culturas imaginam-se e definem-se mutuamente.

O pampa gaúcho formou-se com as influências vindas do outro lado da(s) fronteira(s), que para o homem fronteiriço praticamente inexistia. Por um lado, formando seu próprio vocabulário, por outro, sendo influenciado. Contudo, inegável é o fato que tiveram e têm os povos platinos constante e diário intercâmbio com o dos pampas brasileiros, o que determina, finalmente, o que ele é hoje.

Percorremos as fronteiras sul-rio-grandenses a cavalo, dia e noite, durante quatro anos, não a passeio, mas a trabalho. Frequentamo-lhe os lares, os galpões, os rodeios. Vimos na intimidade estancieiros e peões. É por estes motivos que afirmamos, sem citações livrescas, que por toda a parte se nos deparam grandes, belos hispanismos léxicos, semânticos, sintáticos e fonéticos, platinismos ativos e interessantes, amerigenismos do México, Antilhas, Peru, em uso total naqueles pagos. (JÚLIO, op. cit., p. 41)

A partir de tal referência, o autor apresenta palavras do cotidiano gaúcho, presentes e usadas regularmente em dias atuais tanto em português quanto em castelhano: *pampa, campanha, cuchilha, salamanca, sanga, guacho, pingo, bagual, redomão, quirquincho, apero, cajetilha, chicossuelo, chiripá, alambrado, guaiaca, quinha, tambo, malevo, haragano, mate, porongo, camote, piguancha* etc, onde não faltam étimos de origem amerígena, que nos chegaram pelo espanhol ao lado de autênticos e velhos étimos neolatinos.

Nesse processo único de formação do povo gaúcho encontramos ainda outras vozes: *apero* (nunca *apeiro* – em língua luso-brasileira, quer dizer a reunião de instrumentos de trabalho do lavrador) preparativo para encilhar o cavalo; *arreios* – assim pronunciada, sem o *i*, não só pelos gaúchos mas também pelos *gauchos* da Argentina e Uruguai, denuncia sua origem hispano-platino.

*Monarca e o verbo monarquear*, contudo, são tidos como arcaísmos semântico e léxico em português, significando – homem ostentoso e galhardo; agir como rei dominador, mostrar grandiosidade de fidalgo, respectivamente. Mas em solo sul-rio-grandense, *monarca* também assume o sentido de apumado e arrogante indivíduo, e o verbo, ato de aladear-se pelo aspecto da vestimenta. Já a expressão: *monarca da cuchilha*, o sul-rio-grandense converteu aquele gaúcho que monta muito bem, o campeiro que se apresenta em vestes e aperos bem cuidados e e luxuosos. O interessante nessa palavra – *monarquear* – é seu sentido menos nobre, ou seja, basofiar, porém, ficou tal uso exclusivamente em terras portuguesas e não no pampa.

Ser monarca da cuchilha  
Sempre foi meu galardão,

Meu culto é o das raparigas  
E do mate chimarrão.

Sou monarca da cuchilha  
Uso lenço colorado<sup>55</sup>  
E por todos esses pagos  
Ninguém é mais namorado. (JÚLIO, op. cit., p. 56)

Sílvio Júlio encerra seu texto apresentando o vocábulo *ginete*. *Ginete* tanto figura em língua espanhola quanto em língua portuguesa. Na primeira, significa cavaleiro, na segunda, cavalo. Se observarmos que o Rio Grande do Sul somente foi povoado pelos portugueses a partir do século XVIII, com a primeira leva de açorianos no ano de 1752, mas habitado principalmente por jesuítas espanhóis desde o século XVII, o vocábulo *ginete*, como em castelhano, é cavaleiro.

Portanto, percebe-se, de maneira transparente, o quanto tivemos da influência hispano-platina na formação “do falar” do gaúcho sul-rio-grandense, embora se reconheça que, a partir do momento em que aqui chegou, o português deixou também sua marca. Tornou-se irrevogável o aceite de ambas as influências idiomáticas. Tivemos que fazer adaptações em nosso falar às necessidades regionais, no fundo, problemas de Antropologia Cultural.

Para estudá-las, o pesquisador que pretender trabalhar isolado o tema não logrará êxito, pois para entender o complexo processo de formação de nossas raízes, sejam elas históricas ou lingüísticas, o estudioso necessitará do trabalho interdisciplinar através da Lingüística, da Psico-Sociologia, da História, da Geografia Humana e outras ciências correlatas.

### **7.3 Origem da palavra “chimarrita”, nome de uma dança que foi usada entre gaúchos**

Na obra Folclore e Dialectologia do Brasil e Hispanoamérica, além de apresentar ao seu leitor o étimo de várias palavras que contextualizam a ambiência gauchesca até os dias atuais, em alguns momentos até de forma repetida, Sílvio Júlio faz a análise de duas danças

---

<sup>55</sup> Luis Alves Leite de Oliveira Salgado, general do exército de Gumercindo, vendo que os insurretos federalistas não usavam uniformes, uma vez que não eram, de fato, militares de carreira, recomendou que estes passassem a usar uma fita vermelha no chapéu com o objetivo de indicar sua filiação federalista, o que ocorreu em seguida. Contudo, Gumercindo Saraiva, Aparício Saraiva, e todos os *blancos* que se prezavam, entre os quais a maior parte dos uruguaios, que também integravam o exército libertador, recusavam-se a usar as fitas vermelhas. Para eles, a cor vermelha representava seus inimigos declarados, os *colorados*. (CHASTEEN, op. cit. p. 112)

européias, apresentadas em artigos separados, que deixaram fortes raízes no folclore sul-rio-grandense. Uma de origem açoriana, a *chimarrita*, e a outra, de origem espanhola, a *tirana*. O interessante em ambas é observar o quanto de absurdos se disse sobre as referidas danças, ou suas origens, inclusive por autores nascidos em solo gaúcho. Sílvio Júlio, adotando a postura que sempre o manteve coerente, ou seja, a do pesquisador que buscando a raiz mais profunda das palavras para explicá-las, não só clareia certos conceitos, como também coloca alguns pontos finais sobre a origem tanto de uma dança, quanto da outra.

O musicólogo argentino Carlos Vega afirmava que “nada é mais universal que o folclore; nada é mais regional que o folclore. São universais os elementos, são universais as combinações” (VEGA apud JÚLIO). As danças populares trazidas pelos vários povos que ajudaram no processo de formação e consolidação da cultura brasileira foram diversas, contudo, não podemos deixar de afirmar que o essencial é que o povo brasileiro, que as recebeu, em muito contribuiu na caracterização de cada uma delas, seja na música original, seja nos detalhes, na sua cor, na sua alma nativa.

Através da origem lingüística e observando a importante colaboração da História para se entender certos aspectos das *vozes* que aqui atuaram quando ocorria o processo de formação do povo gaúcho, Sílvio Júlio explica, inicialmente, que o termo *Chimarrita*, de fato, tem origem açoriana, porém chama atenção para algumas informações inexatas que alguns pesquisadores, especialmente musicólogos, dão ao tema.

Inicialmente, o professor apresenta a informação dada por Renato Almeida, em obra de 1942, na qual este afirma que “entre as danças do fandango<sup>56</sup> gaúcho, uma das mais famosas é a chimarrita, de procedência açoreana, onde é chamada *chamarrita*”. Em seu esclarecimento, porém, Almeida informa ao seu leitor que “todas as danças gaúchas tem origem açorita e nos vieram como os casais ilhéus que se transportaram para colonizar o Rio Grande do Sul e Santa Catarina em 1747” (ALMEIDA apud JÚLIO, 1974, p. 73).

Podemos concordar que algumas danças vieram, realmente, do Arquipélago dos Açores, mas daí afirmar que todas vieram, já nos faz desconfiar da fonte.

No entanto, segundo Azeredo (2003), de fato a influência portuguesa foi muito significativa na composição do folclore sul-rio-grandense, considerando que:

A primeira notícia registrada em documento oficial, da vinda dos ilhéus açorianos para o RS, foi a chegada de uma frota de três Sumacas

---

<sup>56</sup> Entendemos por *Fandango* uma série de danças populares, denominadas de *marcas*, que presidem o encerramento das fainas – trabalho prolongando – de um *pixirão*, ou seja, um mutirão ou divertimento rotineiro de qualquer ocasião.

(embarcações pequenas, que podiam entrar na barra de Rio Grande), vinda da ilha Terceira em meados de abril de 1752, conduzindo 263 famílias. Logo após uma outra Sumaca seguiu-se conduzindo mais 75 famílias, que perfaziam em 26 de agosto daquele ano, o total de 833 pessoas. [...] enfatiza que no ano de 1824 chegaram os primeiros colonos alemães no RS e nesse período os bailes e festas eram bem diferentes entre os gaúchos brasileiros. [...] posteriormente os italianos integraram-se às tradições luso-brasileiras. (AZEREDO, 2003, pags. 17-18)

Carlos Vega, por exemplo, também citado por Sílvio Júlio como referência, informa que “pela zona oriental, desde 1880 ou antes, um segundo nome da dança foi divulgado: Chamarra ou Chamarrita” (VEGA, 1944, apud JÚLIO, op. cit., p. 73). A palavra ainda possuía a variante Chimarra, chimarrita. Contudo, tornou-se inviável decifrar o que realmente o nome significava, já que aquela denominação poderia ser aplicada a qualquer das espécies que agrupam sob o nome *polca*.

Para entender o seu sentido ou significado semântico, precisaríamos andar por todo o Açores, a Madeira, o Rio Grande do Sul e o Brasil, considerando que a dança espalhada pelos açoritas deveria sofrer influências e adaptações locais, como ocorreu em solo gaúcho.

Outros pesquisadores tiveram conhecimento da Chimarrita e indicam-na em seus livros: Alceu Maynard Araújo, por exemplo, em O fandango em Cananéia (1948), diz que em São Paulo usava-se o termo chamarrita ou chimarrita, porém parece ter-se equivocado quanto ao conceito, ao afirmar que a mesma era uma dança semelhante ao nosso samba urbano; pois, sabe-se que a chimarrita era dançada com pares em fileiras opostas. A seguir, as fileiras se cruzavam, afastando-se em direções contrárias, e tornando a se aproximar, lembrando as evoluções de certas danças tipicamente portuguesas. Em terras gaúchas a chimarrita que circulou foi a de origem essencialmente açorita, mais alegre e movimentada, ao contrário da originária da Madeira, mais lenta e melancólica.

Ainda outro autor, Carlos Santos, em Trovas e bailados da Ilha: Estudo do folk –lore musical da Madeira (1942), diz que “talvez devido à sua enervante monotonia, tanto no canto como na dança, a chama – Rita é hoje apenas uma recordação. Há sessenta anos atrás, diz a gente velha, ainda se ouvia aqui e ali. Mas já era rara” (SANTOS, 1942, apud JÚLIO, op. cit., p. 75). Em Festas do Espírito Santo (1932), Gervásio Lima apresenta os dados reunidos por Antonio Moniz Corte-Real, em 1832, a respeito dos bailes terceirenses, nas ilhas açorianas: “nesta moda da chama – Rita, enquanto bailam, num rodopio vivo, homens e mulheres, os outros bailarinos, sentados em roda, como espectadores, vão cantando:

amor, quando se encontra,  
Causa susto, mas dá gosto;  
Palpita o coração  
Sobem as chamas ao rosto.

Chama-Rita foi às Flores  
Só por ver os seus amores.

Eu achava que era tempo  
Da senhora conversar;  
Chegue-se o cécio à cécia,  
Toca, toca a segredar.

Chama-Rita, agora, agora,  
Dá-me a mão, vamos embora.

Chega-se bem para ele,  
Vai-lhe dizer ao ouvido  
Um segredo pequenino  
Que ninguém seja sabido.

Chama-Rita, chama Rosa,  
A senhora é bem formosa.

Se quer brincar co' o seu bem,  
Pela mão se vai buscar;  
Se quer brincar com outro,  
Tem boca, pode falar.

Chama-Rita foi e veio  
Pelo caminho do meio.

Estas modas são todas alegres, porém umas mais ou menos velozes e variadas de figuras e passagens, segundo a toada”. (LIMA, 1932, apud JÚLIO, op. cit., p. 75)

Estanco Louro, no Livro de Alportel (1929), informa que ao sul de Portugal há uma dança que em muito se assemelha com a chamarrita dos Açores, porém com a designação de chibarrita, apresentando o seguinte exemplo:

Chibarrita...  
Chibarrita do Faiel...  
Quem me dera a chibarrita!  
Chibarrita... chibarrita... (LOURO, 1929, apud JÚLIO, op. cit., 76)

Sílvio Júlio acrescenta a esse dado que, de fato, existiu em Portugal a dança chamada *chiba*, e que do seu radical, nascem outros vocábulos da mesma família, quais sejam: *chibarro*, *chibarrita*. Mas adverte que devemos considerar as seguintes informações: 1. Houve quem visse na locução vocativa chama, verbo, e em Rita, substantivo próprio; 2.

Houve quem transformasse a dita “Rita”, ora em moça bela e disposta, ora em senil mentirosa, e, 3. ainda em um homem, como vimos nos exemplos, respectivamente:

Exemplo 1, nos Açores – como moça bela:

Chama Rita, chama Rita,  
chama Rita, uma mulher,  
sai de manhã para fora,  
entra à noite quando quer. (JÚLIO, op. cit., 78)

Exemplo 2, no Rio Grande do Sul – como senil:

A Chimarrita e uma velha  
que mora no Faxinal,  
comendo a triste cangica  
e grão de feijão sem sal. (JÚLIO, op. cit., 78)

Exemplo 3, no Madeira - como homem:

A mulher do Chamarrita  
é uma santa mulher:  
dá os ossos ao marido,  
a carne a quem ela quer. (JÚLIO, op. cit., 78)

Muitos autores falaram, muitas especulações foram feitas sobre o tema, mas vale salientar que existe uma variedade de listas de trovas cantadas nas danças da chimarrita, umas diferentes das outras, dependendo do local em que a mesma é cantada, porém mantendo a primeira parte do termo: *chama*, e não a segunda. Então, concluímos que muitas “chamas” existem e, segundo Raul Brandão, em As ilhas desconhecidas (1926), aparecem: a chama Rita, a chama do Ladrão, a chama da Rita Comprida, a chama das vacas lavradas. (apud JÚLIO, op. cit., p. 79)

Então, o que viria a ser *chamas*, no plural? Explica-nos Sílvio Júlio que “era um gênero, uma família de danças, não uma só, e que o verbo chamar, nos vocábulos da feição de chamarrita, não é verbo chamar, mas coisa diferente”. (JÚLIO op. cit., 79). Nas obras Cancioneiro Guasca (1910) e Cancioneiro Gaúcho (1959), de Simões Lopes Neto e Augusto Meyer, respectivamente, estes comentam a respeito da chimarrita, porém, não esclarecem muita coisa, chegando Meyer a criticar Simões Lopes Neto por este não ter citado todas as quadras e, o que apresentou, o fez numa seqüência desordenada. Augusto Meyer, se não se

estende em maiores comentários sobre a chimarrita, ao menos comete um erro, o de repetir em sua obra, página 203, da edição de 1959, o comentário de Renato Almeida (1942), que alega, serem de origem açorita, como já dissemos, todas as danças gaúchas.

Sílvio Júlio afirma que o real sentido do chama – chamar de Chamarrita – sofreu tradução errada ou má pronúncia de uma palavra francesa e apresenta-nos alguns casos de falsas cognatas ou traduções mal feitas:

*Pingue* (que é abundante e rentável, gordo, gorduroso), latinismo, adjetivo culto em castelhano e português, se transformou, entre os gaúchos platinos e brasileiros no substantivo *pingo*, equivalente a cavalo gordo, bem tratado e luzidio. Cervantes registrou *Marinero de Tarpeya* por *Mira Nero de Tarpeya*, do romance de Fernando Rojas, *La Celestina*, bem como *Tigre de Ocaña* por *Tigre de Hircania*. O goiano Hugo Carvalho Ramos, na obra *Tropas e boiadas* (1917), traduziu de uma trova portuguesa que fazia referência a um músico francês, muito popular em Lisboa, *lundú do Monroy*, por *lundú do marruá*, explicando ainda que marruá é um touro bravo, o que, possivelmente, nunca inspiraria um lundú, canto sensual e meloso, melancólico e erótico. (JÚLIO, op. cit., 79)

Citando ainda Carlos Santos (1943), que em sua obra também apresenta casos de traduções mal feitas, seja por tradutores do Madeira, seja por pessoas humildes que freqüentavam os salões da nobreza, apreciavam as danças de origem francesa e, decorando os passos e comandos, repassavam aos demais moradores. Sílvio Júlio deixa claro que é aí que parece recair o problema de tradução do “chama” português. Sendo assim, temos como exemplos de má tradução as seguintes falas:

Grand rond	→	roda grande pá direita
À vos places	→	a seus lugares
En avant	→	dentro, fora
Dames au milieu	→	damas ao meio
En avant quatre	→	Ana vem cá
En arrière	→	Ana arriária
Chaîne anglaise	→	chama inglesa
Chaîne de dames	→	chamedame

(JÚLIO, op. cit., 81)

É a partir do emprego do substantivo francês *chaîne* que podemos explicar e entender o sentido do radical de chamarrita. Convertido o vocábulo *chaîne*, em chama, que não era

verbo, muito menos um substantivo, aos poucos, percebeu-se que, pelo uso contínuo em terras açorianas ou madeirenses, foi adquirindo a função semiológica de *chamar*; contudo, observemos aí duas funções: 1. No caso do bailado, assume tal impressão: chama Rita, chama a Inglesa. 2. em outros casos, substantivo: chama da Rita, chama do Ladrão, chama das vacas lavradas. Morfologicamente falando, podemos considerar que: 1. Como verbo, teríamos apenas – chama a Rita, chama a inglesa, etc. 2. Como não assumia o papel gramatical de verbo, foi possível termos as várias *chamas* - a chama da Rita Comprida, a chama da Inglesa, a chama do Ladrão, etc.

Feito este compreensível e quiçá inevitável baralhamento, o resto se torna fácil de explicar. A música da *chamarrita* interiormente se modificou, ao sabor das circunstâncias instrumentais e interpretações. Seguindo-a, as letras se centuplicaram e também tomaram tipos novos de estrofação e métrica. Afinal, os contatos externos com outras cantigas e danças acabaram por transformá-la e fazer dela alguma coisa inédita, irreconhecível, descontornada, até seu desaparecimento. (JÚLIO, op. cit., p. 81)

João Simões Lopes Neto registrou em seu Cancioneiro Guasca (1910) apenas trovas em quarteto da *Chimarrita* sul-rio-grandense, o mesmo acontecendo com Augusto Meyer, em Cancioneiro Gaúcho (1959), mas os Madeirenses, a compasso monótono, fazem a apresentação das trovas em seis versos corridos, septilhas por bisação, como há ainda quadras de sete ou até oito versos:

Sextilhas espontâneas e corridas:

Chamarrita assim, assim,  
Chamarrita, assim ou não:  
Pego no meu coração,  
Laceado com uma corda,  
Para que tu não te esqueças  
Do bailinho desta moda.

Chamarrita, chama, chama,  
Já dormi na tua cama:  
Dá-me o teu coração  
Laceado com uma fita,  
Para que eu nunca me esqueça  
Do baile da chamarrita.

Septilhas por bisação:

Chamarrita, assim, assim,  
Compadece-te de mim (bis)  
Deita-te na minha cama,  
Dorme o sono que quiseres,  
Vira-te da outra banda.  
Chamarrita do Paúl,  
Vai de branco e vem de azul (bis)  
Que não gosto de encarnado,  
Só gosto de vestir verde,  
Que é esp'rança do namorado.

E há, ainda, as oitavas caracterizadas, que surgem dos desdobramentos musicais, a partir de duas quadras:

Chamarrita, chama, chama,  
Deita-te na minha cama;  
Dorme o sono que quiseres;  
Vira-te da outra banda. (bis)  
Dorme o sono que quiseres...  
Verás o jeito que eu tenho  
Para agasalhar mulheres.

Aqui tens meu coração  
Fechadinho com três chaves;  
Abre-o e volta de dentro.  
Tu sozinha bem o sabes...  
Aqui tens meu coração  
E a chave de o abrir:  
Não tenho mais que te dar,  
Não tens mais que me pedir.  
(JÚLIO, op. cit., p. 87)

Sílvio Júlio conclui sua análise sobre a chimarrita lembrando ao pesquisador que, devido à escassez de documentação sobre o Rio Grande do Sul, principalmente no período entre o século XVIII e primeira metade do XIX, sobretudo no que diz respeito aos seus costumes, crendices, etc, torna-se difícil fechar maiores conclusões sobre a dança açoriana chamarrita. É provável que a mesma sofreu a influência pampeana, já que o seu mar e seu barco eram o pampa e o pingó, respectivamente, como muito bem mostrou em suas quadras, Simões Lopes Neto:

Chimarrita no seu tempo  
Já muito potro domou:  
Agora quer um sotrêta,  
Nem um rodilhudo achou...

Coitada da chimarrita!  
Vou rezar, por ser cristão:

A pobre da chimarrita,  
Viveu com um chimarrão. (LOPES NETO, 1910, p 22-24)

Fato relevante na pesquisa silviojuliana foi a possível comprovação de que o nome *chama* não provinha nem do verbo chamar, nem do substantivo chama, mas do “substantivo *chaïne*, foneticamente adaptado às bocas dos ilhéus lusos. Portanto, galicismo pela origem” (JÚLIO, op. cit., p. 87).

#### **7.4 Como se chamou “Tirana” a uma antiga dança espanhola que os gaúchos usaram**

A análise da dança *Tirana*, mesmo fazendo parte da obra Folclore e Dialetoclogia do Brasil e Hispanoamérica, de 1974, já havia sido realizada por Sílvio Júlio em artigo publicado na *Revista das Academias de Letras*, n.º 39, 40-49, Rio de Janeiro, 1942. O artigo reaparece na mesma revista, número 43, de março-abril de 1943, página 4, intitulado *A Tirana entre os gaúchos*, assim como no *Anuário do Museu Imperial*, sob o nome *Dois Velhas Danças Gaúchas*, edição IX, 45-46, Petrópolis, no ano de 1948. Em todas as edições, Sílvio Júlio mostra que o roteiro da dança *Tirana* fora para o Rio Grande do Sul por Buenos Aires e que a origem do nome se devia à atriz dramática Maria Rosario Fernández, *La Tirana*, sevilhana estabelecida em Madrid desde 1773, que adota este apodo por ser casada com o ator espanhol Francisco Castellanos, conhecido como *El Tirano*, que interpretava papéis unicamente dramáticos ou trágicos.

Segundo a folclorista dominicana Flérida de Nolasco, a origem da dança *Tirana* obedece aos seguintes passos, confirmando a tese silviojuliana:

O fandango, que nasceu na Espanha, sendo seguidilha, a seguidilha de que tanto gostava Sancho Panza, a que fazia saltarem as almas e desassossegarem os corpos, tem diversos desdobramentos em sua numerosa descendência: *malagueñas*, *rondallas*, *murcianas*, *boleros* e até a *tirana*, que em época recente deixou de ser dança para ser apenas canção. Vale a pena fazer um incidental a propósito da *tirana*, tipo de nome arbitrário e caprichoso. *La Tirana* foi apodo da tornadilha Maria Rosario Fernández, a quem se chamou assim porque seu marido, profissional do palco como ela, fazia freqüentemente papéis de tirano. É bom exemplo do modo pelo qual se adquirem as danças, motivos imprevistos e ocasionais, e também inconsistentes, os seus nomes. (NOLASCO apud JÚLIO, op. cit., p. 90)

O musicólogo espanhol José Subirá afirmava que:

a tirana, especialmente, alcançou grande voga durante o decênio de 1780-1790. Contava de uma copla de quatro versos otossilábicos, com um peculiar estribilho, que pelo comum acentuava a intenção maliciosa, picaresca ou satírica da mesma copla. Costumava-se dançá-la também, para reforçar o interesse do canto. Fazendo-a extensiva, de um modo imaginativo, a diversos países, os libretistas introduziram em suas tonadilhas certas tiranas com letra inglesa e igualmente com pretense caráter mouro.

Los cortejos de hoy em dia  
Son como los perros de agua;  
Los enseñan a que busquen  
Y al fin cós hacen que traigan.

[...]

Ay, tyrana de mi vida,  
Ten de mi inquietud piedad,  
Pues que tantas tiranias  
No es posible tolerar!  
Ay tirana, tirana, tirana!

Tiraní, tirana;  
Ay tiraní, tiraní, tiraní!  
Ay, ay!” (SUBIRÁ apud JÚLIO, op. cit., p. 90)

A *tirana* cantada no Rio Grande do Sul era mais simplificada que a cantada na Europa, mesmo porque ela deve ter sofrido muitas influências em todo o seu trajeto, principalmente na sua forma e maneira de ser tocada. José Subirá sustentava, por exemplo, que havia tiranas feitas para serem tocadas com orquestras ou somente ao som da guitarra espanhola. Em solo uruguaio e argentino, somente há registros no início do século XIX, descrevendo-a em seus três momentos: música, dança e canto. Contudo, tinham conhecimento, os argentinos e uruguaio, que a dança surgiu na Espanha, no ano de 1773, e que, ao ser espalhada pelo pampa, a mesma sofreu, certamente, modificações, em especial na sua forma rítmica e melódica, uma vez que “o gaúcho errante, que era chamado gaudério na XVIII<sup>a</sup> centúria e se reputava aventureiro, malandro, brigador, desde muito tempo fabricava como podia, - má imitação das espanholas – as ásperas e grosseiras guitarras que tocava, acompanhando os seus cantos”. (JÚLIO, op. cit., p. 94)

No Novo Mundo, Alejo Carpentier já havia dito que a *tirana* já era conhecida em Cuba desde 1792. No Brasil, a *tirana* parece ter sido bem famosa, uma vez que testemunhos de intelectuais da estirpe de José Veríssimo, Augusto de Lima e Melo Moraes Filho,

afirmaram ter assistido a dança no Amazonas, Minas Gerais, Bahia e no Rio de Janeiro, por exemplo. Augusto Meyer, em seu Cancioneiro Gaúcho (1959), página 206, citando Renato Almeida, diz que “em fins do século XVIII – precisamente em 1890 – a dança foi apresentada em Cuiabá, capital do estado do Mato Grosso, em homenagem ao Ouvidor Diogo Ordonhes”. Alceu Maynard Araújo descreveu a *tirana* em Cananéia, litoral do sul paulista, da seguinte forma:

É uma dança muito mais calma do que qualquer outra assistida em Cananéia, do grupo do fandango rufado ou batido. As damas fazem roda no centro e os homens por fora, desfrontando-se os pares. Enquanto os homens rufam amolentadamente os pés, as damas balanceiam ao som da música. As rodas se deslocam vagarosamente, ambos no sentido dos ponteiros do relógio. (MEYER, 1959, p. 206-207)

Segundo João Cezimbra Jacques, em Assuntos do Rio Grande do Sul (1912), a tirana era muito popular no Rio Grande do Sul, julgava-a vinda entre 1822 e 1835. "Existiam também diversas tiranas: a *tirana-grande*, dança sapateada em roda grande, diversas *tiranas-de-dois*, bailados em grupos de dois pares, a *tirana-de-ombro*, assim chamada devido à aproximação seguidamente do ombro de um dos cavalheiros com a dama do outro cavalheiro e vice-versa; e fora destas havia também a *tirana-tremida*, assim denominada pelo trinado das cordas da viola e também chamada *tirana-dos Farrapos*" (MEYER, op.cit., p. 206).

Como exemplo da tirana cantada com características gaúchas, temos:

Tirana, feliz tirana:  
Tirana de um dolorido.  
Uma tirana de gosto,  
Deixa um gaúcho perdido.

Minha tirana de gosto,  
Rosto mimoso e bem-feito,  
Quem teu fandango não baila  
Não é gaúcho direito. (JÚLIO, op. cit., p. 98)

Com influências platinas, hispanas, lusas, ou não, a verdade é que a dança não fez sucesso apenas em terras gaúchas. Espalhou-se pelo Brasil, conquistando até mesmo escritores como Castro Alves, que chegou a produzir tiranas: *Tirana do escravo* e a *Tirana do Lucas*. (MEYER, op. cit., p. 206). Em solo sul-rio-grandense, sofreu, naturalmente, as suas adaptações, como sofreu em qualquer lugar do mundo.

Conforme Sílvio Júlio, observando a evolução histórica da dança, quando a *tirana* penetrava em Portugal, bem como nos Açores, o mesmo acontecia em terras mexicanas, cubanas, dominicanas, peruanas, chilenas, argentinas e uruguaias; logo, discordando do que afirmavam o mineiro Renato Almeida e o gaúcho Roque Calage – que a mesma foi importada dos Açores para o Brasil (MEYER, op. cit., p. 206) – e do gaúcho de Santa Maria, João Cezimbra Jacques, considerado o patrono do tradicionalismo gaúcho – que considerava a *tirana* uma criação local, nascidas de causas pampeanas.

Sílvio Júlio de Albuquerque Lima encerra a sua análise concluindo que a *tirana*, no Rio Grande do Sul, teve seu surgimento e glória, como aconteceu em todos os locais do mundo. Sofreu influências platinas e foi adaptada aos costumes locais, pois assim não poderia ser diferente. Ratifica, ainda, a crítica a Augusto Meyer e Simões Lopes Neto que registraram as trovas da *tirana* em suas obras. Independente do trajeto percorrido, a *tirana* continua fazendo parte do folclore, não só gaúcho, mas brasileiro como um todo.

## **7.5 Por que no sul do Brasil se diz ‘barbaqué’ e não ‘barbacoa’**

Durante toda a sua vida, Sílvio Júlio manteve forte interesse pelo estado sul-riograndense, bem como ao longo de sua carreira, sempre que podia, ou mesmo lhe pediam, produzia informações a respeito do que viu e ouviu, principalmente durante o período em que morou no Rio Grande do Sul. Etimólogo por interesse, entre outras coisas, Sílvio Júlio pesquisou sobre muitas palavras que compuseram o léxico coletivo pampeano, deixando, assim, aos pesquisadores de hoje, uma verdadeira *mina* para a pesquisa lingüística, social, cultural, antropológica, etc, já que pouquíssimos estudiosos fizeram registros sobre o tema com tamanha seriedade. Uma dessas palavras foi o vocábulo *barbacoa*, cuja origem é pré-colombiana, amerígena, antilhana, aruaca de nascimento.

Segundo Sílvio Júlio, possivelmente este foi o trajeto da palavra *barbacoa* ou *barbacoá* até o Sul do país e resto da América:

pré-colombiana, veio pelas Grandes e Pequenas Antilhas, de cujo centro aruaco – caribe passou às costas da Venezuela, da Colômbia e do Panamá, para afinal, carregado no bojo do idioma espanhol, implantar-se do México à Argentina, de norte a sul do Novo Mundo. [...] Destaquemos o fato capital e nuclear de ser nas Antilhas, em 1526 e antes, pelo menos desde 1512, sabido que a grelha de varas, sob a qual se acendia fogo lento para assar carne e peixe, tinha o nome aruaco de *barbacoa*. (JÚLIO, op. cit., p.108-110)

Em terras brasileiras, houve quem defendesse a tese de que a palavra *barbacoa* ou *barbacoá* fosse de origem guarani, contudo, foi somente em 1889, que o militar carioca, Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire-Rohan, vice-presidente da província do Paraná no período de julho de 1855 a março de 1856, e único Visconde de Beaurepaire-Rohan, por exemplo, afirmou que havia ouvido a dita palavra em terras paranaenses, já que aquela província era grande produtora da erva mate. Segundo informou Luis Carlos de Moraes, sem dar maiores detalhes de sua fonte, em seu Vocabulário Sul-Rio-Grandense (1935), *barbaquá* era o forno no qual se fazia o fogo para a secagem da erva mate durante o seu preparo.

Roque Calage, por exemplo, não fez registro algum sobre este vocábulo em seu Vocabulário Gaúcho, de 1928. Sílvio Júlio alega que o mesmo não o fez porque, sendo residente na fronteira brasilo-uruguaia, não a registrou pelo simples fato de nunca tê-la ouvido, do contrário, o teria feito, já que o mesmo era um pesquisador muito informado.

Sílvio Júlio afirma que

no século XVI, tudo o autoriza a pensar que o termo *barbacoa*, aruaco, rapidamente espalhado, já no idioma espanhol, a todos os recantes da América, também fosse conhecido no Paraguai, não para a grelha de tostar a erva mate, porém para qualquer coisa parecida. Ele, como nas zonas antilhanas, designaria a *parrilla*, de madeira em que os bárbaros assavam carnes e peixe.

*'... y fueron muy obedientes em sus mandamientos, y su venida era de ocho a ocho dias a la ciudad, cargados de carne de venados y puercos monteses, asada en barbacoa.*

*Esta barbacoa es como unas parrillas, y están dos palmos altas del suelo, y son de palos delgados, y echan la carne ensalada encima, y asi la asan'.*

(comentarios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca, adelantado y gobernador Del Rio de la Plata, escritos por Pero Hernández, escribano y secretario de la provincia, 1540-1544, edição de Madri, 1922, capítulo, XXXI, página 229). (JÚLIO, op. cit., p. 105)

Mesmo mantendo contínua pesquisa sobre a origem da palavra *barbacoa*, Sílvio Júlio afirma em seu artigo que foi somente através dos documentos e as crônicas dos espanhóis desbravadores do Novo Mundo que pôde deparar-se com a palavra, em especial naqueles relatos que citavam os índios aruacos e caribes. Nunca achou nada em documentos portugueses, ingleses ou até franceses, nem quando residiu em solo sul-rio-grandense, mais precisamente na fronteira oeste. A respeito da indicação gráfica, Sílvio Júlio afirma o seguinte:

Ninguém ignora que a indicação gráfica das sílabas tônicas é recente, que não existiam sinais diacríticos nos séculos XV e XVI, quando pelas primeiras vezes um espanhol escreveu *barbacoa* ou *barbacoá*, sem qualquer declaração concernente à sua prosódia. A forma que Bartolomé de las Casas, conhecedor de dialetos aruacos das Grandes Antilhas, solucionava desse modo à questão:

...Guanahani- la ultima silaba luenga y aguda.  
... se llama Yuyapari – la ultima silaba luenga.  
... la isla que llamamos y se llama por los indios Matinino la ultima luenga.  
... Higuana, la ultima silaba luenga.  
... Açua, la silaba del edio breve.  
... Guahaba, la media silaba luenga.  
... Hanyguayaba, luenga la misma silaba media... etc., etc., etc.  
(JÚLIO, op. cit., p. 112)

Sílvio Júlio apresenta sua análise com a seguinte tese sobre a questão prosódica em mares do continente sul-americano: afirma que o mar Caribe foi palco de ações de piratas e bucaneiros, uma espécie de contrabandista de origem francesa. Com tais investidas, Sílvio Júlio acredita que, de maneira quase inevitável, travaram relações com índios da tribo dos aruacos e caribes, aprendendo, a partir dessa relação, o seu vocabulário, muito dele já adaptado à língua espanhola. Conclui Sílvio Júlio que *barbacoa* foi um deles.

Les Caraïbes, Indiens naturels des Antilles, ont coutume de couper en pièces leurs prisonniers de guerre et de les mettre sur des manières de claies, sous lesquelles ils font du feu. Ils nomment ces claies *barbacoa*, le lieu où ils sont, boucan, et l'action, boucaner, pour dire rôtir et fumer tout ensemble.  
(JÚLIO, op. cit., p. 113)

Além de tudo isso, a História mostra que marujos franceses viveram nas Grandes e Pequenas Antilhas, tendo constante contato com os mestiços de espanhol e demais habitantes da sociedade local, antes de virem fazer transações comerciais com os habitantes dos portos atlânticos da América do Sul, em especial os brasileiros. Sílvio Júlio, então, nos questiona se não nos parece aceitável a idéia de que a oxitonização do paroxítono aruaco *barbacoa* não deixou rastros em solo sul-americano. “Houve lugares em que, ao desembarcarem os lusos, já encontravam entre as tribos locais, aventureiros galicanos”. (JÚLIO, op. cit., p. 114)

Todos os franceses, sem exceção, que residiram nas Grandes e Pequenas Antilhas, no Panamá, Peru, México, etc, e mais tarde aportaram a pontos vários da costa brasileira, trouxeram para cá pronúncias e aceções suas de termos *aruacos*, *caribes*, *náuas*, *maias*, *quéchuas*, *aimaras*, *aruacanos* já adaptados à índole do castelhano e também à do idioma de Villon. Até os que passaram por nenhuma possessão espanhola do Novo Mundo

manejavam, ao descrever coisas do Brasil, certos vocábulos antigos e indígenas do mar Caribe e de outras regiões americanas. (JÚLIO, op. cit., p. 114)

Sílvio Júlio conclui, entendendo que isso é uma hipótese, mas acredita que considerando que seu processo metodológico de observar as possibilidades históricas, a partir das datas, e glotológicas, parece tornar essa hipótese viável. “Quanto à evolução semântica da palavra – acredita Sílvio Júlio – que no sentido de grelha de paus para a sapeca da erva mate, foi obra dos jesuítas que exploraram, com técnica e habilidade comercial, a planta que ajudou a enriquecer as missões inicianas do Paraguai, Argentina e Brasil”. (JÚLIO, op. cit., p. 115)

## **7.6 Não é literatura o folclore peruano de origem quêchua**

Ao elaborar o texto, *Não é literatura o folclore peruano de origem quêchua*, Sílvio Júlio o fez com o respaldo de ter residido no Peru por treze anos, de 1960 a 1973, convivendo com a nata do mundo intelectual daquele país, em especial com os literatos. Em Lima, Sílvio Júlio foi Catedrático de História da América da Universidade de São Marcos, fundada em 1551; Catedrático da Universidade Católica de Lima; Catedrático da Universidade Nacional Frederico Villa Real de Lima; Catedrático da Universidade Católica de San Martín de Porres; Catedrático Honorário da Universidade de Huanuco e Catedrático da Universidade de Ica. Foi à Universidade Nacional de São Marcos que ele doou a sua biblioteca particular com mais de doze mil livros e oitocentas obras antológicas. Portanto, mais uma vez, municiado pelo *argumento*, pelo fato de *ter vivido* ali, tinha autoridade sobre o que viria a escrever.

Então, o que defende Sílvio Júlio nesse texto? Tudo se inicia quando Augusto Tamayo Vargas, professor da Universidade de São Marcos, em Lima, publicou a obra *Literatura quêchua* (1948). Sílvio Júlio procurou justificar ao colega de academia que o melhor teria sido chamá-la *Folclore quêchua*, a partir dos seguintes aspectos:

1. Considerava que os amerígenas habitantes do Novo Mundo viviam em época neolítica, tinham muitos dialetos, eram em quase sua totalidade nômadas, eram donos de agricultura incipientíssima, salvo os astecas, os maias, os quêchuas e, em parte, os muíscas, grupos também da idade da pedra polida, porém menos bárbaros e,

2. Fazia-se premente a necessidade de distinguir, agora, o que era literatura e o que era folclore, para justificar sua fala. (JÚLIO, op. cit., p. 123)

No que diz respeito aos conceitos de literatura e folclore, explica Sílvio Júlio:

Esta [a *literatura*] promana da afetividade, da emoção, do estro personalíssimo; brota no espírito de um indivíduo, de seu interior para o público. Aquele [o *folclore*], ao contrário, não deriva, necessariamente, da inspiração singular, visto que toma de qualquer coisa ou idéia e a vai transformando, fora da arte, graças a fatores psico-sociais, em algo antropológico, em algo de uma cultura. O *literário* é criação feita para exprimir beleza pelo idioma: o idioma constitui seu único veículo. O *folclórico*, ou se manifesta material, ou espiritual; entretanto, nunca procura senão o sentir de uma coletividade em suas tradições de uma e de outra espécie. (JULIO, op., cit., p.124)

Tendo estes dois conceitos como linha de orientação, Sílvio Júlio lembra a Vargas que nenhum dos dialetos amerígenos, antes de 1492, tinha condições de expressar alguma doutrina artística que lhe permitisse erguer-se à fase seguinte, ou seja, à literária. Explica-nos que “todas as línguas da Terra começam no seio de outra mais antiga. [...] Pouco a pouco e inconscientemente se delinea uma nova maneira de comunicação de determinado povo” (JÚLIO, op., cit., p.124). Sendo assim, pergunta a Vargas em qual língua o povo peruano faz seus negócios, imprime a sua literatura, escreve a sua história? Em algum dialeto de tribo selvática? Não. Em castelhano.

Sílvio Júlio procura explicar ao longo de toda a sua argumentação que o erro de Vargas foi intitular o seu trabalho de *Literatura* e não *Folclore quêchua* justamente porque:

... os contos míticos e sumários, as canções musicadas para o baile coletivo, nunca compridas e pormenorizadas, as lendas, as tradicionais e feiticistas dos grupos humanos ainda não desenvolvidos e estáveis quanto à sua organização econômico-social, todas em estado mais ou menos embriológico, devem analisar-se pelos métodos folclóricos. [...] Não há regime coletivo que, em suas velhas fibras estruturais, deixe de conservar algumas tradições perviventes dos arcaicos costumes, cultos, ritos, hábitos, canto, refrãos, mitos, contos. Tais tradições perviventes nas posteriores etapas do desenvolvimento econômico-social de uma cultura, não as decompõe e estuda crítico literário, mas folclorista. (JULIO, op., cit., p.126)

Sendo assim, o que temos dos quêchuas? Literatura ou folclore? Questiona Sílvio Júlio a Vargas. Para um povo que não tinha como ‘registrar’ o que produzia no campo espiritual, estético, cultural, etc, e o que cantavam, bailando, ou narrando oralmente, o criavam de

acordo com as normas que estuda a etnografia e não a literatura, defende Sílvio Júlio. Para a literatura existir, definitivamente, ela precisa da palavra escrita<sup>57</sup>. O folclore, não.

Ele nasce na subconsciência da alma, podendo ser modificado a qualquer hora, por dentro e por fora.

Para Sílvio Júlio, Augusto Tamayo Vargas, que por sua obra foi imensamente homenageado, ofertou para a sua nação o maior documento já feito nos últimos anos sobre a cultura peruana. Errou no nome, porém, ao preparar um compêndio para o ensino universitário, Vargas foi aconselhado, pelas circunstâncias cívicas, a valorizar os restos dos cantos e mitos autóctones dos amerígenas. “Para nós, não os depreciaria chamando-lhe exatamente *folclore*, que o são. Alçar à categoria de propositadas obras de arte e considerar tudo literatura, por serem palavras esses fragmentos, não condiz com as orientações taxionômicas dos conhecimentos contemporâneos”. (JÚLIO, op., cit., p.135)

## 7.7 Juan Rodríguez Freile e Ricardo Palma

No conjunto de sua obra Folclore e Dialectologia do Brasil e Hispanoamérica, Sílvio Júlio, como uma justificativa a mais ao título proposto, adiciona um estudo enfocando a literatura latino-americana, a exemplo do que fez no texto anterior. Neste caso, o estudo trata do escritor Juan Rodríguez Freile, autor colombiano que produziu uma única obra: El Carnero. Crônica picaresca sobre a sociedade colonial da cidade de Bogotá. Contudo, antes de comentar a obra, Sílvio Júlio abre o seu artigo com uma análise sobre o contexto da conjuntura latino-americana, ratificando que mesmo vivendo em pleno século XX, na década dos anos setenta, marcada por várias conquistas e inovações no globo, vivíamos um verdadeiro atraso intelectual, com ênfase no desconhecimento do e sobre o outro que vivia no país ao lado.

Nesse contexto, então, podemos observar o que diz Flávio Aguiar (2002), quando afirma em seu artigo *A América Latina não existe*, que o problema de retomada, de união dos povos do Novo Mundo passava, necessariamente, pela questão cultural, afirmando-nos o seguinte:

[Se a América latina não existe] Então, é necessário inventá-la. Antes de prosseguir, qualifiquemos estas frases. Quando digo que a América Latina

---

<sup>57</sup> Massaud Moisés entende Literatura como “a expressão, pela palavra escrita, dos conteúdos da ficção, ou imaginação. Se bem observarmos, o fato próprio enunciado implica a idéia de ‘texto’, ao colocar ênfase sobre o fato de ser a Literatura expressa por meio da palavra escrita” (MASSAUD, 2005, p. 14).

não existe, quero dizer que ela é, na verdade, um projeto, um por fazer. Essa América Latina por fazer é, antes de tudo, um projeto cultural, e seu embrião é uma possível rede de trabalho intelectual que distinga raízes comuns e que estabeleça pontes de relação entre seus e com outros povos. [...] Não desprezo a questão econômica [...] não desprezo a questão política [...] Tudo isso é relevante, mas não é suficiente. A questão cultural é a decisiva. Sem sua consideração, não haverá aquele traço íntimo comum que permitirá a construção da verdadeira solidariedade na autodeterminação. Sem isso, a solução para aqueles graves problemas permanecerá emperrada. (AGUIAR, 2002, p. 65)

Em sua obra intitulada História e Localismo – sobre os livros de Ariosto González, de 1928, Sílvio Júlio, defensor confesso da união ibérica como um todo, pregando nas primeiras décadas do século passado o que Aguiar voltou a solicitar em dias atuais, registrava que a América Latina estava viva. De maneira lenta, mas profícua, os intelectuais latino-americanos daquele momento, 1926, estavam unidos na aproximação dos povos que falavam português e espanhol, confessando que:

cada obra que se edita, feita por um venezuelano, ou por um panamense, relativa a um dominicano, ou a um porto-riquense, é gigantesco passo. Hoje não fanfarroneia quem garante que, acima dos grupos literários, que agem em determinados pontos do Novo Mundo, paira a unidade ideal que torna Sarmiento, Andrés Bello, Santos Chocano, Amado Nervo, Rubén Darío, Guillermo Valencia e Blanco Fombona expoentes de uma única e indivisível mentalidade. Si se excetua os medíocres e os estrepentes, o axiomático é que Díaz Mirón, Santiago Argüello, Tulio Cestero, Eduardo Barrios, Manuel Díaz Rodríguez, José Asunción Silva e Carlos Pereyra não nobilitam somente o torrão em que viram a luz, porém o Novo Mundo inteiro. (JULIO, 1928, p. 14)

Muito mais que isso, se no presente há opiniões de que a América Latina está deficiente, manca, Sílvio Júlio apresenta, em 1928, o depoimento de Jacinto Lopez, intelectual que editava em Nova Iorque a revista *La Reforma Social*:

La América latina existe. Es una y única desde el Rio Grande hasta el Rio de la Plata. No hay diferencia fundamental alguna entre mejicanos y argentinos, o entre estos y los venezolanos, o entre estos y los peruanos. En idioma, en religión, en historia, en costumbres, en puntos de vista, en sentimientos, en gustos, en tradiciones, en todo, en todo, en todo, somos un solo pueblo, dividido apenas por fronteras políticas. (JULIO, 1928, p. 15)

César Fernández Moreno nos diz que Hegel, em obra de 1928<sup>58</sup>, afirmava que a “América era um país do porvir” (HEGEL, 1928, apud MORENO, 1972). Mas o que “para ele era porvir já é presente para a América; o continente que era para ele natureza, é história”, destaca Moreno (op. cit., Introdução), numa época muito próxima da de Sílvio Júlio, já que este faz esse balanço em 1974, porém reforçando que distâncias enormes ainda existiam, as fronteiras continuavam desertas e ausência de comunicação ainda se registrava, especialmente entre as nações co-irmãs. “Oriundas de fontes parecidas, de sangue e tradições que as aproximam por muitos motivos, até agora descuidam de tais laços espontâneos e deixam-se quase sempre arrastar pelos vícios da desagregação, onde imperam forças passageiras, superficiais e secundárias”, (JÚLIO, 1974, p. 117) constatava Sílvio Júlio a respeito da relação vivida naquele momento pelos países latino-americanos.

É a partir desse ‘quase sempre desconhecimento sobre o outro lado da fronteira’ que Sílvio Júlio apresenta o último tema de seu livro. Traz para o conhecimento do público o colombiano Juan Rodríguez Freile, filho da cidade de Bogotá-Colômbia, que aos setenta anos de idade, escreve El Carnero. Ao contrário do que faz Manuel Antonio de Almeida, que em sua obra de 1852, Memórias de um sargento de milícias (1987), retrata as classes média e baixa da sociedade carioca, a partir da visão de um anti-herói chamado Leonardo, Freile, que não coloca um narrador além dele próprio, apresenta um texto essencialmente popular, também com valor satírico e picaresco, denunciando “as leviandades femininas, adultérios, assassínios, furtos, ações vulgares do viver social que um historiador empenhado nunca perpetuaria” (JÚLIO, op. cit., 139). Para Sílvio Júlio, El Carnero “retém, arquiva, imortaliza e tempera com sal, pimenta, alho aquelas sujeiras e intimidades de senhoras e cavalheiros que, aparentemente respeitáveis, cometeram ações edificantes em Nova Granada, durante o primeiro século da existência de Santa Fé de Bogotá”. (JÚLIO, op. cit., 139)

O próprio Freile desejou rascunhar suas memórias com o intuito de entregar aos futuros neograndinos a parte secreta, escondida da evolução de Bogotá, que ele, ancião, guardava de memória. Num contexto no qual analisa e denuncia as ações da sociedade de seu tempo, Freile mostra que o homem, “na sua constituição moral, não regride nem progride. Prossegue mau e bom, de acordo com as exigências do uso, a tradição, a necessidade”. (JÚLIO, op. cit., 144).

Se fosse escritor brasileiro, poderíamos classificá-lo no Realismo nacional, aproximando-o, enquanto obra, ao O alienista (1994), de Machado de Assis, pois no momento

---

<sup>58</sup> HEGEL, G.W.F. Lecciones sobre la filosofía de la historia universal, tradução de J. Gaos, Madri, Revista de Occidente, 1928, t. I.

em que produzem suas respectivas obras, ambos falam e denunciam a exposição de dramas psicopatológicos vividos por aqueles que estão no poder. A diferença é que, se O alienista é uma obra de ficção, e assim deve ser encarada, o mesmo não pode acontecer com El Carnero, que utiliza os ‘heróis locais’ da aristocracia da cidade de Bogotá.

Freile tinha tão clara essa consciência que chegou a registrar na própria obra: “parece-me que porá pleito e questão a beleza em qualquer tribunal, que me dará em que entender (seu engano); mas isso não me preocupa, porque já me pendurei sobre os setenta anos”. (FREILE apud JÚLIO, op. cit., 145)

Segundo Sílvio Júlio, El Carnero é uma obra que não tem a preocupação com o rígido controle da língua, já que ela é produzida sem a pretensão de virar clássico. “A idéia restrita e pedante de purismo gramatical não lhes atormentava o espírito, cercado-o de proibições empobrecedoras” (JÚLIO, op. cit., 147). Nela, percebemos a presença de uma língua forte, dominadora como foi o espanhol sobrepondo-se sobre todos os dialetos existentes, assumindo papel de língua corrente em toda a América Latina, excetuando-se, neste caso, o Brasil. El Carnero emprega amerigenismos castelhanizados, uns do norte, outros do sul do Novo Mundo:

*guazábara*, antilhismo que significa grito de guerra dos indígenas, e nome dado às batalhas contra estes pelos espanhóis; [...] *ají*, de origem aruaca, sinônimo de pimentão; [...] *chicha*, aruaca, uma bebida alcoólica feita a partir do *maiz* (aruaco), ou seja, do milho; [...] *sabana* (aruaco), prado, planura; [...] *caimán* (aruaco), crocodilo; [...] *bohio* (aruaco), casa de índio, feito de palha; [...] *guayacá* (aruaco), pau santo, madeira a cujo valor medicinal se atribuía à cura do mal gálico. [...] (JÚLIO, op. cit., p.150).

Do quêchua, Freile faz uso de: *china*, palavra quêchua que significa moça índia ou mestiça que se dedica a trabalhos caseiros; *tambo*, pousada, albergue. (JÚLIO, op. cit., p.151).

Para Sílvio Júlio, que adquiriu a obra em Bogotá, no ano de 1938, trezentos após a sua conclusão, quando fazia uma viagem pela Colômbia, o livro de Freile nasceu quase como apontamentos de um velho que não desejou morrer sem nos legar o seu testemunho a respeito de um século da vida bogotana: 1538 a 1638. Muitas coisas Freile viveu, muitas ele ouviu falar. Assim o fez, sem medo de seu futuro.

No entanto, o título trata de Freile e Ricardo Palma. Quando Sílvio Júlio se refere a Palma, tradicionalista, escritor e jornalista peruano que viveu de 1833 a 1919, e publicou o que se considera a sua obra prima, Tradiciones Peruanas (1874), coloca-o, simplesmente,

como um mestre, sem intenções de sê-lo, de Juan Rodriguez Freile, até porque Palma surge quase duzentos anos após a publicação de El Carnero.

Na obra de Palma, a narrativa enfoca, de maneira hilária e pitoresca, a República peruana, dedicando uma boa parte dos relatos a histórias sobre os Libertadores e à guerra da Independência peruana. Sílvio Júlio defende a tese de que Palma não conheceu a obra de Freile, contudo as semelhanças são evidentes, embora involuntárias, afirmando que “se tem a impressão vaga de que, no arquitetar suas historietas, Juan Rodriguez Freile foi quem procurou acompanhar o humor refinado de Ricardo Palma, alcançando-lhe algumas de suas excelsas qualidades, não as do consumado estilista”. (JÚLIO, op. cit., p. 145)

Concluindo a sua análise de conjuntura sobre a América Latina, Sílvio Júlio acreditava que o verdadeiro levantamento sobre a cultura latino-americana somente teria êxito com a “conjunção de meios das universidades e grêmios intelectuais, libertos da fome do ouro, para a realização do ideal literário mais digno: o de demonstrar aos pósteros a riqueza ibero-americana, quer no verso, quer na prosa” (JÚLIO, op. cit., p. 139). Corroborando com este pensamento, quase três décadas após, Aguiar argumenta que há, aí, portanto,

uma América Latina muito concreta por construir [...] Com ela quero dizer que há trabalho a emprender, trabalho de campo, de gabinete, de escritores e universitários, como contribuição para o auto-conhecimento, base da solidariedade, entre os povos latino-americanos. Isto não é apenas uma declaração de princípios, ou uma frase retórica. Isso implica projetos de pesquisa, viagens, escritos, convencer agências de fomento, editoriais, provedores, capitais e trabalhos, isso exige captação de recursos, requer a união de visionários e administradores, de tino e tirocínio, e outros *quetais*. Ouso até dizer : pode ser que dê certo. Pode ser que dê frutos. Então iremos deitar sementes – e novas raízes – alhures. Pode até se que o mundo melhore um pouco. (AGUIAR, 2002, p. 68)

Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, ao escrever e publicar todos os seus estudos e pensamentos, foi esse visionário.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guilhermino Cesar costumava afirmar que “estudar a literatura rio-grandense é, de certo modo, abrir um livro de sociologia” (CESAR, 1956, p. 30). “Somos uma fronteira”, afirmava Érico Veríssimo (VERISSIMO, 1969, p. 3).

Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, desde quando pisou pela primeira vez em solo gaúcho, em 1915, assim entendia o Rio Grande do Sul, ou seja, uma fronteira com um enorme campo para observação e pesquisa, reforçando continuamente ao longo de suas obras que para estudar o homem pampeano e a gauchesca, certamente seria necessário um grupo composto por pesquisadores como biólogos, psicólogos, sociólogos, historiadores, físicos, lingüistas, antropólogos, etc, ou seja, um trabalho interdisciplinar.

Mais que isso, apaixonou-se pelo pampa, embora nunca tivesse deixado de observá-lo sob a ótica de um olhar estrangeiro, pois não esquecia a sua própria origem, nordestina, e nunca a negou. A maneira como o Rio Grande foi sentido por Sílvio Júlio, em pelo menos sessenta anos, deixou marcas no mestre e também em alguns de seus discípulos, como Ramiro Frota Barcelos e Manoelito de Ornellas, filhos da fronteira oeste, que o tinham como referência em suas falas.

Se as palavras voam e a escrita fica, foi o que nos restou da obra silviojuliana, obra esta praticamente esquecida pelas academias, talvez, devido à sua maneira autêntica de enxergar o mundo e comentá-lo, muitas vezes numa visão unilateral, é verdade, pois somente a partir dos anos oitenta é que vão surgir os primeiros diálogos sobre a obra silviojuliana, porém, essa obra subsidiada, antes de tudo pela informação adicional à sua fala, justificava seus argumentos, conseqüentemente, convencendo-nos.

Ao longo deste trabalho, procuramos observar as pesquisas e posicionamentos de Sílvio Júlio a partir dele próprio, descrevendo-o literalmente, por entendermos, muitas vezes, que não tivemos muitas alternativas, uma vez que, em todas as situações, suas reflexões costumavam vir repletas de exemplos e fontes, todas respeitáveis e coerentes, sempre apresentadas, como recomendava Rama quando se fizesse o exame da Literatura, a partir da “perspectiva culturalista e histórica” (RAMA, 1989, apud FANTINI, 2004, p. 164), fosse sobre o pampeano sul-rio-grandense, fosse sobre o platino.

Com tal caráter, Sílvio Júlio configurou-se, então, desde o princípio, como um Comparatista nato, pois além de se ocupar de escritores de origem brasileira, ocupou-se também, de maneira vanguardista para o seu tempo, daqueles surgidos na América hispânica, conforme pudemos observar ao longo de suas obras.

Das várias qualidades necessárias a um comparatista, a que destacamos em Sílvio Júlio é a sua capacidade de ser “sabedor das coisas”, por isso, comparava. Como afirma a Profa. Lisa Block de Behar, da Universidad Nacional Del Uruguay,

comparar y conocer se asocian en una acción epistemológica común ya que no es posible com-par-ar sin asimilar, sin remitir – que no es reducir – a tipos o categorías aquello que no tiene par o, precisamente, por no tener par se considera; cómo conocer sin abstraer, sin generalizar, sin la construcción de paradigmas que se desconstruyen consecutivamente, una tipología que la singularidad de la obra y del pensamiento impugnará en cada caso. (BEHAR, 1996, p. 140)

Nessa perspectiva, ou a partir dela, Sílvio Júlio fazia as suas análises: conhecia, por isso comparava. Ao tratar de relações de contato, interferências e circulação (Cioranescu, 1964), por exemplo, agia como comparatista, pois quando procurava distinguir o que era ou não obra literária ou procurava estudar relatórios de viagens, estudar a língua de determinado povo, fazia Literatura Comparada. Quando procurava acusar as possíveis influências nesse ou naquele escritor, nessa ou naquela obra, ou analisar dois textos paralelamente, como fez várias vezes, agindo como um verdadeiro detetive literário com o propósito de descobrir suas nuances, buscando “resultados artísticos autônomos”<sup>59</sup>, fazia Literatura Comparada.

Se ainda entendermos a referida expressão “resultados autônomos” como sendo a produção literária que apresenta a devida independência, aquela que ostenta personalidade própria, com a manutenção das características do seu autor e, ao mesmo tempo, reconhecendo em diferentes níveis os indícios de contato entre este autor e um outro, ou vários outros, Sílvio

---

<sup>59</sup> Cioranescu, op. cit, 1964, p. 92.

Júlio fazia Literatura Comparada, uma vez que esse caminho era seguido pelo autor pernambucano.

Ao contrastar as várias obras estudadas ao longo de sua vida, sem se importar, na maioria das vezes, se a mesma era de algum ícone literário ou não, levando-se em conta apenas o fato da obra transcender as fronteiras, geográficas ou imaginárias, procurando assemelhá-las a respeito de um mesmo tema, sem desmerecê-las, Sílvio Júlio fazia Literatura Comparada.

Quando do período entre 1915 e 1919, no interior sul-rio-grandense, produz a obra Pampa, portanto antes do movimento modernista, focalizando, propondo e discutindo temas como a necessidade, de fato, de formarmos uma base para a nossa literatura<sup>60</sup>, ao trabalhar a questão das diferenças entre as regiões norte e sul, quiçá, discutia Sílvio Júlio os antecedentes do movimento regionalista<sup>61</sup>. Ao falar do glebarismo, assim como do costumbrismo<sup>62</sup> do povo gaúcho e a visão entre a fronteira rural x urbano<sup>63</sup>, dos caudilhos, dos interesses políticos e financeiros<sup>64</sup>, da lei que imperava no pampa entre os homens<sup>65</sup>, da discussão sobre gênero<sup>66</sup>, da submissão brasileira e latino-americana aos países de primeiro mundo, em especial aos americanos<sup>67</sup> e das lendas e canções que identificam um povo e uma região<sup>68</sup>, o que fazia Sílvio Júlio se não Literatura Comparada?

Frente a tudo que via e sabia, Sílvio Júlio adotou o princípio de escrever e registrar seus pensamentos e conclusões, o que nos possibilita hoje, concordar ou discordar dele. Ao registrar, foge do que Pozenato (1996) chama de “ação irresponsável” daquele escritor que, vendo tudo o que acontece em sua volta, não denuncia, não questiona, não polemiza, omitindo-se.

Poderíamos classificar Sílvio Júlio ainda como um “fora do lugar”, se adotarmos o termo de Edward Said (2004, p. 429), ou ainda denominá-lo de um cidadão desterritorializado, completo estrangeiro em qualquer terra, pois o pernambucano não se posicionou nem em um pólo nem em um outro, colocando-se, quase sempre, também em situação de fronteira, assumindo-se como um homem que percorreu as margens, o que o permitiu transitar entre a literatura e o saber científico em toda a sua carreira.

---

<sup>60</sup> Sílvio Júlio, Pampa, Independência, p. 7.

<sup>61</sup> Sílvio Júlio, Pampa, Norte e Sul, p. 23

<sup>62</sup> Atenção especial, por parte de obras literárias ou artísticas, aos costumes típicos de um país ou região.

<sup>63</sup> Sílvio Júlio, Pampa, A alma gaúcha, p. 43.

<sup>64</sup> *ibid*, Politicalha, p. 91.

<sup>65</sup> *ibid*, A lei do pampa, p. 149.

<sup>66</sup> *ibid*, O amor e a mulher, p. 193.

<sup>67</sup> *ibid*, Colonização, p. 225.

<sup>68</sup> *ibid*, Lendas e Canções, p. 265.

Os críticos e intelectuais de hoje admitem que Sílvio Júlio foi uma das raras vozes a reconhecer, por exemplo, a proximidade entre o regionalismo gaúcho e a gauchesca (MASINA, 2002, p. 101), como também ser, possivelmente, o primeiro estudioso a perceber, de fora, o xenofobismo de certos estudiosos gaúchos (CHIAPPINI, 2001, p. 700).

O bibliófilo Júlio H. Petersen, gaúcho de Taquara e dono de uma das maiores bibliotecas particulares do Rio Grande do Sul, com quase trinta mil livros, palestrou sobre o tema *Sílvio Júlio e o Rio Grande do Sul* em evento realizado em 1981, sobre *Cultura Sul-Rio-Grandense*, em Porto Alegre/CILPEL/ICP, afirmando que o crítico pernambucano era extraordinário não só pela sua capacidade intelectual, mas, mesmo sendo um estrangeiro em terras pampeanas, “um estranho ao nosso meio, aos nossos costumes, a nossa história, ao nosso folclore, a nossa poesia, veio tornar-se n’um dos maiores divulgadores defensor e propagador de tudo aquilo que é tão nosso, que tanto nos identifica e que tanto nos enobrece” (PETERSEN, 1981, p. 121).

Para aquele que pesquisa sobre a obra silviojuliana, não fica claro o porquê de ter sido Sílvio Júlio, até certo ponto, desconsiderado pelo estudo acadêmico. No entanto, foi esse pernambucano que se tornou gaúcho, segundo ainda palavras de Petersen, que em 1953, no mesmo ano em que Antonio Candido afirmava que “estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada” (CANDIDO, 1993, p 211), lançava Estudos Gauchescos de Literatura e Folclore, cujos temas destacavam a sua *fôrma* favorita, ou seja, a essência do homem pampeano, acrescentando ainda análises sobre os autores sul-rio-grandenses Alcides Maya, João Simões Lopes Neto e Augusto Meyer, além das *Nótulas lingüísticas à obra de Simões Lopes Neto por Aurélio Buarque de Holanda*.

Se a Crítica qualifica Sílvio Júlio como purista na atualidade por este julgar negativamente João Simões Lopes Neto quanto à escritura utilizada pelo autor pelotense na composição dos Contos Gauchescos, quiçá, sem querer amenizar o pensamento do pesquisador nordestino, Sílvio Júlio não tenha entendido o real propósito de Lopes Neto, que era o de demonstrar toda a sua relação, a sua identificação “com os campeiros que tanto amou”, como afirma Lúcia Miguel-Pereira (PEREIRA, p. 216, 1988).

Contudo, se percebemos elementos de radicalidade, retrógrados em alguns momentos no julgamento silviojuliano, não podemos esquecer que suas ações, muitas vezes modernas, visionárias, foram vistas ou repassadas para nossos olhos contemporâneos de hoje, já impregnados por teorias modernas, ou mesmo, pós-modernas.

O julgamento sobre Simões Lopes é um exemplo disso, pois na atualidade temos pesquisadores como Lúcia Chiappini e Aldy Schlee, autores de trabalhos críticos sobre a obra

simoniana, como também Cláudia Antunes, doutora pela Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, cuja tese é a respeito da obra e vida de Simões Lopes Neto, sem esquecer os colaboradores locais da cidade natal do próprio autor pelotense, como Luis Artur Borges, conselheiro do Instituto João Simões Lopes Neto, e Agemir Bavaresco, professor e pesquisador da Universidade Católica de Pelotas.

Então, seja a partir da figura de Blau Nunes, ou não, se entendemos, idealizamos ou queremos guardar, ou ainda divulgar na consciência coletiva o gaúcho como

aquele *guasca* dos primeiros tempos, mistura de índio, espanhol e português, que percorria a região em busca de couro e sebo; como aquele gaudério que realizava incursões em território inimigo roubando gado; como o tropeiro que abriu os caminhos e integrou o que viria a ser o Rio Grande do Sul ao Brasil; aquele guerreiro que arregimentado pelo patrão<sup>69</sup>, lutou (e serviu de bucha de canhão) em todos os conflitos que envolveram a região e o peão que ainda hoje, em seu trabalho diário, doma a natureza (MACIEL, 2000, p. 82).

tal gaúcho, Sílvio Júlio cantou e demonstrou em suas falas tanto no Brasil, quanto fora dele, mas sem deixar de lembrar que este *guasca* tem profundas ligações com a matriz platina, que não nasceu com a vinda dos imigrantes açorianos, e que, na maioria das vezes, aquela “imagem do gaúcho consagrada pela literatura e pela iconografia: um senhor alto e robusto, de largas bombachas de bom pano, botas finas, esporas de prata, lenço vermelho ao pescoço, afirmando que ainda é libertador e que seu avô foi federalista” (VERÍSSIMO, 1969, p. 11), não significa que as demais regiões do país concordem que este “modelo” de representação regional, ou local, possa assumir o caráter de símbolo nacional, como assim o desejaram os representantes pampeanos.

Aprofundando suas pesquisas sobre a cultura sul-rio-grandense, Sílvio Júlio viu-se obrigado a falar do étimo de algumas palavras praticadas no estado, e pelo que se percebeu quase sempre tais reações viam de encontro ao posicionamento dos literatos aqui nascidos, quando insistiam em defender unicamente a matriz lusitana como “descobridora” dessas terras.

Por essa razão, Sílvio Júlio incluiu na obra de 1962, Literatura, folclore e lingüística da área gauchesca no Brasil, uma reedição ampliada da de 1953, um glossário com palavras do cotidiano gaúcho, fazendo uso, como era seu costume, de vários exemplos e citações

---

<sup>69</sup> Como mostrou Chasteen, em Fronteira Rebelde.

latino-americanas para explicá-las, sempre com o objetivo de reforçar, se não a origem, ao menos a extensiva colaboração platina na formação do povo sul-rio-grandense.

Em 1974, retoma o tema gauchesco com Folclore e Dialectologia do Brasil e Hispanoamérica, enfatizando temas já discutidos anteriormente como o étimo de palavras como o *pampa*, *campanha* e *cuchilha*. Volta a afirmar que, sozinho, nenhum pesquisador conseguiria estudar o Rio Grande do Sul por inteiro, se não acompanhado de outras disciplinas como a Fisiologia, a Psicologia, a Sociologia, a História, o Folclore.

Logo, sugeria como também praticava a discussão a respeito do trabalho interdisciplinar, entendendo desde cedo e repetindo inúmeras vezes ao longo de suas obras, que qualquer disciplina possuía esse traço móbil, necessário para a sua ação e atuação.

Corroborando com essa idéia, CALVALHAL explica que

se a especificidade da literatura comparada era assegurada por uma restrição de campos e modos de atuação, hoje essa mesma especificação é lograda pela atribuição à literatura comparada da possibilidade de mover-se entre várias áreas, apropriando-se de diversos métodos, exigidos pelos objetos que coloca em relação (CARVALHAL, p. 35. 2003).

Nesse contexto, também visualizava a necessidade do trabalho intertextual como resultado final, nos moldes do que propunha e difundiu Júlia Kristeva. Sílvio Júlio entendia que a propriedade do texto literário se construía “como um mosaico de citações, como absorção e transformação de um texto em outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se o de intertextualidade e a linguagem poética lê-se, ao menos, como dupla” (KRISTEVA, 1969 apud NITRINI p. 161, 1997).

A partir desse processo de observação e leitura<sup>70</sup> comparativa sobre os vários textos trabalhados em sua obra, Sílvio Júlio criava seus argumentos, conseqüentemente, levando-nos a reformular nossos próprios conceitos.

Quando analisamos o conjunto da obra silviojuliana, percebemos o quanto ele se enquadra no que Guyard (1994, p. 97) definia como pressupostos para alguém ser comparatista, ou seja: 1. Ser historiador. Foi possível verificar em todas as obras comentadas nesse trabalho o profundo conhecimento de Sílvio Júlio sobre a História mundial, mesmo porque ele era Doutor em História. 2. Ser um conhecedor das literaturas dos diversos países, em especial os sul-americanos. Como viajou a América Latina muitas vezes, por exemplo,

---

<sup>70</sup> NITRINI nos lembra que o ato de “ler”, para os antigos significava “recolher, colher, espiar, reconhecer os traços, tomar, roubar. Ler denota, pois, uma participação agressiva, uma expropriação ativa do outro” (NITRINI, p. 162, 1997).

desde os seus dezenove anos de idade, conhecia como poucos de sua época a realidade dos povos latinos, como também os intelectuais, na sua maioria, amigos íntimos de Sílvio Júlio. 3. Ler em vários idiomas. Sílvio Júlio era um poliglota. Não apenas lia como falava fluentemente vários idiomas. 4. Saber onde encontrar a bibliografia correta, os dados necessários para embasar seus argumentos. Agir como uma verdadeira águia foi a sua maior característica, pois saber onde procurar o que queria era o seu o “carro-chefe” de trabalho, resultando enquanto obra o que nos deixou Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, uma vez que sendo um leitor desde a fase juvenil, não só fichava tudo que lia, como pesquisava e mantinha contato com intelectuais de muitos locais no globo. Além disso, possuía uma biblioteca com mais de doze mil livros, que num dado momento decepção com o país, foi doada à Universidade de Lima.

Ainda falando em “enquadramentos”, certamente Sílvio Júlio se encaixaria na definição de Guillén, que assim definia um ser comparatista: “es quien se atreve a molestar, no pocas sino muchas veces, a los amigos y colegas” (GUILLÉN, p. 10, 1985).

Assim, pleno de informações, estava apto, na maioria das vezes, a assumir a posição de frente da discussão, fosse ela lingüística ou literária.

Portanto, desempenhando o papel de crítico literário, professor, jornalista, filólogo ou dialectólogo, a contribuição deixada por Sílvio Júlio de Albuquerque Lima para o contexto cultural, literário e lingüístico latino-americano ou brasileiro, especialmente para o estado do Rio Grande do Sul, não só é imensa quanto intensa.

Reconstruir sua imagem e seu valor faz-se necessário, seja no espaço acadêmico, seja fora dele, considerando que sua vida acadêmico-literária não foi curta: começa ainda quando era aluno Colégio Militar do Rio de Janeiro, em 1908, e finda com a sua morte quase solitária em um hospital na cidade de Petrópolis-RJ, no dia 2 de setembro de 1984.

Se foi polêmico, questionador, orientador, o foi com competência, originalidade e estilo. Conforme observado pelo escritor pelotense Luis Borges,

Numa época de nacionalismo exacerbado, Sílvio Júlio falava da interculturalidade Brasil/Prata; no tempo do autoritarismo getulista, proclamava a democracia; no momento histórico em que as inovações estéticas do Modernismo, então denominado futurismo, consolidavam suas conquistas e os que se opunham eram ridicularizados, ousou defanastar Mário de Andrade (BORGES, p. 30, 2006).

Contudo, nadando contra a maré ou não, Sílvio Júlio de Albuquerque Lima foi um intelectual que fazendo uso única e exclusivamente do argumento, ousou, inovou, desafiou e contribuiu à constante reflexão sobre conceitos e preceitos de nossa literatura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **Bibliografia Citada:**

- AGUIAR, Flávio. *A América Latina não existe*. In. MARTINS, Maria Helena. Fronteiras Culturais – Brasil – Uruguai – Argentina. (Org). São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- ARISTOTELES. Poética. CBL, São Paulo, 1995.
- AZAMBUJA, Darcy. No Galpão – Contos Gauchescos. 8ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1960.
- AZEREDO, Flávio Antônio de. Herança açoriana nas danças tradicionais do Rio Grande do Sul. Santa Cruz: Edunisc, 2003.
- BAUMGARTEN. Carlos Alexandre. A Crítica Literária no Rio Grande do Sul – Do Romantismo ao Modernismo. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1997.
- \_\_\_\_\_. Literatura Sul-Rio-Grandense : ensaios. Rio Grande: Editora da FURG, 2000.
- BRANDÃO, Carlos. O que é Folclore. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BEHAR, Lisa Block de. *La Vision Crítica de Carlos Real de Azúa: El impulso y su freno*. In: O Discurso Crítico na América Latina. Porto Alegre: Unisinos, 1996.
- BORGES, Luís Arthur. Sílvio Júlio como crítico simoniano. FILIN/UCPEL/CEFETRS/NEL/Inst João Simões Lopes Neto. Pelotas, 2006. Inédito.
- CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000; São Paulo: EDUSP, 1975.
- \_\_\_\_\_. Recortes. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CARVALHAL, Tania. O próprio e o alheio – Ensaio de literatura comparada. São Leopoldo: Unisinos. 2003.
- \_\_\_\_\_. Simões Lopes Neto e a Literatura Gaúcha: o particular e o geral. In: CRUZ, Cláudio (org). Simões Lopes Neto. Porto Alegre, EU, 1999.

- CESAR, Guilhermino. História da Literatura do Rio Grande do Sul – 1737-1902. Coleção Província, Vol 10. Porto Alegre: Editora Globo, 1956.
- CHASTEEN, Charles. Fronteira Rebelde: a vida e a época dos últimos caudilhos gaúchos. Trad. Rafael Segá, Thelma Belmonte, Élvio Funck. Porto Alegre: Movimento, 2003.
- CHIAPPINI, Lígia. No entretanto dos Tempos. Literatura e História em João Simões Lopes Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Multiculturalismo e Identidade Nacional*. In: MARTINS, Maria Helena. Fronteiras Culturais. (Org). São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Fronteiras culturais e cultura fronteiriça na comarca pampeana: obras exemplares*. In: CHIAPPINI Lígia; MARTINS Maria H.; PESAVENTO Sandra (Orgs). Pampa e Cultura – de Fierro a Netto. Porto Alegre: Editora da UFRGS/IEL, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Martin Fierro é brasileiro?* Op. cit. 51-74
- \_\_\_\_\_. *Martin Fierro e a Cultura gaúcha do Brasil*. In: LOIS, Élida y NÚÑEZ, Ángel, Coordenadores. Martín Fierro – José Hernández – edición crítica. 1ª ed. Colección Archivos, nº 51. Madri; Barcelona; La habana; Lisboa; París; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José; Caracas: ALLCA XX, 2001.
- CIORANESCU, A. Princípios de literatura comparada. Universidad de La Laguna, 1964.
- DACANAL, José Hildebrando. *A miscigenação que não houve*. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (Orgs). RS: Cultura & Ideologia. 2ª ed., Porto Alegre : Mercado Aberto, 1996, p. 30-31.
- FANTINI, Marli. *Águas turvas, Identidades Quebradas – hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem e outras misturas*. In: ABDALA JR., Benjamim, Org. Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras culturas. São Paulo: Boitempo, 2004
- HARTOG, François. O espelho de Heródoto – Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora UFMGS, 1999.
- HOHLFELDT, Antônio. *O Gaúcho: Tipo Social de Tríplice Representação*. In: Cone Sul : fluxos, representações e percepções. MARTINS, Maria Helena, CHIAPPINI, Lígia (Orgs). São Paulo: Hucitec, 2006.
- GUILLÉN, Claudio. Entre lo uno y lo diverso. Introducción a la literatura comparada. Barcelona: Editorial Critica, 1985.

- GUYARD, Marius-François. *Objeto e método da Literatura Comparada*. In: COUTINHO, Eduardo e CARVALHAL, Tania (org). Literatura Comparada – Textos Fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- KOSHIBA E PEREIRA. Américas: uma introdução histórica. São Paulo: Atual, 1992.
- LEVI STRAUSS, Claude. *L'identité*. In: BERND, Zilá. Literatura e Identidade nacional. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.
- LOPES NETO, João Simões. Terra Gaúcha. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- \_\_\_\_\_. Contos Gauchescos e Lendas do Sul. Ediouro. S/d.
- \_\_\_\_\_. Cancioneiro Guasca. Porto Alegre: sulina, 1999.
- MACIEL, Maria Eunice de Souza. *Apontamentos sobre a figura do gaúcho brasileiro*. In: BERND, Zilá. Olhares cruzados. (org). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- MARTINS, Wilson. A crítica Literária no Brasil. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.
- MASINA, Lea. *A Gauchesca Brasileira: Revisão Crítica do Regionalismo*. In: MARTINS, Maria Helena. Fronteiras Culturais. (org). São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Influxos platinos na Literatura Brasileira*. In: ABRALIC. Congresso Internacional (8:2002: Belo Horizonte, MG). Anais: Plenárias, semiplenárias. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- \_\_\_\_\_. Alcides Maya. Um sátiro na terra do Currupira. Porto Alegre, IEL; São Leopoldo : Unisinos, 1998, p. 205).
- MAYA, Alcides. Ruínas Vivas. 2ª ed. Porto Alegre: Movimento/UFSM, 2002.
- MEYER, Augusto. Cancioneiro Gaúcho. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1959.
- \_\_\_\_\_. Prosa dos Pagos – 1941-1959. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.
- MIRANDA, Paulo. História Geral. 7ª ed. Belo Horizonte: Livraria Lê, 1975.
- MORENO, César Fernandes. *O que é América Latina?* In: América latina em sua Literatura. São Paulo: Perspectiva/Unesco, 1972.
- MOISÉS, Massaud. A análise literária. 15ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.
- NITRINI, Sandra. Literatura Comparada.: história, teoria e crítica. São Paulo: EDUSP, 1997.
- ORNELLAS, Manoelito. Máscaras e Murais de Minha Terra. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1966.
- OLIVEN, Ruben George. *Revistando a tradição*. In: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Porto Alegre, Vol. 15, 1992, pg. 31-45.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. História da literatura brasileira:prosa de ficção – de 1870 a 1920. Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo : EDUSP, 1988.

- PESSOA, Fernando. Mensagem - poemas esotéricos. Edición crítica, José Augusto Seabra, coordinator. Colección Archivos: 1ª reimp.; 28. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago do Chile: ALLCA XX, 1997
- PETERSEN, Júlio H. *Sílvio Júlio e o Rio Grande do Sul*. In: Cultura Sul-Rio-Grandense. Org. Moacyr Flores. Escola Superior de Teologia, Porto Alegre, 1981.
- POZENATO, José Clemente. *Um depoimento*. In: O Discurso Crítico na América Latina. Porto Alegre: Unisinos, 1996.
- RAMA, Ángel. *Diez problemas para el novelista latino americano*. In: La novela em America latina. Montevideo/México: Fundación Ángel Rama/Universidad Veracruzana, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Transculturación narrativa em América Latina*. 2ª ed. México: Siglo XXI, 1982.
- RAMIL, Vitor. *A estética do frio*. In: Nós, os gaúchos, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.
- REMAK, Henry H. H. *Literatura Comparada: Definição e Função*. In: COUTINHO, Eduardo e CARVALHAL, Tania (org). Literatura Comparada – Textos Fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- RICOEUR, Paul. *Temps et récit*. In: BERND, Zilá. Literatura e Identidade nacional. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.
- SAID, Edward. Fora do Lugar: memórias. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SÍLVIO JÚLIO de Albuquerque Lima. Pampa. Fortaleza. ed. s. cit., 1919.
- \_\_\_\_\_. História e Localismo – Sobre os livros de Ariosto González. Rio de Janeiro: Editora Leite Ribeiro F. Bastos, 1928.
- \_\_\_\_\_. Estudos Gauchescos de literatura e folclore. Edição do Clube Internacional de Folclore, Delegação do Brasil, Rio Grande do Norte, Natal. 1953.
- \_\_\_\_\_. Literatura, folclore e lingüística da área gauchesca no Brasil. Rio de Janeiro, A. Coelho Branco Filho (ed.), 1962.
- \_\_\_\_\_. Folclore e Dialectologia do Brasil e Hispanoamérica. Rio de Janeiro. 1974.
- TAMBARA, Elomar (org). Viajantes e cronistas na região dos Gaúchos – Séc. XIX. Pelotas: Seiva Publicações, 2000.
- VASCONCELLOS, Francisco. Sílvio Júlio – Um clarão na América. Petrópolis, Ed. s. cit. 1975.

VERISSIMO, Érico. *Um romancista apresenta sua terra*. In: Rio Grande do Sul – Terra e Povo. 2 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

VIANA, Javier de. Gaucha. Montevideo: Ediciones Tauro, 1967.

### **Bibliografia da Internet:**

MACHADO, Lia e STEIMAN, Rebeca. *Limites e fronteiras internacionais – uma discussão histórico-geográfica*. <http://acd.ufrj.br/fronteiras/pesquisa/fronteira/02avulsos04.htm>. Acesso em 4 de set 2006.

### **Referências Discográfica:**

Os Serranos. *Criado em Galpão*. Galpão Crioulo. ed. 1998. Faixa 1, Porto Alegre: Equipe Som Livre/RS, 1998.

MARENCO, Luiz e TEIXEIRA, Gujo. *Quando o verso vem pras casa*. O melhor de Luiz Marengo. Porto Alegre, 2006.

### **Bibliografia Consultada:**

ANDRADE, Ana, CAMARGO, M. Lucia, ANTELO, Raúl (orgs). Leituras do ciclo. Florianópolis: ABRALIC: Chapecó: Grifos, 1999.

ASSUNÇÃO, Fernando O. El Gaucho – su espaço y su tiempo. Montevideo: Editorial Arca, 1969.

AZEREDO, Flávio Antônio. Herança açoriana nas danças tradicionais do Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul: Ununisc, 2003.

BAVARESCO, Agemir. Aprender a ser gaúcho: A salamanca do Jarau de João Simões Lopes Neto. Porto Alegre: WS Editor, 2003.

CARVALHAL, Tania. Culturas, contextos e discursos: limiares críticos do comparatismo. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

\_\_\_\_\_. Literatura Comparada. São Paulo: Ática, 2004.

CASTELLO, Iára et al. Práticas de Integração nas Fronteiras – temas para o Mercosul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Instituto Goethe/ICBA, 1995.

- CASTELLS, Manuel. O poder da Identidade. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. Vol. 2. São Paulo: Paz na Terra, 2001.
- CESAR, Guilhermino. Notícias do Rio Grande. CARVALHAL, Tania (org). Porto Alegre: IEL/ Editora da Universidade/UFRGS, 1994.
- \_\_\_\_\_. Primeiros Cronistas do Rio Grande do Sul – 1605-1801. 2 ed. Porto Alegre: ADURGS, 1981.
- CHIAPPINI, Ligia. Regionalismo e modernismo. São Paulo: Ática, 1978.
- \_\_\_\_\_. O foco narrativo. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2005.
- CONI, Emílio. El Gaucho. Argentina-Brasil-Uruguay. Buenos Aires: Ediciones Solar. 1969.
- DRUMMOND, Pizarro. Sílvio Júlio e o Americanismo Brasileiro. Rio de Janeiro: Separata da Revista da Academia Carioca de Letras, 1977.
- ESTRADA, Ezequiel Martinez. Radiografía de la Pampa. Colección Archivos. Edición crítica, Leo Pollmann, coord. 2ª ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima; ALLCA XX, 1996.
- MACHADO, Propício da Silveira. O gaúcho na História e na Linguística. Santa Maria: Pallotti, 1966.
- MASINA, Léa. Percursos de Leitura. Porto Alegre: IEL: Movimento, 1994.
- MELO, Veríssimo. Saudades de Sílvio Júlio. Recife: Jornal do Comércio, 1984.
- MÍGUEZ, Eduardo J. El mundo de Martín Fierro. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires-EUDEBA, 2005.
- ORNELLAS, Manoelito. Gaúchos e beduínos: a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul. 4ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.
- PIZARRO, Ana. América latina – Palavra, Literatura e Cultura. Vol 2. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994.
- RAMA, Ángel. Los Gauchipolíticos Rioplatenses. Montevideo: Arca, 1982.
- RIVERA, Jorge B. Poesia Gauchesca: B. Hidalgo; L. Pérez; M de Araújo; H. Ascasubi; E. del Campo; J. Hernández. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.
- SANTOS, Joaquim Eloy. Sílvio Júlio – Nossos Acadêmicos. Petrópolis: Jornal Tribuna, 2001.
- SANTI, Álvaro. Do Partenon à Califórnia: o nativismo e suas origens. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- SCHLEE, Aldyr Garcia. Contos Gauchescos e Lendas do Sul. Edição Crítica. Porto Alegre: IEL: Unisinos, 2006.
- SCHULER, Fernando, BORDINI, Maria da Gloria (orgs). Cultura e Identidade Regional. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

- SILVIO JÚLIO de Albuquerque Lima. Espelho. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1919.
- \_\_\_\_\_. Reações na Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1938.
- \_\_\_\_\_. História, Literatura e Folclore da América Espanhola. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Fº, 1945.
- \_\_\_\_\_. Conexões Folclóricas e Literárias na Poesia do Brasil. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Fº, 1965.
- \_\_\_\_\_. Achêgas Peruanas – a literatura de iberoamérica. Rio de Janeiro: Revista Continente Editorial Ltda, 1983.
- SLATTA, Richard W. Gauchos & the vanishing frontier. Nebraska: Nebraska Press, 1992..
- STEINER, G. *O que é Literatura Comparada*. In: Nenhuma paixão desperdiçada. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- TARGA, Luiz Roberto P. (org). Breve inventário de temas do sul. Porto Alegre: UFRGS:FEE; Lajeado: Univates, 1998.
- VASCONCELLOS, Francisco. Câmara Cascudo – do Potengi ao Piabanha. (Cartas entre Sílvio Júlio e Câmara Cascudo). Ed. s. cit. Natal – Petrópolis, 1989.
- \_\_\_\_\_. Sílvio Júlio – Roteiro de um polígrafo através da imprensa. Ceará: Revista Itaytera, nº 23. 1980.
- \_\_\_\_\_. O espanholismo no Vestibular – Sílvio Júlio de Albuquerque Lima. Petrópolis, ed. s. cit., 1985.
- \_\_\_\_\_. O pernambucano Sílvio Júlio. Rio de Janeiro: Grumere Serviços Editoriais, 1981.
- ZILBERMAN, Regina. A Literatura no Rio Grande do Sul. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

